

# DOUTRINA DO ENGROSSAMENTO

POR

*Graciano Neves*



Organização, estudo e notas

Raoni Huapaya

# DOUTRINA ...—DO—... ENGROSSAMENTO

POR

*Graciano Neves*

Organização, estudo e notas

Raoni Huapaya

Editora do Ifes

2016



Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo

Avenida Rio Branco, nº 50 – Santa Lúcia

29056-264 – Vitória – ES

[www.edifes.ifes.edu.br](http://www.edifes.ifes.edu.br) | [editora@ifes.edu.br](mailto:editora@ifes.edu.br)

Reitor: Denio Rebello Arantes

Pró-Reitor de Administração e Orçamento: Lezi José Ferreira

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional: Ademar Manoel Stange

Pró-Reitora de Ensino: Araceli Verónica Flores Nardy Ribeiro

Pró-Reitor de Extensão: Renato Tannure Rotta de Almeida

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Márcio Almeida Có

Secretário de Cultura e Difusão: Eglair Carvalho

Coordenador da Edifes: Nelson Martinelli Filho

Produção editorial: Rodolpho Breciani

Revisão de texto: Raoni Huapaya

Capa, Projeto Gráfico e Editoração: Joelma Passos

---

N518 NEVES, Graciano.

Doutrina do Engrossamento./ Organização, estudo e notas Raoni Huapaya – Vitória: Edifes, 2016.

170p.

ISBN: 978-85-8263-138-6

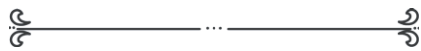
1. Literatura brasileira. 2. Humor e sátira brasileiros. I. Neves, Graciano. II. Título.

CDD - 658:004

## NOTA DO ORGANIZADOR

A presente edição de *Doutrina do Engrossamento* partiu do texto estabelecido postumamente pela Flores & Mano, Rio de Janeiro, 1935, com prefácio de Madeira de Freitas (que lançamos como anexo a esta publicação), fundamentada na primeira edição, de 1901, e em cotejo com a terceira edição, Artenova, Rio de Janeiro, 1978. Aqui, a ortografia e a pontuação foram atualizadas. Os erros tipográficos foram corrigidos e, quando necessário, mencionado nas notas, que se encontram no rodapé da página, divididas por seções ou capítulos do ensaio. Para se diferenciar de algumas poucas notas do autor em seus originais, adotamos o itálico em caixa alta para as de Graciano Neves.

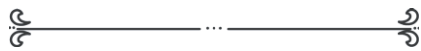
\* \* \*



**DOCTRINA**  
...—DO—...  
**ENGROSSAMENTO**

POR

*Graciano Neves*



# PREFÁCIO

*(do Exmo. Sr. Senador Federal, Melício de Seixas)*

Estas linhas não espelham a banalidade comum da recomendação ao simpático leitor de um trabalho didático qualquer.

Escopo mais alevantado impõe à minha velha experiência de homem público – irresistível coação de estampar, em palavras breves, a grata emoção de meu espírito, ao meditar sobre essa obra que condensa o sentimento vitorioso da sociedade moderna.

A “*Doutrina do Engrossamento*” não é simplesmente um manancial fecundo de lições práticas para as regras do bom viver: é a mais preciosa consagração de ternura e de afeto que se pode prestar ao momento histórico de nossa querida pátria.

Quem remontar a fase guerreira do homem primitivo e estudar os primeiros ensaios da organização das tribos, a tendência natural desses núcleos humanos, imprimindo desde logo o espírito da disciplina coletiva ante a autoridade de um chefe; quem comparar esse estado rudimentar da antiguidade com a situação dominante da ordem no seio da organização social de nossos tempos,



verá facilmente, na *“Doutrina do Engrossamento”*, desdobrada em paisagem encantadora e com a lógica irreduzível dos fatos — toda a história da humanidade, sob as cintilações da verdade científica e do raciocínio filosófico.

Não há assunto ali abordado que não tenda para a prova substancial de uma questão que traduz o patriótico anseio de nossos dias: a necessidade de avigoração do elemento conservador da sociedade para garantia da ordem, assentando sobre esta o sólido arcabouço do capital e a consideração real de que — é em torno dessa força única e fundamental que se operam todas as transformações sociológicas, se exercitam todas as reformas políticas e se realizam os festivais de todos acontecimentos humanos.

É da obediência salutar a autoridade constituída que germinam os rebentos mais viçosos da ordem, é sob a ação impecável dessa disciplina que argamassa-se e desenvolve-se a fortuna pública, e é no regaço protetor desta última, que a ideia da pátria cresce, avoluma-se e chameja nas manifestações mais palpitantes do sentimento comum.

Pátria, mera subjetivação de um ideal criado na permuta dos interesses da grande família humana, símbolo permanente do sentimento instintivo das raças que surgiram triunfantes na conquista do solo, não é hoje senão a mesma ficção que serve para determinar a sublime relação existente entre os povos, sob o ponto de vista dos grandes interesses econômicos.

E o que são esses grandes interesses senão o reflexo da grandeza material de um país, da opulência de sua cultura, da prosperidade de suas indústrias, da florescência de seu comércio, da real e efetiva existência do capital, única força alentadora do crédito público e de todas as energias morais de uma nação?

Por isso é que a preponderância do elemento conservador na sociedade gera a garantia mais eficaz do desenvolvimento progressivo do capital — esteio formidável que ampara, através de todos os embates, o prestígio sempre crescente dos governos constituídos.

Felizmente, em nessa estremecida pátria, a opinião pública já compreendeu a necessidade dessa doutrina; na consciência do povo, a aspiração de operar transformações no cenário político da federação republicana não viceja mais com o intenso furor de passadas lutas.

Nem as perturbações intestinas derivadas de revoltas malogradas, nem o expediente cansado e já desmoralizado dos processos eleitorais preocupam, em nossos dias, o ideal dos partidos.

Não há hoje veleidade que nutra esses doces sonhos de outrora, em que a esperança falaz dos políticos arregimentados criara para as crises agudas dos partidos a solução revolucionária da força ou a solução constitucional das urnas.

Uma fusão benfazeja de sentimentos e opiniões, quer do elemento reacionário e lutador, quer dos velhos apreciadores da soberania nacional, entronou triunfalmente na saliente culminância dos destinos políticos de nossa pátria — a dinastia do Engrossamento.

O espírito reinante da época inaugurou, sob os troféus das loucuras do passado, esse novo regime de paz, de concórdia e de amor que será, no Brasil, o legítimo *Cyreneo* das instituições democráticas.

Enferrujem-se, pois, os punhais tintos de sangue fraticida; substituam-se dos canos das *Winchesters* as balas mortíferas dos combatentes pela doçura magestática de uma carga de *confettis*; arremesse-se para o pó dos museus,

como fósseis dos megatérios antigos esses grossos canhões que espalham o terror nos campos de batalha; afundem-se os barcos em cujo o bojo encarcera a destruição os estilhaços da morte e pôr sobre a superfície serena da terra e do mar, que o filtro mágico da fraternidade bendita escoe – como o aljofre das manhãs alegre na corola delicada das flores – a ternura sedutora da obediência afetuosa nas profundezas do coração dos homens disciplinados.

Esse voto espontâneo, que explode de um peito sincero que já gozou da harmonia suave dos ditirambos dedilhados nas regiões elevadas do poder, exprime um conselho amigo à mocidade republicana, aquela que tem de escalar a trilha encantadora dos princípios da salutar *“Doutrina do Engrossamento”*.

Venho, encanecido nos labores do parlamento nacional, de um centro onde a eficácia das ideias ali expendidas determinou sempre para a posição política do representante do povo, farta compensação às dificuldades do mandato; e, da minha curul lustrada nos ensinamentos dessa doutrina consoladora, colhi, numa temporada feliz de apoio incondicional ao governo da república, fecundos resultados a maior satisfação de meus anelos.

Esse amorável desprendimento constitui, nos nossos dias, a vereda auspiciosa por onde deverá ascender até o vestíbulo do poder, a aspiração da juventude patriótica!

E assim deve ser. Consolidar as instituições é a necessidade indeclinável do momento e a fórmula única por onde deve ser aferido o verdadeiro sentimento patriótico.

Assegurar confiança à administração pública do país, imolar, se tanto for preciso, como o velho Abraham, tudo quanto há de mais caro na vida para servir ao Senhor, fumejar na ara do sacrifício, em espirais de fumo vivificador, o incenso desse culto austero do bem, é uma

obra meritória que só é dado praticar aos levitas do novo sacerdócio político.

Assim agindo, gozaremos de tranquillidade invejável em uma era de verdadeira regeneração nacional em que o elemento conservador do país, alicerçado na mais eminente de suas garantias — a ordem pública — irá definitivamente, estabelecer a soberania de qualquer instituição política, a majestade gloriosa do capital.

Estas rápidas considerações sobre o valor inestimável de uma obra confiada ao juízo do modesto servidor da pátria que subscreve estas linhas, obedecem à sugestão imperiosa de meu devotamento à causa pública, no alvitre que vou sugerir aos governos dos Estados.

Aprendi em seis longos anos de estadio senatorial o dulcíssimo engenho de desempenhar satisfatoriamente as altas funções legislativas.

Todos os processos usuais na pátria por excelência do *pale-ale* e do *double stout*, de que nos fala Max O'rell, exercitados com maestria no parlamento da Inglaterra pela aristocracia conservadora dos *lords* britânicos, experimentei eu, em escala mais moderada, na alta câmara do meu país.

Posso, portanto, falar de cadeira e com a autoridade de um convencido que não impinge desacertados conselhos à inexperiência dos governos.

Verifiquei que, só os processos engrossatórios puderam vencer, em toda a linha, à mais irresistível das tendências negativas do governo da república.

Seria longo, enfadonho até, enumerar aqui os valerosos triunfos obtidos pela engenhosa combinação de planos estudados, quando tinha de enfrentar situação melindrosa, estando em jogo a habilidade profissional de minha acrobacia política.

Jamais, ufano-me em proclamá-lo, rancor presidencial, tédio administrativo ou má vontade do executivo, lograram imperar sobre a minha individualidade abatida, horas vitoriosas de altíssimo desdém.

Vencedor de todas as campanhas, onde a tática engrossatória apurou-se como tal evidência a despertar sinceras homenagens, sinto-me perfeitamente habilitado a afirmar que a “*Doutrina do Engrossamento*” do doutor Guedes Jr. vem assegurar incalculável prestígio a autoridade dos governos constituídos.

E é por esse motivo, que tratando-se de uma obra meritória como essa, magistralmente traçada por mão de eminente político, o meu dever, embora afastado das lutas partidárias, é selar com a responsabilidade de meu humilde nome e do meu passado senatorial, os belos ensinamentos que destilam de manancial tão propício ao regime das administrações republicanas.

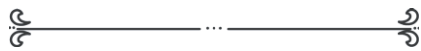
É tal convicção de minhas ideias sobre as vantagens da doutrina engrossatória que, se tivesse a suprema honra de dirigir qualquer dos estados da república, por delegação espontânea de meus concidadãos, não teria a menor dúvida em fazer adotar o importante trabalho na instrução pública, iluminando o espírito da mocidade das escolas com o faixo brilhante desses princípios vitoriosos.

Oxalá ecoassem esses sentimentos de real expressão no ânimo varonil de todos os beneméritos servidores de nossa pátria e estou plenamente convencido de que, sem esquivas tardanças, mais um ato de relevância patriótica anexariam eles ao já inestimáveis serviços prestados à república.

Se esse alvitre merecer as honras de uma aceitação razoável, bendirei o nome laureado do autor que magnânimas lições de patriotismos vai prodigalizar à

esperançosa geração, de cujo seio já tem saído e há de sair ainda, mercê de Deus, os mais vigorosos representantes da soberania nacional.

\* \* \*



# AO CONGRESSO FEDERAL

(DEDICATÓRIA)

*Aos que são e aos que hão de ser...*

Nunca, evidentemente, uma produção literária precisou tanto de uma Dedicatória, como o presente trabalho; e o autor daria uma prova antecipada e flagrante de insinceridade e incoerência, se não colocasse as suas humildes doutrinas sob a inovação de uma entidade ilustre e poderosa.

Se lhe fosse facultativa a escolha de um excelso nome, se o não houvessem retido delicados escrúpulos de parecer importuno e se a homenagem deste volume não representasse um preito tão insignificante, certamente o autor saberia a quem dedicá-lo, com o profundo respeito e o veemente entusiasmo que já tem manifestado em numerosos brindes de honra, como está pronto para sustentar com testemunhas absolutamente fidedignas.

Todavia, na cruel necessidade de não poder cumprir os votos mais íntimos do seu coração, recorrendo ao nome augusto que lhe não é dado publicar aqui, o



autor entendeu que os mais rudimentares deveres de gratidão exigiam que esta Dedicatória fosse endereçada ao Congresso Federal, meio inestimável onde ele se aperfeiçoou nas artes sutis do Engrossamento.

Demais, sendo o Congresso Federal a meta cobiçada para que tendem ansiosamente os melhores esforços da mocidade contemporânea, e pretendendo o autor que a sua obra tenha antes de tudo algum valor didático, nenhuma outra dedicatória poderia ele escolher que englobasse mais precisamente as aspirações.

O autor nutre – ainda que presumidamente talvez – a ambição patriótica de formar a mocidade para o Congresso Federal, a quem ele consagra este trabalho modesto como a escola superior da resignação e da docilidade política.

\* \* \*

# ADVERTÊNCIA

É uma regra elementar de lógica, ao alcance do mais simples bom senso, investigar as leis naturais nos casos de maior inteligibilidade, quando as condições primordiais dos fenômenos ressaltam com mais energia por entre as circunstâncias secundárias que geralmente as ocultam.

Assim, Galileu aproveitou as condições favoráveis da queda dos corpos segundo um plano inclinado, para descobrir as leis do peso; assim, Buckle modestamente escolheu o seu país, a Inglaterra, como o exemplo histórico mais característico que é possível encontrar para o estudo geral do cepticismo humano.

Do mesmo modo, desejando conseguir algumas induções engrossatórias, estudamos os fenômenos correspondentes no caso político, onde eles afetam todas as modalidades irreduzíveis que se podem plausivamente exigir numa mesma manifestação concreta do Engrossamento.

Adquiridas as noções gerais que se podem obter nessas condições de universalidade, fáceis se tornam as aplicações aos casos particulares.

O indivíduo que conhecer solidamente os princípios do Engrossamento político está aparelhado para exercitar com superioridade todas as minúcias engrossatórias

empregáveis no exercício das outras profissões; e, mesmo quando ele veja malogradas todas as suas aspirações políticas, nem assim foi um tempo desperdiçado o que empregou na espécie engrossatória respectiva, porque as manhas adquiridas servem para triunfar num outro ofício.

Por isso só tratamos, nesta obra, do Engrossamento Político.

Advertimos, outrossim, ao leitor que não temos a intenção de preconizar os nossos méritos profissionais, com vistas numa secreta candidatura.

E desde já declaramos que não somos candidates, salvo se a Pátria (a nossa, a de nós outros, os engrossadores políticos) periclitar por tal maneira, que os nossos amigos e correligionários julguem indispensável que devemos levar conosco ao seio da representação nacional um germe vivaz de disciplina e de obediência ao prestígio da Autoridade.

\* \* \*

## INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL

Não foi decerto a semelhança da conformação, nem o sentimentalismo do amor ao próximo, que atraíu e associou os primeiros homens, quando eles erravam nus, ferozes e famintos, de terra em terra, à cata de alimento e de abrigo.

A necessidade comum de uma mesma espécie de alimentação e a veemência do instinto sexual, suscitando uma concorrência incessante e encarniçada entre os homens primitivos, é que fizeram surgir, através de bárbaros combates de indivíduo a indivíduo, os primeiros ensaios de associação.

Mais bem dotados em organização cerebral do que todos os animais coexistentes, os homens compreenderam afinal, pela reiterada experiência dessas lutas improfícuas, a vantagem da congregação de esforços para o conseguimento da satisfação pessoal.

Esclarecidos acerca das condições da sua existência, os homens se agruparam em tribos; e, obtida uma segurança individual, pela obrigação de recíproca defesa, eles conseguiram para as suas aptidões mentais uma liberdade correlativa de expansão e cultivo, que imprimiu às lutas de então por diante feridas entre

essas primeiras agremiações humanas uma feição mais inteligente, mais inventiva e por isso mesmo menos feroz, começando ao mesmo tempo a esboçar-se um certo regime de disciplina social, principalmente baseada na obediência ao mais forte.

Entretanto, a posse do alimento e da fêmea continuava a ser a causa essencial das guerras travadas entre as diversas tribos, como ainda hoje se nos oferece verificar nos costumes dos nossos selvagens mais preservados da ação civilizadora, os quais motivam ainda ordinariamente as suas lutas na ocupação de territórios abundantes de caça e pesca, e na aquisição de mulheres.

Absorvidos perpetuamente nas preocupações exclusivas da alimentação e da guerra, sem cessar urgidos pela fome ou pelo terror dos inimigos de toda sorte que os cercavam, os homens primitivos, sem vagares nem aptidões para indústria alguma, eram forçados a disputar entre si os produtos animais e vegetais, espontaneamente oferecidos pela natureza.

Como, porém, os comestíveis assim obtidos não podiam ser, nem pela abundância, nem pela qualidade, susceptíveis de ser armazenados ou conservados, de modo a constituírem uma reserva alimentar considerável, devemos concluir que os grupos humanos das idades primitivas haviam de ser forçosamente reduzidos e nômades.

Somente quando favoráveis circunstâncias topográficas de fertilidade e defesa consentiram os primeiros ensaios da agricultura e da indústria pastoril é que a população pôde fixar-se e condensar-se numa mesma região.

A defesa das terras cultivadas e dos rebanhos – isto é, das reservas alimentares – tornou-se o dever

de cada um; e como os cuidados da guerra tornavam-se menos absorventes, já pela fixação ao solo, já pela garantia da alimentação, e já pelo número mais compacto de indivíduos congregados a bem de uma mesma causa, puderam enfim surgir e funcionar as mais espontâneas aptidões humanas.

Foi essa a maneira invariável pela qual se formaram as grandes sociedades.

Nos lugares privilegiados em que a exuberância dos produtos naturais bastava para a alimentação quotidiana das tribos, vemos que a civilização não pôde incrementar-se; e do mesmo modo nos lugares inacessíveis, como nas ilhas da Oceania e nas regiões de clima áspero, como na Terra do Fogo e em todas as zonas frígidas; porque nessas condições as lutas haviam de ser necessariamente pouco frequentes, tanto pela facilidade de arranjar comestíveis, como pelo isolamento das tribos.

O sisudíssimo Buckle não fez mais do que servir-nos um pouco de retórica quando disse que o selvagem brasileiro foi reduzido à insignificância pela majestade da natureza ambiente.

A explicação da barbárie dos nossos indígenas reside antes no fato de terem sido a fauna e a flora do Brasil tão abundantes, que qualquer tribo podia subsistir indefinidamente numa estreita zona, sem concorrência séria das tribos vizinhas.

Quanto às populações das zonas glaciais, a aspereza do clima, livrando-as de incursões estranhas, manteve-as num estado inalterável de embrutecimento.

Em toda a superfície do globo foi a guerra que associou os homens, obrigados a se agremiar para a conquista e para a defesa dos mantimentos.

E foi a influência das reservas alimentares que facultou a fixação e a expansão contínua das associações humanas, o que equivale a dizer que foi a instituição do Capital que formou as sociedades.

Todas as aptidões humanas mentais e morais só avultaram e só se exercitaram com alguma intensidade depois que a alimentação ficou garantida por largo prazo. Enquanto isso não aconteceu, só os mais baixos instintos do homem é que funcionavam ardentemente empregados na aquisição diária do comestível.

Com a abundância da comida, finalmente assegurada pela inauguração da indústria agrícola e pastoril, surgiram progressivamente os grandes afetos do coração e as altas elaborações da inteligência.

Mesmo a Família, sob a forma característica de monoandria sistemática que ainda hoje vigora, aquilo que vulgarmente se considera como a mais espontânea das associações humanas, só poderia ter aparecido quando o homem tivesse adquirido meios para sustentá-la, quando lhe tivesse sido possível acumular gêneros alimentícios, o que só pôde acontecer depois das primeiras conquistas industriais.

Assim como a tribo foi instituída para defender a propriedade comum aos seus diversos membros, a Família o foi para guardar o tesouro doméstico, a propriedade particular.

O amor — essa coisa que nós hoje consideramos como uma necessidade imprescindível para o coração humano — assim como o ideal e a poesia, a piedade, a misericórdia, todas as mais requintadas manifestações afetivas do homem moderno, nunca existiram nos primitivos bárbaros.

Ao passo que o Capital se acumulava, ao passo que a existência do indivíduo e da sua família ia-se facilitando pela garantia sempre crescente de recursos alimentares, as faculdades humanas mais elevadas iam gradualmente se centuando e desenvolvendo.

Como disse Karl Marx – sem contudo aprofundar o problema –, a religião, a política e a ciência são simples epifenômenos do fenômeno econômico.

*Primo vivere, deinde philosophare*<sup>1</sup> – é um preceito que tem o cunho vitorioso da evidência; e tanto mais tempo temos para filosofar, quanto maior é a nossa facilidade de subsistir.

A crítica acadêmica, hipocritamente enfática, poderá observar com pieguice, como fez o gentil filósofo Alfred Fouillée<sup>2</sup>, que a vida é mais do que a nutrição e que o homem é superior ao seu estômago. Mas o que há de ser eternamente uma verdade irrefutável é que a vida e nutrição é a base essencial de toda existência e o ponto de partida indispensável de toda vida de relação.

A biologia severamente nos ensina, tanto pela observação do indivíduo como pela observação da espécie, que a vida de relação é apenas um aperfeiçoamento lentamente superposto à vida vegetativa sem que uma

1 Primeiro viver, depois filosofar. Registro latino famoso a partir de Thomas Hobbes em *Leviatã* (1651).

2 Filósofo francês, reconhecido por sua dedicação ao estudo do pensamento platônico e sócrático.



À esquerda. *Portrait d'Alfred Fouillée*, par Nadar, gravure Heliog Dujardin. **Créditos:** Nadar (Gaspard-Félix Tournachon).

Alfred Fouillée.



diferença nítida separe de modo brusco essas duas manifestações da existência animal.

Ao contrário, podemos legitimamente considerar a vida de relação como um caso especial de atividade nutritiva, pois que todos os fenômenos vitais devem ser logicamente submetidos a um supremo determinismo físico-químico.

Semelhantemente, se examinarmos com atenção as condições da estática e da dinâmica social, chegaremos infalivelmente à conclusão de que o Capital é o fator mais decisivo da Ordem e do Progresso.

O fenômeno nutritivo está para a economia animal, assim como o Capital está para a existência social.

Não são precisos grandes esforços de interpretação histórica para reconhecer que é sempre uma questão econômica que decide da marcha de uma sociedade qualquer.

O mais rápido golpe de vista, lançado sobre a história geral da evolução humana, basta para que percebamos a insubstituível influência exercida pelo Capital nas grandes transformações políticas que em toda a parte significaram um avançamento feito na direção do progresso como por exemplo a separação progressiva dos poderes sociais, a especialização contínua do trabalho e a extensão crescente das relações individuais.

Nem a religião, nem a política, nem a ciência teriam atingido a um alto grau de desenvolvimento, se as sô-fregas ambições individuais não tivessem egoisticamente trabalhado para acumular riquezas, aumentando inconscientemente o Capital humano.

Quando em certas épocas da História algumas populações deixaram de trucidar sistematicamente os seus prisioneiros de guerra, preferindo submetê-los à

escravidão, podemos acreditar piamente que não foi um sopro repentino de piedade que lhes varreu do coração inveterados costumes de selvageria; e, se os vencedores pouparam então os inimigos vencidos, foi por espírito de cupidez, para terem quem lhes multiplicasse as riquezas, o que entretanto não deixou de ter sido favorável ao progresso social.

A fixação ao solo, acarretando imediatamente a instituição da propriedade e facilitando a subsistência individual, incutiu no homem o amor do Capital que lhe deu as primeiras comodidades sólidas da vida e, por um efeito fácil de compreender, principiou a lhe abrandar a ferocidade dos instintos, até então empregados na aquisição difícil e precária do alimento quotidiano.

Os primeiros combates humanos se travaram pela disputa feroz do comestível; e, logo que este pode existir e ser reproduzido com abundância, as lutas foram proporcionalmente se atenuando.

É o mesmo fato que se repete em nossos dias: — enquanto um indivíduo não dispõe de propriedade é indisciplinado, audaz e rancoroso contras as leis que a protegem; mas logo que chega a possuí-la por qualquer eventualidade, torna-se homem da ordem, cidadão pacato e metódico, inimigo figadal de toda rebelião.

Se as guerras modernas, aliás invariavelmente feridas em nome de interesses econômicos, são raras e passageiras, é porque as classes capitalísticas dos países beligerantes opõem toda a sua grande força contra um acontecimento que lhes pode trazer calamidades financeiras.

A influência extraordinária dos interesses comerciais vai dia a dia apagando no espírito humano a idéia de

Pátria e substituindo-a pela concepção vitoriosa, moderna e elegante, do Cosmopolitismo.

A República Universal, essa aspiração tão benquista de Anacharsis Clootz<sup>3</sup>, um dos mais estimáveis mentecapotos que a História nos pode apontar, está caminhando vertiginosamente para uma infalível realização.

Mas não serão decerto as combinações políticas, nem os progressos da ciência e da moral que hão de efetuar essa vasta fusão internacional.

Hão de ser as grandes empresas comerciais, os bancos com as suas numerosas sucursais, os câmbios, toda a complicada rede de interesses financeiros, que se estende às mais exóticas regiões do globo.

A mais superficial análise sociológica mostra-nos que a idéia de Pátria é indissolúvelmente ligada a idéia de Capital.

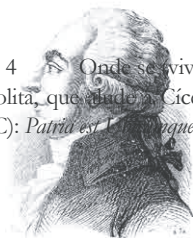
No princípio a Pátria era a tribo errante, sem nenhuma referência geográfica, facilitando com os deveres imperiosos da defesa mútua a alimentação e a existência do indivíduo; depois a Pátria deixou de ser exclusivamente relativa à tribo, e foi também atribuída ao solo ocupado, com as suas plantações e os seus rebanhos; e finalmente, a Pátria é hoje o lugar onde o homem tem os seus recursos econômicos, a segurança e a comodidade da sua vida. *Ubi bene, ibi patria*<sup>4</sup>.

---

3 Pseudônimo de Jean Baptiste du Val Grâce, barão de Clootz, foi célebre orador, conhecido pelos ataques contra o cristianismo e pela colaboração com a Encyclopédie. Foi guilhotinado por Robespierre.

À esquerda. Anacharsis Clootz. Créditos: H. Rousseau e E. Thomas.

4 Onde se vive) bem, aí (está) a pátria. Conceito materialista e cosmopolita, que abunda em Cícero (106 aC-43 aC), ao citar Marcus Pacuvius (220-130 aC): *Patria est ubi bene que est bene*.



Nas primeiras idades sociais, dadas as lutas encarniçadas para a conservação do território ocupado nesses tempos de eterna desconfiança e incessante defesa, todo estrangeiro era considerado como inimigo; mas, também, a idéia de Pátria nunca esteve como então mais intensamente arraigada no espírito humano.

Pouco a pouco foram-se incrementando relações comerciais entre os povos vizinhos, foi-se estabelecendo entre eles um grau cada vez mais acentuado de tolerância, e o sentimento patriótico foi progressivamente perdendo de ferocidade e fanatismo.

Podemos mesmo afirmar com irrepreensível plausibilidade que as próprias controvérsias religiosas — que geralmente se consideram como a origem clássica das mais irreconciliáveis incompatibilidades durante os séculos passados — foram mitigadas até a tolerância recíproca dos diversos credos humanos, pela extensão e complicação crescente das relações comerciais.

Assim o atesta o exemplo frisante das Cruzadas, em que vemos o entusiasmo religioso diminuir na razão direta das relações mercantis criadas entre as nações européias e os povos do Oriente, tão diversos, entretanto, dos Ocidentais pelos costumes e pelas crenças.

As diferenças de raças, mantidas pelo isolamento necessário das primeiras populações humanas, tendem pelas mesmas razões a desaparecer sob o influxo nivelador da fatalidade econômica.

Se ainda hoje persistem vagos instintos patrióticos e alguns resíduos históricos de amor próprio nacional, não é porque eles tenham o atributo da irreduzibilidade.

É que o fator econômico ainda não chegou aos seus últimos efeitos: isto é, a fundir todos os costumes e todos os

idiomas, como já podemos positivamente esperar, à vista das tendências que se revelam na existência contemporânea.<sup>5</sup>

Os expeditos processos econômicos usados em nossos dias, os títulos imediatamente negociáveis sobre todas as espécies de valores, influem poderosamente para a extinção total da idéia de Pátria.

Esses falsos amores topográficos, esses afetos pie-

---

5 NO CASO DA PRESENTE INTRODUÇÃO, EM QUE HÁ NECESSIDADE IMPRETERÍVEL DE LIGAR O MAIS INTIMAMENTE POSSÍVEL AS IDÉIAS GERAIS AÍ EXPENDIDAS, O AUTOR VIU-SE NA OBRIGAÇÃO DE NÃO ILUSTRAR OS SEUS DIVERSOS ARGUMENTOS COM DISPÊNDIOS COPIOSOS DE ERUDIÇÃO. TODAVIA, A INFLUÊNCIA DO CAPITAL SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DA LINGUAGEM ENCONTRA DEMONSTRAÇÃO TÃO VALIOSA NUMA CITAÇÃO BÍBLICA QUE O AUTOR NÃO PÔDE FURTAR-SE A MENCIONÁ-LA.

A FRAGMENTAÇÃO INEVITÁVEL DO CAPITAL HUMANO NOS TEMPOS PRIMITIVOS CORRESPONDEU PROPORCIONALMENTE À DIVERSIDADE DOS IDIOMAS ESPECIAS ÀS PRIMEIRAS TRIBOS.

COM O VOLVER DOS TEMPOS AS RELAÇÕES COMERCIAIS FORAM COMBINANDO E FUNDINDO OS DIFERENTES ELEMENTOS LINGUÍSTICOS.

QUANDO OS HEBREUS TENTARAM ESCALAR O CÉU COM UMA TORRE INCOMENSURÁVEL QUE ATINGISSE A MORADA ALTÍSSIMA DE JEOVÁ, ESTE – CONTA-NOS LITERALMENTE A BÍBLIA – OBRIGOU-OS AO ABANDONO DO TEMEROSO EDIFÍCIO, CASTIGANDO-LHES A AUDÁCIA E INUTILIZANDO-LHES O ESFORÇO, COM A CONFUSÃO DAS LÍNGUAS.

ORA, QUALQUER FILÓSOFO QUE CONHECER A CRÍTICA MODERNA E O VALOR DOS SÍMBOLOS HISTÓRICOS HÁ DE PERCEBER FACILMENTE, ATRAVÉS DESSA FÁBULA MOSAICA, QUE A CONFUSÃO DE LÍNGUAS SIGNIFICA A DEFICIÊNCIA DE CAPITAL.

SE TIVESSE HAVIDO ABUNDÂNCIA DE DINHEIRO PARA A CONSTRUÇÃO DA FORMIDÁVEL TORRE, CLARO ESTÁ QUE TODOS OS OPERÁRIOS HAVERLAM DE ENTENDER A LINGUAGEM CAPITAL – A PAGA DE SALÁRIO – E O ETERNO SERIA TALVEZ OBRIGADO A MUDAR DE RESIDÊNCIA PARA ESCAPAR AO DESRESPEITO DO SEU POVO DILETO.

gas por um certo número de graus de latitude e longitude são coisas que se vão apagando definitivamente do coração humano.<sup>6</sup>

No lugar onde o homem encontra uma soma suficiente de facilidades financeiras, aí constitui ele a sua pátria, sem desnecessárias e anacrônicas referências de berço.

Uma das provas principais da veracidade dessas asserções é a resignação das colônias modernas bem administradas, onde não medram subversivas paixões de patriotismo e independência, porque as metrópoles respectivas sabem abafá-las sob a sedução da prosperidade financeira.<sup>7</sup>

E a contraprova disso é que ainda não houve guerra de independência colonial que se não tivesse motivado na tirania econômica de uma metrópole mal procedida.

Tudo se encaminha visivelmente para demonstrar a superioridade do regime industrial nas sociedades humanas.

Já o bom senso contemporâneo, convenientemente edificado pela fecundas induções da História, tomou a resolução judiciosa de instituir uma tabela de cotações pecuniárias para todos os sentimentos e todas as idéias de

---

6 *DURANTE A GUERRA DA INDEPENDÊNCIA NORTE-AMERICANA, NESSE MOMENTO CLÁSSICO DE ARDOR SOCIAL QUE RECOMENDAMOS COMO EXEMPLO À INFÂNCIA ESTUDIOSA, WASHINGTON, COM O SEU INILUDÍVEL BOM-SENSE, TEVE OCASIÃO DE DECLARAR CRUAMENTE AO CONGRESSO QUE ELEVASSE O SOLDADO DAS TROPAS E QUE NÃO ERA PRUDENTE CONFLAR EM PATRIOTISMO.*

7 *O CASO DA GUERRA DE CUBA É CARACTERÍSTICO. TODOS OS SEUS ENTUSIASMOS DE INDEPENDÊNCIA - QUE TÃO PLATONICAMENTE APAIXONARAM A BURGUESIA SENTIMENTAL QUE LÊ AS COMUNICAÇÕES TELEGRÁFICAS DOS JORNAIS E OS FOLHETINS DOS MISTÉRIOS DE QUALQUER COISA - CEDERAM COM UMA RAPIDEZ MARAVILHOSA AOS REMÉDIOS FINANCEIROS APLICADOS PELOS ESTADOS UNIDOS.*

certo alcance social.

Bem haja aos Estados Unidos e à Inglaterra, os mais altos representantes da indústria hodierna, pelo fato de haverem limpidamente definido o mérito do Capital, estabelecendo generosas tarifas para as diversas formas de heroísmo patriótico, pagando um número proporcional de dólares ou de libras por cada feito de armas considerável.

O heroísmo sob todas as suas formas – aquilo que era antigamente considerado como uma simples questão de galeria, uma mera ambição de aplausos – passou a ser cotado em espécies monetárias, desde o modesto prêmio Monthyon destinado a indenizar a virtude obscura e trivial da caridade, até os prêmios suntuosos que se pagam aos brilhantes vencedores de batalhas decisivas.<sup>8</sup>

Os tempos são de irreverência, mas, ao mesmo tempo de generosidade.

Se nos aparecesse hoje um S. Francisco de Assis a exibir ao mundo incrédulo a evidência dos seus estigmates, não

---

8 *NOS QUOQUE GENS SUMUS...*

TAMBÉM SOMOS SUSCETÍVEIS DE PROGRESSO.

AINDA HÁ POUCO OFERECEMOS TREZENTOS CONTOS AO SR. BARÃO DO RIO BRANCO, PELA SUA RECENTE VITÓRIA DIPLOMÁTICA.

*E COMO O BRASIL É UMA GRANDE NAÇÃO, AINDA SEREMOS CAPAZES DE VOTAR PREMIO EM DINHEIRO PARA RECOMPENSAR AOS SRS. GOVERNADORES QUE MAIS SE DISTINGUIREM EM HONESTIDADE E DESINTERESSE, LEVANDO EM CONTA (COMO MANDA A BOA RAZÃO) A CIFRA ORÇAMENTÁRIA DOS RESPECTIVOS ESTADOS E O NÚMERO DE ANOS DE ADMINISTRAÇÃO, TUDO ISSO CALCULADO COM AS POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES EM TÁBUAS ESPECAIS, E BRILHANTEMENTE ILUSTRADO COM CITAÇÕES ADEQUADAS DOS MELHORES AUTORES ESTRANGEIROS, PARA FORNECER UM TEMA AGRADÁVEL AOS NOSSOS MAIS MAUVOSOS ECONOMISTAS PARLAMENTARES.*

*UTILE DULEI – COMO LÁ DIZ O CLÁSSICO.*

faltariam práticos de renome que diagnosticassem — lesões simétricas da sífilis terciária — baseados em citações de autores infinitivamente veneráveis; mas também, se surgisse em nossos dias o seráfico S. Francisco de Paula, prematuramente envelhecido no exercício da caridade, andrajoso, imundo e adoentado, não faltariam almas sensíveis para abrir-lhe uma produtiva subscrição, desde que o abnegado Santo apresentasse atestados em ordem do seu divino desinteresse.

A História da Humanidade não é mais do que uma História do Capital: e toda ordem política tem repousado exclusivamente sobre a instituição da Propriedade.

A fatalidade da evolução social determinou que, à medida que se acumulassem as reservas criadas pelo contínuo trabalho humano através dos séculos, fosse simultaneamente a Propriedade delas se centralizando nas mãos privilegiadas de um número cada vez menor de possuidores.

Ora, fatalismo e otimismo são expressões equivalentes de uma mesma idéia.

Se a História nos ensina que a Propriedade tende a ser monopolizada por certos órgãos sociais cada vez menos numerosos, devemos acreditar que essa condição é absolutamente indispensável e propícia à marcha da civilização.

Efetivamente, se pudéssemos imaginar que todas as diversas formas passadas da legislação tivessem conseguido a dispersão do Capital humano num regime nivelador e contínuo de pequenas propriedades com toda a certeza o progresso social não teria alcançado o grau de desenvolvimento que revela em nossos dias.

A mais ligeira observação dos fatos atuais é suficiente para mostrar-nos que as mais maravilhosas conquistas da indústria moderna dependem muito menos das descobertas científicas do que da ação formidável do Capital centralizado.



E não é hoje dificultoso de verificar que, se os grandes capitais fazem o progresso industrial, reciprocamente o progresso industrial tende continuamente a concentrar os capitais nas mãos de um número cada vez mais limitado de proprietários.

Contemplando atentamente a evolução histórica que é a base exclusiva de toda a ciência social, vemos que o acréscimo do Capital humano e a influência crescente da Propriedade foram e continuam a ser os elementos principais da civilização e da ordem.

Ou consagrada por um privilégio nobiliário ou adquirida pelo triunfo individual através da cerrada concorrência econômica dos nossos dias, a Propriedade foi e é a base imprescindível de todos os governos.

Os termos do conflito político continuam a ser perpetuamente os mesmos: de um lado os que desejam conservar o que possuem e do outro lado os que desejam possuir o que os outros conservam.

Os governos só se consolidam quando representam os interessados das classes mais fortes; e a força só se faz respeitar quando funciona sob o prestígio das classes conservadoras mais bem dotadas para alcançar a vitória na concorrência social.

Força e conservantismo são os conjugados eternos da Ordem; e nem se pode conceber a existência de um sem a existência paralela e vigilante do outro.

Conservação quer dizer força, e força quer dizer governo.

E abstratamente podemos enunciar: a força é diretamente proporcional ao conservantismo.

Proteger os privilégios da Propriedade ou morrer — tal é a alternativa de todos os governos.

Por isso é que as classes conservadoras, tão eminentemente covardes e tão profundamente antipáticas a qualquer movimento revolucionário, cedem imediatamente nos desvarios passageiros da força, porque sabem instintivamente que ela só poderá organizar-se e subsistir com a aliança indispensável do conservantismo.

Adquirida pela força, pelo privilégio ou pela livre concorrência econômica, a Propriedade há de ser sempre e cada vez mais uma exceção; mas é essa exceção preponderante que sustenta os governos, subvenciona os exércitos e assegura a Ordem, pois que as contemporâneas não são mais do que simples delegações da oligarquia financeira que dispõem do Capital.

Se num momento se pudessem anular todos os códigos que protegem o direito de Propriedade e se deixassem imparcialmente concorrer todos os indivíduos, à medida das aptidões de cada um, na aquisição das riquezas, veríamos que o resultado econômico seria o mesmo de hoje, tão rigorosa é a fatalidade que preside a evolução humana.

Contra essa inquietável condição social têm naufragado miseravelmente as quimeras sempre renascentes e sempre malogradas da Justiça e da Igualdade.

Sob as cores mais flamantes de entusiasmo político, com que se adornam os programas individualistas, só existem aspirações egoístas de satisfação pessoal, ódios implacáveis dos indivíduos insatisfeitos contra o Estado defensor eterno dos satisfeitos.

A ciência, com as suas excitações ao orgulho e as suas divinizações da razão individual, preparou desastrosamente o espírito humano para reivindicações impossíveis e perturbadoras.

No dia em que o homem, cheio de fé nos seus pretensos direitos, quis experimentar o valor das suas novas forças, achou-se subitamente desarmado e débil contra o aparelho inexpugnável da Ordem econômica, só logrando amargar-se ainda mais acerbamente na consciência da sua irremessível situação.

O insucesso estrondoso da grande revolução de 89, as provas irrefutáveis oferecidas pelo mau êxito dos seus quase sobre-humanos esforços da incapacidade orgânica dos princípios democráticos já deviam ter vulgarizado no espírito da geração atual a completa inanidade de qualquer reforma política que se inspire na tese individualista.

Liberdade, Igualdade e Fraternidade são coisas que mutuamente se destroem, idéias absolutamente incompatíveis, aliadas à força, misto de ingredientes dispartados onde se enxerga logo uma combinação de invejas mal disfarçadas.

Liberdade para praticar os meios mais licenciosos de arranjar fortuna, Igualdade para abater o poderio dos mais ricos do que nós, e Fraternidade, somente prescrita para uso alheio, quando as duas primeiras condições não tiverem bastado para nos arrancar de uma insuportável penúria.

A colocação das palavras no célebre meio revolucionário é o que há de mais significativo. Fraternidade no fim, para quando não houver outro recurso de apelação ou para quando a nossa opulência permitir-nos alguns exercícios de filantropia recreativa, uma espécie de esporte da caridade, recomendável como medida higiênica em certos casos de saciedade pecuniária.

Quanto à soberania do povo, essa divindade que só infunde respeito a alguns batráquios políticos de baixa

classificação zoológica, esse miserável pedaço de pão que bóia ridiculamente à tona do charco democrático, sujeito aos incessantes ultrajes de todos os ranídeos assaz emancipados, não é de hoje que a consciência pública lhe descobriu a falsidade teórica e a inconsistência prática.

Proveniente da suposta supremacia da razão individual, a soberania do povo começa logo por negá-la, incluindo a prescrição formal de que a razão do indivíduo se submete à razão coletiva e o bem particular ao bem geral.

Coisa humilhante para a condição humana! – o fator individual que tão decisivamente contribui para o triunfo das revoluções, com a intensidade dos seus ódios e a insensatez das suas ações, deve ser sacrificado sem piedade na hora difícil em que a vitória revolucionária tiver de afirmar-se sob a forma de instituições novas.

*Sic vos non vobis*<sup>9</sup> ... é a alegria de todos os revolucionários desiludidos.

O individualismo aparentemente vitorioso instituiu a democracia sobre as bases da soberania popular: – uma primeira contradição.

E os governos democráticos, por motivos de ordem política, não só traíram a tese individualista como a soberania do povo, com artifícios eleitorais de uma impudência tão palpável quanto necessária para a estabilidade das instituições.

Na impossibilidade absoluta de alterar as mais íntimas relações sociais legadas pelo regime antigo, as democracias tiveram de limitar a sua intervenção reformadora aos caracteres puramente exteriores do governo, instituinto uma pseudolegitimação eleitoral de autori-

<sup>9</sup> Assim vós, não para vós... Passagem atribuída a Virgílio em disputa pela autoria de versos na Roma Antiga.

dade, para justificar-lhe a existência e paliar as sequiosas ambições individuais, collocando ao alcance delas as mais elevadas posições políticas.

É apenas essa diferença superficial e incharacterística que separa as democracias das monarquias contemporâneas, conforme já o tem percebido a inteligência pública, inteiramente desiludida da eficiência intrínseca de quaisquer fórmulas políticas.

Seria, entretanto, injustiça negar que foi a revolução democrática que modificou a constituição das monarquias existentes; mas essa circunstância serve unicamente para demonstrar que os governos monárquicos têm aptidão bastante para assimilar os princípios aproveitáveis do individualismo, sabendo ao mesmo tempo reconhecer e evitar os ilogismos e as desordens republicanas.

Ainda hoje, extinta na consciência universal a crença no direito divino dos monarcas, muitas nações adiantadas continuam a conservá-los, como uma simples garantia de ordem pública, escarmentadas principalmente com os repetidos espetáculos de anarquia fornecidos pelas democracias modernas: — mantém os reis sem acreditar na sua inofensiva legitimidade, o que não só traduz o zelo de resguardar o governo contra a fragilidade eleitoral, como também dá testemunho do papel subalterno que as autoridades representam no desdobramento político das nações.

Às dinastias cabe hoje o papel pouco heróico, porém cômodo e meritório, de entupir mecanicamente, como fardos volumosos, o caminho do Poder, tão fácil de ser trilhado pelas mais mediócrs personagens.

Nas democracias, porém, não obstante a facilidade providencial com que se podem sofisticar as manifestações eleitorais, destruindo mais ou menos os seus efeitos pern-

ciosos – conforme a prática louvável adotada pelos governos bem-orientados e inteligentemente tolerada pelo bom senso público – ainda assim a falta de continuidade, produzida na ação governamental pela substituição frequente das autoridades mais altas, basta para açular e tornar perigosos os apetites perturbadores do fator individual.

Por mais que os sistemas republicanos procurem penitentemente aproximar-se da ordem monárquica, repudiando uma a uma bombásticas ilusões revolucionárias, nunca as suas falsas consagrações eleitorais, mesmo reduzidas a um mínimo demagógico, poderão prestigiar uma autoridade qualquer.

Se existem democracias fortes e aparentemente bem-organizadas, não foi a superioridade do seu regime constitucional que lhes proporcionou a consolidação da Ordem.

Ao contrário, uma aspiração ardente e geral de tranquilidade pública, que o espetáculo odioso de contínuas agitações políticas fez nascer no espírito de todos, é que conteve a aberração democrática, sofismando-lhe os princípios subversivos em nome da estabilidade social.

Sucedem assim com todas as revoluções republicanas: – dissipada a embriaguez passageira da vitória, unicamente produtora de irreprimíveis desordens e perversas violências, os espíritos, num momento final de desengano e de tédio, sentem a necessidade ansiosa de uma ordem política qualquer, e retrogradam para o passado que haviam combatido, imaginando haverem alcançado um triunfo com uma mera mudança nominal do governo decaído.

E se nenhum movimento revolucionário pode romper abertamente com o passado, é porque o fator econômico conservantista e capitalista vale mais do que todas as fantasias políticas que, em nome do egoísmo e da inveja, têm pretendido arrasar o prestígio invencível da Propriedade.

Todos os longos esforços humanos, as lúcidas investigações da ciência, as divinas elaborações da arte, os pacientes processos da indústria, os sublimes martírios da religião e as fervorosas lutas da política, durante a vasta e dolorida experiência de séculos inumeráveis concluíram por colocar definitivamente nas mãos da Burguesia financeira de hoje o cetro da autoridade social.

Desde que é este o resultado final obtido pela espécie humana, após as vicissitudes incessantes da sua evolução histórica, além do qual não se pode entrever outro destino melhor, claro está que somos obscuramente dirigidos por uma fatalidade econômica, à qual nos devemos submeter sem revoltas inúteis, considerando-a com grata resignação como uma condição preciosa do nosso aperfeiçoamento.

O único efeito certo das revoluções, segundo as provas peremptórias da História, tem sido o deslocamento da preponderância financeira de uma classe para outra.

A influência intrínseca do Capital e da Propriedade tem se conservado sempre na mesma, através das mais consideráveis transformações políticas, zombando de todos os sonhos de justiça com que se tem iludido a credulidade humana, pois que a questão econômica é o *noli me tangere*<sup>10</sup> de qualquer organização social.

Somente depois que multiplicadas e duras decepções fizeram compreender a completa inanidade política do individualismo é que a filosofia pôde retratar-se das suas primeiras ilusões e chegar à conclusão irrevogável de que o homem, aquilo a que se chama cidadão, considerado em si mesmo, nas manifestações exclusivas da sua personalidade, é uma noção totalmente absurda.

---

10 Não me toques. Versão latina de expressão famosa para a advertência de Jesus em João 20:16-18.

Sob o ponto de vista social, o eu não existe e os direitos individuais são uma burla.

Já o profundo de Bonald<sup>11</sup> preceituava há quase um século que era necessário fazer a filosofia do nós em vez da filosofia do eu.

Mas, quem faz esse nós, isto é, a sociedade, a comunidade social, com as suas dependências recíprocas de indivíduo, é a velha influência do Capital, cada vez mais ativa na sucessão dos tempos, e a legislação tutelar da Propriedade, cada vez mais reconhecida como o elemento fundamental da Ordem.

As formas de governo pouco valem como fatores de estabilidade política, conquanto a esse respeito haja uma superioridade real dos regimes monárquicos sobre as democracias. Para que uma nação seja bem-organizada basta que seja rica, que possua fortes elementos conservantistas.

As próprias repúblicas, com todas as suas fraquezas eleitorais, podem gozar de tranquilidade, se forem financeiramente prósperas, isto é, se tiverem a dita de ser surdamente regidas por um forte e opulento sindicato conservador;

---

11 Louis-Gabriel-Ambroise, conhecido como Visconde de Bonald, foi um filósofo contrário ao iluminismo e à teoria política em que se baseou a Revolução Francesa, é considerado um dos expoentes da filosofia católica contra-revolucionária.



À esquerda. Filósofo francês contra-revolucionário Louis de Bonald. Crédito: Julien-Léopold Boilly.



porque, como dizia o invejoso Proudhon<sup>12</sup>, elas são como sociedades por ações em que dispõem de mais votos os que tiverem assinado mais avultado Capital.

A abundância do dinheiro e a intensidade do movimento industrial têm um duplo efeito benéfico para a fixação da ordem política: por um lado, as classes conservadoras ganham força para defender as instituições que as representam e protegem; e, por outro lado, aberta uma grande margem de atividade econômica, com vivas excitações ao lucro e irresistíveis seduções de fortuna, as ambições individuais atiram-se e enredam-se na concorrência financeira, inutilizando-se destarte para as agitações políticas.

Se as democracias já são pela sua natureza intrínseca a mais instável forma de governo, imaginemos que terreno favorável não serão elas para o florescimento da anarquia, quando se complicarem com a pobreza industrial.

A História da República Brasileira é um exemplo fecundamente instrutivo do quanto pode o atraso econômico numa democracia.

No Brasil – pela sua vastidão territorial, pela insuficiência de capitais até certo ponto relativa a essa condição geográfica, assim como pela fraqueza comercial

12 Publicista, economista e sociólogo francês, ideólogo da pequena burguesia. Um dos fundadores do anarquismo.



*A esquerda. Retrato de Pierre Joseph Proudhon. Crédito: Jean Désiré Gustave Courbet.*

do povo que o colonizou – a agricultura sempre foi precária e qualquer outra indústria irrisória.

Substituindo uma pobre monarquia que nunca passou de uma curiosidade americana, que só pode viver de escravatura, mas que soube nobremente resgatar as suas faltas, suicidando-se pela causa da abolição, a República só veio encontrar a pobreza e agravá-la com perturbações democráticas.

Ademais, num país em que tem grassado ininterruptamente a absurda vaidade acadêmica, a ridícula aberração pedagógica de impor à melhor parte da mocidade o flagelo inevitável do doutoramento e do bacharelato, há de por força ficar perturbando a existência das classes trabalhadoras e ativas um núcleo excessivo e ocioso de indivíduos que sempre acabam por tentar as aventuras da política, como um meio de vida.

Uma grande deficiência de capitais; uma malta enorme de cidadãos inaproveitáveis e doutorados, não podendo funcionar nas suas respectivas profissões pela compacta concorrência de colegas inumeráveis nem em outro ramo qualquer de atividade, por falta de tirocínio especial; um regime democrático novo e ainda mal-assegurado: eis uma soma bastante de maus requisitos para atrair a confusão ao seio de um país.

Nem há terreno mais propício para a pululação das profissões políticas, em toda a sua crassa exuberância, do que seja uma democracia pobre.

Indivíduos diplomados à força, sem gosto nem aptidões para alcançar triunfo e reputação nas diversas disciplinas em que se formaram, pervertidos além disso por uma inveterada ociosidade contraída na longa frequência das academias, dedicam o restante das suas habilidades à conquista das posições eletivas que as democracias fracas e pobres tão profusamente facultam às mais obscuras ambições.

Desde que os cargos mais elevados são postos ao

alcance das mais grosseiras audácias, é evidente que os indivíduos mais arrojadados e mais triunfalmente cínicos não de arriscar tudo, pois que nada têm a perder, para agarrar uma situação vantajosa que nunca poderiam conseguir pelo seu mérito profissional.

Daí um conflito tumultuoso de ambições desordenadas que não repugnam aos mais violentos processos, contanto que possam empolgar a autoridade.

Entretanto tão imperiosa é a necessidade da Ordem, mesmo para a satisfação dos mais desregrados apetites individuais, que os nossos políticos já vão percebendo a ineficácia das práticas sediciosas; e por outro lado, os governos vão se capacitando de que é preciso coarctar as liberdades públicas e inutilizar as perniciosas agitações eleitorais, falsificando judiciosamente os resultados adversos do sufrágio popular.

A experiência de rebeliões falhadas e de campanhas eleitorais perdidas desanimaram consideravelmente todos os instintos oposicionistas; e todo mundo está hoje compenetrado, tanto da impraticabilidade das reivindicações armadas, como da impossibilidade absoluta de galgar ao governo por intermédio das urnas.

Nem por isso, todavia, as ambições políticas perderam de atividade: — ao contrário, flexíveis e sagazes, elas descobriram nessa nova ordem de coisas um regime muito mais favorável, muito mais fácil e seguro para o andamento das aspirações individuais do que os incômodos processos revolucionários e as enfadonhas canseiras das eleições.

Nos diversos Estados da República as lutas se inauguraram com inaudita ferocidade para a conquista da supremacia política: desde a injúria mais grosseira até a mais transcendente calúnia, desde a desobediência traiçoeira às

leis até a deposição ostentosa dos governos, tudo eram boas traças de guerra para o assalto das posições.

Entretanto, devemos reconhecer com justiça que os nossos profissionais logo abandonaram esses processos infantis, apenas compreenderam, após alguns desastres significativos, a sua radical insuficiência.

Na impossibilidade de derrubar o governo pela revolução ou pelo triunfo eleitoral, os políticos brasileiros, com inegável perspicácia, tomaram o partido oposto de aderir incondicionalmente aos interesses da autoridade atual.

De fato, já que a eleição e a revolução têm demonstrado tão limitada eficácia, o indivíduo ambicioso e hábil, em vez de procurar depor ou derrotar o governo, deve preferir o programa mais simples, mais rápido e mais proveitoso de pôr-se no governo.

A História da política republicana nos diversos Estados da União é, a esse respeito, profundamente instrutiva: — os representantes dos primeiros partidos guerrearam-se furiosamente com prodigalidade recíproca das mais indeléveis injúrias, até que uma das facções aboletou-se definitivamente no governo; a parcialidade vencida, ainda não edificada pela prática desanimadora da oposição continuou a tomar a sério o seu papel de hostilização sistemática, e assim foi vivendo ingenuamente, ora desanimada, ora cheia de esperanças, até que a lição dos tempo fez-lhe entender a inutilidade de toda oposição; e então, após esses ensinamentos dolorosos, os adversários mais astutos tiveram a inspiração fecunda de se conformar com a política vitoriosa, concorrendo até com os mais antigos e fiéis partidários do governo para a posse das melhores colocações.

Não podendo alcançar posições elevadas por meio

da luta, os opositoristas tiveram o louvável bom senso de conquistá-las por lisonjeiras adesões aos poderes dominantes, abjurando magnanimamente ferrenhos e injustos rancores partidários.

E destarte o individualismo, pelos ensinamentos severos de multiplicados dissabores, atingiu a compreensão ainda vaga, porém já satisfatória, de que é mais fácil hoje cultivar uma profissão política num regime de Ordem do que num meio revolucionário mutável e duvidoso.

A forma democrática começou por atizar as mais ronceiras ambições, oferecendo espetáculos variados de audácias bem-sucedidas: — tanto bastou para espessar a concorrência dos apetites individuais, para acirrá-los até ao desvario, terminando por suscitar uma anarquia tão insuportável e tão geralmente lesiva, que tornou logo desejável o restabelecimento da Ordem.

Verdade é que o equilíbrio assim restaurado há de ser forçosamente instável pois que não passa de uma reação temporária a perturbações imprevistas; enquanto existe na consciência do indivíduo a convicção de que o Poder é fraco, a cada momento podem as instituições perigar.

Mas o regime da obediência é tão eficaz para a multiplicação do Capital, e este acrescenta tão decisivamente a influência das classes conservadoras, que cada fase de tranquilidade política significa um avançamento para o período definitivo da Ordem econômica.

Assim, no seio da democracia brasileira os episódios de revolta hão de se ir espaçando cada vez mais, na proporção do prestígio industrial e financeiro que o país for adquirindo.

Porque a verdade suprema é que o Capital faz a Ordem e a Ordem faz o Capital.

Se o homem se lança impetuosamente em certos

momentos históricos nos delírios da revolução, é porque espera por esse meio contentar as suas ambições pessoais; quando, porém, ele percebe, por desmentidos categóricos, a inanidade dessas tentativas, imediatamente se submete ao regime vigente, pronto todavia para combatê-lo, logo que o seduzam novas ilusões, aliás cada vez mais raras.

O que há de curioso e digno de sérios estudos nessa transição da rebeldia para a obediência, da guerra para a paz, é o processo infinitamente judicioso dos políticos profissionais para consolidar a Ordem sem prejuízos dos interesses particulares: — partilhar as comodidades oficiais, extorquindo-as com ternuras sábias, já que não é possível alcançá-las por meio da violência, nem tampouco pelos pronunciamentos eleitorais.

A essa descoberta feliz e admiravelmente oportuna a voz pública afixou o nome de Engrossamento.

Ora, quando no meio da linguagem de um povo aparece um vocábulo com sentido novo, que todo mundo apressa-se em adotar, é porque avultou paralelamente uma idéia nova, latente e palpitante em todas as inteligências, esperando apenas uma expressão adequada e pitoresca que a define e populariza.

O vocábulo assim instituído, ao mesmo tempo que indica o auge de uma aspiração intelectual, encerra em sua morfologia própria uma significação tão saliente da necessidade que veio satisfazer, que basta examiná-la superficialmente, para adivinhar o fato que ele se propõe reproduzir.

Como sempre acontece nessas profundas e obscuras criações sociais, ninguém sabe quem primeiro formulou o sentimento universal.

Pouco importa saber qual o indivíduo que primeiro pronunciou a expressão geralmente procurada. O que re-

quer atenta consideração é a circunstância de ter sido instantaneamente e unanimemente adotado.

Quem lhe percebe o alcance, quem lhe sanciona a construção etimológica é a inteligência coletiva do povo: — e nem é de outra maneira que se enriquecem os vocabulários.

Quando o público se tiver apropriado de uma expressão nova, se formos averiguar das relações existentes entre o termo criado e a significação que lhe é conferida, veremos com quanta sagacidade ele sabe construir e valorizar os vocábulos que inventa.

As próprias ambiguidades de linguagem, como lucidamente faz notar o incomparável Augusto Comte<sup>13</sup>, atestam a maravilhosa clarividência do povo que, parecendo atribuir acepções disparatadas a uma mesma palavra, reúne ao contrário idéias estritamente associadas como a posteridade nunca deixa de reconhecer afinal.

A esse respeito o genial autor da *Política Positiva* cita a dupla acepção de vocábulo necessário que significa ao mesmo tempo o que é útil e o que é fatal, atributos impossíveis de separar, conforme o têm demonstrado as análises da filosofia moderna.

De modo que a linguagem é uma prova da incons-

---

13 Augusto Comte (1798-1857) foi o fundador do positivismo, um movimento filosófico e político que teve uma grande difusão na segunda metade do século XIX.



À esquerda. Auguste Comte. **Créditos:** Autor não identificado.

ciente sabedoria dos povos, sabedoria tão profunda e tão cheia de previsões que chega a ter uma oculta prioridade sobre os resultados a que alcançam penivelmente os mais eminentes filósofos.

E assim o podemos orgulhosamente verificar no sentido moderno com que o público brasileiro dotou o vocábulo – Engrossamento – numa harmoniosa intuição política.

Engrossamento quer dizer na significação moderna uma delicada e inteligente espécie de adulação, uma fina combinação de servilismo, hipocrisia e egoísmo, alguma coisa enfim de eminentemente salutar para os interesses do indivíduo e da sociedade. Na acepção antiga Engrossamento é augmentação de volume, alargamento de dimensões, o que se pode traduzir em robustecimento, fortalecimento, consolidação.

Aliando essas duas significações, vemos que o espírito público atribuiu aos processos engrossatórios o destino social de consolidar a ordem política, e realmente não foram as habilidades nem os decretos dos governantes que conseguiram esta soma de tranquilidade que há pouco tempo se observa na República Brasileira.

Assim que os indivíduos perturbadores, os políticos profissionais, compenetraram-se da ineficácia da opposição para ganhar o poder – passaram logo a aderir ao governo, dando-se aliás perfeitamente com essa simpática palinódia, o que decidiu a maioria dos ambiciosos a adotá-la como processo mais fácil de sucessão governamental.

E é somente dessa feliz transformação dos costumes políticos que se deve datar o advento da verdadeira consolidação da República.

Seduzir o governo em vez de atacá-lo é o único meio certo de alcançar as mais apetecíveis posições, e a



mais aprazível forma de concorrência democrática, que — uma vez consagrada pela filosofia da História — há de extinguir os mais pudibundos escrúpulos e inaugurar para a Federação Brasileira um sólido regime de Ordem.

Nem outro fito presidiu à confecção desta obra sucinta, senão demonstrar à luz da ciência social a oportunidade política do Engrossamento, o seu valor orgânico e o profundo bom senso do povo que o instituiu como processo sistemático para atenuar a anarquia democrática.

Nada mais lisonjeiro para o nosso amor próprio nacional do que a admirável penetração com que os nossos concidadãos descobriram a futilidade dos entusiasmos republicanos e definiram, num vocábulo eloquente e preciso, o programa requerido pelo momento atual: — penetração prodigiosa, considerado o pouco exercício que temos de regime democrático.

Que os patriotas, com edificantes exemplos práticos, incutam no espírito público as vantagens materiais e a superioridade social do Engrossamento, e o Brasil caminhará com passo rápido para o seu destino de grandeza política e econômica, podendo em breve prazo ser citado como um modelo invejável de tranquilidade e disciplina.

# REVISTA ILUSTRADA

**CORTE**

ANNO 16 3000  
 SEMESTRE 9 3000  
 TRIMESTRE 5 3000

**PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.**

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
 A RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.

**PROVINCIAS**

ANNO 20 1000  
 SEMESTRE 11 1000  
 AVULSO 18 00



- Eu não te dizia, infeliz Lavourea, que elles eram incapazes de impedir que ella rolasse? Onde vá ella paezar agora!



## JUSTIFICAÇÃO HISTÓRICA E POLÍTICA DO ENGROSSAMENTO

*E o louvor altos casos persuade.*

CAMÕES

A mocidade, para cuja instrução este livro é expressamente preparado, toda pundonorosa e cheia de paixão pelas coisas ideais, há de chocar ao primeiro exame com a preconização do Engrossamento, atribuindonos uma repulsiva aberração moral.

Felizmente, porém, em nossos dias de cultura intelectual a todo transe, a mocidade é a primeira a se entusiasmar com as mais desoladoras descobertas científicas, sempre pronta a emancipar-se dos mais amados preconceitos, contanto que eles sejam batidos sob o aparato da razão teórica.

E por isso temos todo o direito de acreditar que ela não fará dúvida em abdicar-se das suas belas ilusões de independência, logo que se tiver convencido de que a reabilitação do Engrossamento é rigorosamente justificada pelas conclusões da ciência.

Já os mais acreditados sistemas filosóficos dos tempos contemporâneos conseguiram destruir a doutrina do livre arbítrio, arrancando do espírito humano a sedutora ficção da sua espontaneidade, única base sobre que assentava o pavoroso dogma da responsabilidade moral.

Somos irresponsáveis como tudo quanto existe.

E não seja isso motivo para desferir lamentações e chorar as misérias da nossa natureza.

Desde que percebemos que uma fatalidade pesa sobre nós, devemos aceitá-la sem recriminações tão estereis quanto ridículas, submeter-nos a ela com resignação,

procurando até descobrir-lhe atributos de bondade.

O que não tem remédio remediado está – é o mais consolador de todos os rifões.

Não há nada mais eficaz para dar paciência nos infortúnios do que a panacéia calmante formulada pelo Dr. Pangloss: – se tudo existe para um certo fim, dizia o douto preceptor de Cândido, há de ser necessariamente para o melhor fim. De fato, desde que uma coisa tem de acontecer irremessivelmente, ela é a melhor possível, porque não temos a liberdade de optar por coisa diversa.

Ora, se o Engrossamento é uma lei fatal da História, um dado indispensável da civilização humana – como havemos de demonstrar, embora por alto – somos forçados a concluir que ele é benfazejo e louvável. Para avaliar à primeira vista da sua grande importância social, basta considerar a profusa sinonímia que ele comporta.

Desde as odiosas vozes de servilismo, sabujice, adulação etc., contra as quais se revolta hoje com justiça o nosso melindre, até o termo inofensivo e conceituoso de Engrossamento – é fácil de observar que a ação que ele representa veio gradualmente perdendo através das idades a má reputação com que era antigamente estigmatizada e ganhando aos poucos a consideração de que goza nos tempos presentes.

Por certo o servilismo fez na Antiguidade um papel mais visível, mais grosseiramente ostensivo, do que a função que o Engrossamento desempenha em nossos dias. O maior gênio que a humanidade tem conhecido, o espantoso Aristóteles, nunca pôde conceber uma organização social em que não entrassem escravos.

O Engrossamento começou humildemente pelo servilismo, por este sentimento canino e baixo de terror do mais forte, sem reflexões, sem arte e sem consciência do

seu valor orgânico; mas, se a ação irresistível dos séculos lhe tem subtraído grande parte da energia primitiva, em compensação lhe tem imprimido o grau de intelectualidade, de finura estética e de eficácia política que o tem feito tão interessante, tão deleitoso e tão intensamente cultivado.

A obediência é uma necessidade eterna. Já o ilustre Comte afirmou que ela é a base do aperfeiçoamento.

Inegavelmente o indivíduo humano tem conquistado uma certa independência relativa, libertando-se pouco a pouco da antiga condição servil, até atingir o limite de mínima subordinação que a política moderna traçou, além do qual não é possível passar, sob pena de dissolução social.

Servilismo ou Engrossamento, o que existe no fundo de ambos é a sujeição ao mais forte, quaisquer que sejam as diferenças exteriores. Mas no Engrossamento a obediência é repassada de ternura, realçada por cativantes aparências de dedicação com que o subordinado, dando-se ares de amorosa submissão, acaba por oprimir o senhor sob o jugo amável, porém tirânico de amolecedores afagos.

Encurralado pela necessidade amargamente reconhecida da obediência ao mais forte e da dependência recíproca que escraviza todos os indivíduos uns aos outros, o homem viu-se obrigado a professar as artes do Engrossamento, com todos os seus acessórios de amor ao próximo e todas as suas cerimônias de boa sociedade, para amortecer os choques da concorrência social sob a maciez de obrigatórias indulgências, classificando de virtude aquilo que é fatalidade especial à existência coletiva.

No mais íntimo sentir de todas as consciências modernas, a subordinação é um estado odioso de que todos procuram incessantemente fugir, mas, ao qual se submetem com silencioso rancor quando lhes percebem a invencibi-

lidade, procurando depois colorir essa resignação forçada com o aspecto do que está cumprindo um delicioso dever.

Graças a esses recursos otimistas a humanidade vai vivendo e caminhando sem maiores atropelos, dourando com filosofias amenas as condições mais ásperas da sua existência, anestesiando-se por um processo de autossugestão contra as dores infinitas da vida.

Se a obediência é uma condição essencial para as associações humanas, pratiquemo-la com boa cara, sem revoltas infrutíferas, e lembremo-nos consoladamente de que ela não é hoje uma virtude muito difícil de exercitar. Em certa fase da evolução histórica o vencido que escapava do massacre era reduzido a uma escravidão cruelíssima; durante a mais alta expansão colonial de Roma os escravos podiam chegar a libertos influentes, poderosos e ricos; durante a Idade Média os servos sob a proteção dos reis foram se emancipando gradativamente até conquistarem privilégios de homens livres; e de todas essas espécies de oprimidos saiu afinal a poderosa Burguesia contemporânea, herdeira universal de tudo quanto legaram as gerações extintas.

A cada uma dessas fases de desenvolvimento social correspondeu um grau cada vez menor de sujeição do indivíduo humano e uma manifestação cada vez menos abjeta de servilismo, até ser atingido o regime normal e insuperável do Engrossamento, em que a obediência é exigida no mínimo e a honorabilidade da bajulação avaliada no máximo.

O Engrossamento mitiga os males da subordinação, ao mesmo tempo que fortalece o prestígio da Autoridade e facilita as ambições do indivíduo. Desde que o homem viu-se constrangido a dobrar humildemente sob o jugo in-

sacudível de um certo Poder, ele compreendeu a vantagem de propiciá-lo com lisonjeiras homenagens, para minorar-lhe a tirania; — e daí as cerimônias engrossatórias.

Simultaneamente, tendo de submeter os indivíduos uns pelos outros, os supremos chefes políticos viram-se forçados a ser protetores e bondosos para os seus adeptos, tornando-se tanto mais tolerantes quanto maior for o número deles.

Quanto mais geral for a docilidade dos governados, tanto mais generosa e menos despótica será a atitude dos governantes.

E acrescentemos logo que não haja por honra de natureza humana, o vão receio de que uma Autoridade unanimemente obedecida seja capaz de abusar com monstruosos excessos da sua elevada oposição para tiranizar as pessoas que lhe forem sujeitas.<sup>14</sup>

São os detestáveis, irracionais e improdutivos ataques oposicionistas que deslocam o governo da sua serena moderação, obrigando-o à legítima defesa da própria existência. As oposições sistemáticas (como todos os fatos políticos provam à saciedade) são indisputavelmente os piores fatores de tirania.

Quando o governo por acaso comete um erro político ou administrativo, o melhor meio de chamá-lo à razão é um apelo modesto, cheio de comedimento, sem nenhuma intenção de aproveitar malevolamente uma falta involuntária para vilipendiá-lo. Irritá-lo com censuras despropositadas é revelar um desejo pérfido de que ele não reconsidere as suas más ações, e provar conseqüentemente uma soberana indiferença pela coisa pública.

---

14 *WASHINGTON ACHAVA ABSURDO O RECEIO QUE MUITA GENTE AINDA TEM DE QUE UM HOMEM ASSUMA O PODER, MUDE SUBITAMENTE DE ÍNDOLE E NÃO CONSERVE SENÃO DISPOSIÇÕES PARA OPRIMIR O SEU SEMELHANTE.*



O oposicionismo a todo transe, essa espécie sonora e campanuda que tanto delicia os gostos fáceis da vasta imbecilidade humana, é o mais triste expediente de que podem usar os ambiciosos, e o menos eficaz dos processos para influir na marcha da governação.

Bem sabem os mais inocentes políticos que todos os raptos patéticos dos oposicionistas não são de modo algum ardentes revelações de amor à pátria ou mesmo à retórica, e sim evidências de ínfimos despeitos e de cobiças malogradas. Para felicidade e para glória da República a maioria da opinião nacional tem desmoralizado consideravelmente essa irrisória doutrina da hostilização *quand même*, apoiando com os seus inteligentes sufrágios o programa salvador do Engrossamento.

E não nos assustemos demasiadamente com a possibilidade de absolutismos ominosos.

É hoje noção corrente de sociologia que o despotismo não se faz pela vontade de um indivíduo: — é radicalmente falsa a teoria dos grandes homens, onde a causa é confundida com o efeito. Toda a tirania que triunfa e perdura é sempre justificada e exigida por certo número de condições inerentes a um dado momento histórico e não instituída pelo valor de um homem, por maior que ele seja.

De resto, as tiranias mais severas que os nossos tempos podem comportar, julgadas pelo exemplo temeroso do finado Calígula e de outros imperantes sanguinários, são espantalhos que apenas farão estremecer de horror os tímidos descendentes do Farmacêutico Homais<sup>15</sup> e dos seus parentes mais chegados.

---

As ditaduras contemporâneas são com toda a certeza

15 Personagem do livro *Madame Bovary*. Homais é um farmacêutico que é contra a igreja e a religião e defensor da ciência e do Iluminismo.

muito mais tolerantes do que os governos eletivos das democracias - constantemente forçados a mesquinhas violências provocadas pela fúria das oposições partidárias – porque têm a sua autoridade suprema isenta de irreverentes provas eleitorais.

Essas rubras indignações políticas laboriosamente meditadas e artisticamente formuladas pelas imprensas facciosas dão imediatamente a medida da sua insignificância, quando se confronta o pomposo do ataque com a trivialidade do delito. E tal opositorista de hoje, sempre guindado em sublimes cóleras patrióticas, podia ser que tivesse representado de panegirista predileto das conspícuas qualidades do César nos áureos tempos do divino Claudius Nerus: – porque a violência do oposicionismo é uma mera questão de retórica e a História nos mostra que os retóricos e os tiranos sempre se entenderam bem.

Não há nada mais artificial e mais picaresco na política nacional do que o espetáculo da solenidade bélica com que se pelejam grandes guerras literárias contra pobres autoridades inócuas e sem consequência, tanto mais corajosamente guerreadas quanto menos arbitrárias.

De sorte que o critério mais seguro para avaliar do mérito pacífico de um governo é medir o grau da violência com que é atacado, o que não depõe precisamente a favor da sinceridade da oposição que o hostiliza.

Os governos são hoje maquinismos inofensivos que



À esquerda. O farmacêutico Homais. **Crédito:** Autor não identificado.

vão funcionando por aí além sem mesmo saberem por que, num pequeno tique-taque burocrático, montados e movidos pela onipotência das classes conservadoras.

É necessário que eles existam, que façam ato de presença no alto do edifício político e mais nada. Mansos, acomodados com carinho e respeito, os governos tornam-se irritados e ferozes, semelhantes a aquele animal de que La Fontaine disse:

*C'est un animal bien méchant.*

*Quand on l'attaque, il se defend.*

Em nossa mofina democracia, onde eles são por ora necessariamente fracos, conforme as razões que temos expedido, e vivem até certo ponto de uma sensata condescendência pública, eles são ávidos da consideração que não têm força para impor.

Qualquer migalha de veneração é bastante para cativá-los e dar lhes a ilusão do prestígio que não têm. Ora, quem dispõe de meios tão baratos para influir sobre o governo, ganhando-lhe prontamente as simpatias, e vai tentar baldados expedientes de oposição, é porque não tem o mais rudimentar preparo sociológico, nem a menor compreensão das necessidades políticas da atualidade.

Quem sabe engrossar governa.

Por meio do Engrossamento todos os indivíduos ambiciosos e hábeis podem ter participação no governo, constringendo-o à força de carícias a ser complacente e bem ouvido. Desta forma institui-se um regime bem equilibrado, onde a parte mais preciosa e mais ilustre da opinião pública poderá influir continuamente sobre todas as decisões governamentais.

A sabedoria anônima e infalível das massas descobriu que o Engrossamento é o único remédio eficaz para debelar a anarquia democrática, fundando uma espécie de

obediência duplamente propícia ao indivíduo e ao Estado, comutando a rivalidade aparente destas duas forças numa conciliação definitiva entre ambas.

Significa essa criação popular uma compreensão vaga porém enérgica das leis da continuidade histórica, sem as quais toda existência social seria impossível.

Fundada sobre a base da submissão ao mais forte, a sociedade só pode viver pela obediência; e a própria expansão puramente individual, naquilo que tenha de possível, há de sujeitar-se a essa condição impreterível.

Durante os tempos da monarquia hereditária de que gozamos tão pouco, já se ia formando lentamente um certo espírito de cortesão produzido pelo modo de subordinação relativo a essa espécie de governo.

Alijada a monarquia e vencedora a República, era natural que esse cabedal de costumes políticos se transformasse e persistisse sob uma forma qualquer. Nada se perde na natureza – disse Lavoisier.

Por isso a obediência cortesã ressurgiu encarnada e felizmente aperfeiçoada sob moldes modernos do Engrossamento. É o eterno respeito hierárquico revivendo através de todas as transformações políticas.

*Natura non facit saltum*<sup>16</sup>...

Orgulhem-nos nós outros, cidadãos de uma democracia fraca e aparentemente fadada para eternas desordens, por termos alcançado, pelo valor raro das nossas qualidades mentais e morais, a percepção de que o Engrossamento é o único meio de consolidar o regime republicano.

No entanto algumas pessoas insuficientemente cultivadas ou nimiamente falsas verberam o Engrossamento como

---

16 A natureza não dá saltos... Aforismo de Leibniz (1646-1716) que aponta para adesão ao pensamento evolucionista.

um ato de revoltante hipocrisia e de profundo egoísmo.

Concordarnos de boa mente que ele seja uma ação mais ou menos hipócrita; mas não podemos conceder que seja isso uma razão bastante para inquiná-lo de imoralidade, pois que a hipocrisia é um elemento absolutamente necessário para as ligeiras relações sociais, como o grande Molière demonstrou a todas as luzes em uma das suas incomparáveis comédias.

Se fôssemos usar sempre de franqueza com os nossos semelhantes, a sociedade não poderia subsistir.

Uma certa espécie de honesta hipocrisia que todo mundo conhece e pratica é útil e mesmo indispensável para generalizar e facilitar o trato social. E neste caso, mais do que nunca, o fim justifica os meios.

*Serait-il à propos et de la bienséance./ De dire a mille gens tout ce que d'eux on pense?* – pergunta o engrossador Filinto, do Misanthropo.<sup>17</sup>

Evidentemente não.

E é bem de notar que, se o não fazemos, não é porque nos falta a vontade de fazê-lo.

É porque sabemos por experiências decisivas que

17 Peça de Molière, de 1666, é a referência aos trechos citados anteriormente, que tratam da falsidade dos modos elogiosos e educados da corte de Luís XIV.



À esquerda. Molière. **Créditos:** Autor não identificado. Jean-Baptiste Poquelin (1622-1673), mais conhecido como Molière, escritor, dramaturgo e ator francês do século XVII.

uma ofensa ao amor próprio alheio pode granjear-nos um inimigo rancoroso que procure a todo tempo prejudicar-nos. E ninguém avalia a tenacidade dos ódios provocados por uma falta de urbanidade.

Tenhamos presente à memória o que a esse respeito nos recomenda Henrique Heine.<sup>18</sup>

Quando a uma mesa redonda de hotel um burguês rançoso e comunicativo nos tiver confidenciado com enfadonha amabilidade:— está fazendo hoje uma temperatura agradável — o nosso dever imediato é fazer um eco pressuroso a essa banalidade meteorológica, respondendo logo com interesse que a temperatura está realmente agradável, porque se não procedermos com essa solícitude, afiança o poeta alemão, o miserável filisteu guardará contra nós um rancor eterno, mesmo até ao vale de Josafá, no dia do Juízo Final.

Sendo pois tão principal o papel que representa a hipocrisia nas mais mezinhas relações particulares que comportam uma maior dose de franqueza, avaliemos o quanto não será ela reclamada pelas necessidades rigorosas da vida pública.

Em ambos os casos o critério pelo qual se justifica a aplicação da hipocrisia é a ação benéfica que ela pode exercer sobre o aperfeiçoamento da ordem. Ora, conforme já o temos

18 Christian Johann Heinrich Heine (1797 – 1856), foi um poeta da geração romântica e é conhecido como o “último dos românticos”. Muitos de seus poemas foram musicados.



*A esquerda, Heinrich Heine. Créditos: Moritz Daniel Oppenheim.*

demonstrado, é este o destino supremo do Engrossamento.

A increpação de egoísmo pouco pesa nestas circunstâncias. Há uma alma de bondade nas coisas más – afirma Spencer<sup>19</sup> com gravidade filosófica e britânica.

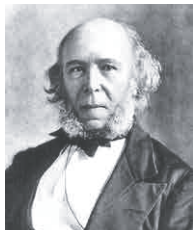
O indivíduo mais egoísta deste mundo, desde que faz parte de uma sociedade, vive involuntariamente para outrem; e o ato humano mais impregnado de egoísmo tem sempre uma reação altruísta.

A própria alimentação a que presidem instintos tão grosseiros é incontestavelmente uma efusão de amor na fase final da excreção, porque aproveita a agricultura e por consequência a Humanidade. E ainda mais, pois que sendo a desassimilação um fenômeno de destruição orgânica, uma verdadeira morte parcial – como afirma Claude Bernard<sup>20</sup> – podemos legitimamente considerar a excreção como um suicídio por amor.

Deste modo ficam reabilitados todos aqueles que o jovial Ariosto pretendeu vituperar, dizendo que tinham

---

19 Herbert Spencer (1820 – 1903), defensor da teoria do darwinismo sócio, onde as classes diferenciadas formariam a seleção natural na sociedade. Serviu de grande influência para muitos estudiosos.



À esquerda. Retrato de Herbert Spencer. **Créditos:** Autor desconhecido.

20 Claude Bernard (1813 – 1878), grande fisiologista francês, um dos maiores de todos os tempos. Considerado como o pai da fisiologia moderna experimental.

vindo ao mundo *sol per far letame*<sup>21</sup>.

Toda ação humana é a um tempo egoísta e altruísta: – egoísta no que aproveita ao indivíduo; e altruísta no que aproveita à comunhão social.

Não há nada mais ocioso do que a interminável controvérsia filosófica sobre a origem dos sentimentos morais. Que eles tenham nascido sob a inspiração primordial do utilitarismo, e do interesse individual – como acredita Spencer – ou da predominância progressiva dos instintos simpáticos – como afirma Augusto Comte – pouco importa saber para os efeitos práticos.

Egoísmo e altruísmo são meras questões de ponto de vista. Podemos indiferentemente enunciar a grande



A esquerda. Claude Bernard. **Créditos:** Autor desconhecido.

21 Vieram ao mundo só para produzir esterco. Forma como definiu Ariosto os parasitas, a quem o filósofo cínico Luciano de Samósata dedicou textos e Dante Alighieri condenou no inferno da *Divina Comédia*.



A esquerda. *Maria, das Kind verehrend, mit den Heiligen Joseph, Johannes dem Täufer, Katharina von Alexandrien, Ludwig von Toulouse und dem Stifter Lodovico Ariosto, um 1512.* **Créditos:** Vincenzo Catena. Ludovico Ariosto (1474 – 1533), poeta italiano, considerado como a maior expressão das tendências literárias do renascentismo italiano. É muito lembrado pelo poema Orlando Furioso.



lei de Newton: — os corpos se atraem na razão direta das massas e na inversa dos quadrados das distâncias — ou — os corpos se repelem na razão inversa das massas e na direta dos quadrados das distâncias — sem alterar nem de leve a verdade científica.

Do mesmo modo podemos dizer que os sentimentos morais provêm do egoísmo ou do altruísmo — em ambos os enunciados as consequências sociais permanecem invariavelmente na mesma.

A moralidade das ações humanas, como já o tinha reconhecido o ilustre Pascal com censurável amargura, é apenas uma questão relativa de espaço e de tempo. A moral dos selvagens da Nova Caledônia era tão boa para o estado social correspondente, como a moral política para a Grécia de Temístocles, ou como a moral católica para o império de Carlos Magno.

Se o Engrossamento aproveita a coletividade no momento atual, tanto lhe basta para ser uma virtude política.

Quanto a essas turbulentas manobras de oposicionismo que mal escondem a gana da satisfação pessoal sob as cores farpantes de patriotismo revoltado, de entusiasmo humanitário e de amor à justiça, não há dúvidas que devem ser rigorosamente infamadas como imorais e atentatórias da harmonia social.

Há o bom e o mau egoísmo, assim como há o bom e o mau Engrossamento. Quando um indivíduo inepto, sem nenhum talento de prospecção política, sem tato algum para calcular até onde podem razoavelmente dirigir-se as suas ambições num momento dado, chega a rebelar-se contra o governo que não lhe pôde satisfazer as pretensões exorbitantes e a lançar-se com repreensível cegueira em aventuras de oposição sistemática, nem por

isso ele deixa de ir engrossar em outros arraiais. E o Engrossamento exercitado nessas condições precárias é um ato de repelente imoralidade, desde que tão funesto é para o indivíduo como para o Estado.

Todo concurso partidário inclui necessariamente uma idéia de Engrossamento feito a alguns chefes ou a alguns eleitores: — se é feito ao partido governista, como é fácil de compreender, o Engrossamento é razoável e bom; mas, se for feito a partidos oposicionistas, ele é insensato e mau.

Em verdade, à vista da submissão política que hoje felicita a República Brasileira, podemos garantir que o oposicionismo é atualmente um caso ordinário de desequilíbrio mental, com um quadro sintomático bem conhecido de alucinações e ilusões, aparecendo aqui e ali sob a forma esporádica, e interessando apenas à curiosidade da psiquiatria ociosa.

O mal oposicionista com caracteres epidêmicos e perigosos tornou-se felizmente impossível, depois que algumas experiências eficazes imunizaram o espírito nacional, desmoralizando completamente a prática sediciosa e estúpida das revoltas e das eleições.

O sebastianismo despeitado que por aí vai caindo aos pedaços e morrendo à míngua, pensando já em espiritualizar-se e aposentar-se nas névoas melancólicas do platonismo, teve a petulância de augurar-se a nós outros republicanos de boa marca uma série indefinida de desconcertos, em que havíamos de sucumbir miseravelmente.

Como se as qualidades plásticas de humildade, de prudência e de passividade política nos tivessem sido avaramente negadas pela Sorte!...

Mas o agouro saiu errado. E nem nos falta

presentemente, para cúmulo de perfeição republicana, a pureza das nossas decisões eleitorais.

A credulidade nacional vai decrescendo com uma rapidez quase gloriosa; e é justamente por isso que todo mundo vota hoje com o Governo.

Não há mais necessidade de suborno, nem de compreensão, nem de falsificação. A verdade das urnas — a aspiração mais veemente dos sistemas democráticos — é uma conquista definitiva alcançada pela força do Engrossamento, ao qual bastaria apenas esse serviço para merecer o aplauso e a adesão de todos os bons republicanos e de todos os cidadãos que ainda nutrirem nos peitos uma paixão séria pela soberania popular.

Está, entretanto, muito longe das nossas intenções o programa absurdo de reprovar indistintamente todo movimento oposicionista. Prossigamos tão somente, e com todas as veras, esse sistema de agressão brutal e sistemática que tem por fim desautorizar o Poder, chegando até ao reprovável excesso de negar-lhe o apoio eleitoral.

O Engrossamento não é incompatível com a oposição, tal qual como o amor não exclui um ciúme passageiro. A briga com a Autoridade é até certo ponto permissível, contanto que não passe de uma respeitosa controvérsia, de uma ligeira rusga cheia de atenções delicadas, sustentada como que a contragosto, alguma coisa enfim que se pareça com um arrufo, mais própria para excitar um renovamento de simpatia do que para causar um rompimento desagradável.

Não se engane a mocidade com as seduções de uma independência que nunca existiu nem nunca existirá. O mérito da subordinação é também o da perspicácia, da sensatez e do preparo científico.

A História nos apresenta rutilantes exemplos do

concurso eminente prestado pelo Engrossamento à civilização humana, desde os tempos em que ele era chamado de servilismo e de outros substantivos presentemente considerados como injuriosos

Desde as épocas mais longínquas e mais bárbaras da ciência e da literatura, os sábios e os artistas, para se poderem entregar afincadamente à cultura das suas vocações, para poderem gozar daquilo a que Cícero chamou *otium cum dignitate*, eram forçados a recorrer à proteção dos mais fortes, captando-a com toda a sorte de lisonjas, às vezes tão excessivamente engrandecedoras que fazem hoje sorrir de desprezo a aqueles que desconhecem a força das necessidades históricas.

Com exceções raríssimas (e ainda assim mesmo duvidosas) o talento da adulação era um reflexo, uma prova geral do valor literário e científico dos homens. E os tiranos mais cruéis e caprichosos sempre cediam à influência capitosa de louvores artisticamente elaborados, recompensando, protegendo e distinguindo os engrossadores mais peritos.

Mesmo o hábito inveterado das homenagens fez com que certos déspotas mais espirituosos perdoassem de vez em quando as insolências de alguns poetas, revelando-se nessas ocasiões muito superiores aos presumidos vates cujos elogios eles tinham a fraqueza de requestar.

Leu uma vez o simpático Dionísio de Siracusa<sup>22</sup> certos versos de sua lavra ao poeta Filoxene<sup>23</sup> e, tendo este usado da grosseria de achá-los maus, o tirano mandou apenas prendê-lo numas pedreiras. No dia seguinte Dio-

<sup>22</sup> Dionisio ou Dionisio I, tirano de Siracusa. Tentou unir os gregos do Ocidente em defesa de sua civilização contra o elementor “bárbaro”. Seu governo era tirânico, não era baseado nos princípios da liberdade.

<sup>23</sup> Filoxene foi um poeta da região da Scicília. Foi preso por ter alegado que os poemas de Dionísio I eram ruins.

nísio mandou retirá-lo da prisão e de novo consultou-o sobre outros versos.

Filoxene somente respondeu: – Levem-me outra vez para as pedreiras. O amável tirano riu-se e perdoou, porque valia certamente mais que o poetastro imbecil e malcriado a quem tanto custara a banalidade de uma fácil lisonja.

O engrossador que se preza, que conhece bem as regras elementares da sua arte deve fazer como o filósofo Favorinus ao qual sucedeu que o Imperador Adriano lhe tivesse criticado a propriedade de uma expressão. Favorinus<sup>24</sup> conquanto dispusesse de razões excelentes para defender-se, aceitou como um distinto favor a correção imperial; e tendo-lhe alguns amigos estranhado o procedimento, ele respondeu-lhes com superior bom senso: – Como quereis que eu dispute sabedorias com um homem, que dispõe de trinta legiões?

Ao arquiteto Apollodorus<sup>25</sup> custou-lhe a vida a imprudência de haver escarnecido as pífias esculturas do mesmo imperador. E recordemos que Nero nunca perdoou uma irreverência aos seus méritos literários.

Durante todo o tempo dos Césares os artistas só puderam subsistir mediante uma extraordinária cultura da adulação, do mesmo modo que em todo o longo período medieval.

Contudo, Dante, nomeando o doce Virgílio para guia da sua excursão aos infernos, e querendo dar-se ares de pal-

---

24 Favorinus de Arelate (ca. 80-160 AD) foi um romano sofista e filósofo que viveu durante o reinado de Adriano.

25 Apollodorus de Damasco (65 d.C.—125), foi um dos maiores arquitetos de seu tempo. Trabalhou em construções públicas e militares. Foi, por um tempo, o arquiteto preferido do imperador Trajano, caiu em descrédito após criticar as esculturas feitas pelo imperador.

matória do mundo, afirma que o castigo dos engrossadores é chafurdar profundamente em excremento; e ajunta:

*Vidi um col capo si di m... lordo/Che non pareva s'era laico o cherco.*<sup>26</sup>

A mentira é de uma flagrância escandalosa. Que os engrossadores religiosos não se aterrem com essa perspectiva infernal. Se a adulação fosse castigada desse modo, lá estaria Virgílio, o cisne Mantuano, a chafurdar também os seus louros poéticos e a sua cândida plumagem, pois que o suave autor da Eneida foi um bajulador descarado de Augusto e de Mecenas.

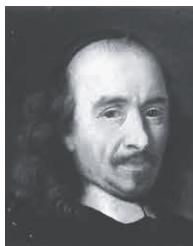
E com tal guia, tinha o poeta florentino de andar de mãos ao nariz.

De resto, a maioria dos grandes homens da ciência e das artes foram aduladores eméritos. Sêneca, Tácito, Juvenal, Ovídio, Lucano, Ariosto, Tasso, Camões, Cervantes, Molière, Newton, Cuvier, Bacon, Shakespeare etc., todos estes foram engrossadores de primeira plana.

O grande Corneille<sup>27</sup>, o nobre criador de altivos caracteres, teve a divina imprudência de dizer que haviam sido as qualidades de Mazarino que lhe tinham inspirado

<sup>26</sup> Vi um com a cabeça tão suja de merda/ que não distinguia se era leigo ou clérigo. O vocábulo “merda” é substituído pela transcrição “m...”.

<sup>27</sup> Pierre Corneille (1606 -1684). Conhecido como um grande autor de peças, Corneille também foi conselheiro do rei e advogado.



A esquerda. Pierre Corneille. **Créditos:** Autor desconhecido.

os seus trágicos heróis.

Cervantes, um gênio da ironia, adulava abjetamente o Conde de Lemos<sup>28</sup>. Molière, o grande irreverente, rojava aos pés de Luiz XIV. Sir Isaac Newton condescendia de vez em quando em descer das suas regiões lunáticas para bajular a rainha Anna e alguns grandes da Inglaterra, exercício em que o ilustre matemático perdia as suas distrações habituais. Shakespeare, tão profundo conhecedor do coração humano, chamou a Elizabeth de Inglaterra – Vestal do Ocidente.

E não pretendamos amesquinhar a memória sagrada desses grandes homens, qualificando totalmente as suas lisonjas como uma quebra de caráter.

Se eles não tivessem adulado, muitos monumentos da literatura e da ciência não se teriam publicado, e a civilização humana não teria por consequência atingido ao alto grau em que presentemente se acha. Assim como devemos manifestar gratidão às ordens monásticas do Ocidente pelo fato de haverem guardado e salvado, durante os períodos mais bárbaros da Idade Média, as obras-primas dos antigos, do mesmo modo devemos à adulação dos grandes homens reconhecimento e louvores, porque foi o único meio que eles puderam conseguir para a publicação dos seus trabalhos.

Nesses tempos em que a impressão era caríssima, em que não havia público para recompensar as despesas da publicação, os homens de ciência e de literatura, para conseguirem editores, tiveram que recorrer à proteção e à bolsa de amos poderosos, conquistando-as com as seduções cativantes da lisonja.

Acreditamos que as considerações até agora expan-

28 Conde de Lemos é um título de nobreza espanhol proveniente da cidade de Monforte de Lemos, situada na comunidade autónoma de Galicia. O título está tradicionalmente ligado à família Castro.

didadas são plenamente bastantes para evidenciar o prestígio social do Engrossamento e para desvanecer os injustos escrúpulos das pessoas ingênuas que ainda se obstinam em considerá-lo como uma revoltante imoralidade.

Nessa demonstração adotamos o processo mais simples e mais rápido. Ter-nos-ia sido certamente fácil dar-lhe o aparato de uma minuciosa erudição tão comumente liberalizada em diversos tratados de sociologia em que mingüam as conclusões e sobram exclusivamente pedantes citações.

Poderíamos, por exemplo, ter levado as nossas investigações nos diversos processos de adulação usados entre os Hebreus, os Gregos, os Árabes, os Malaios etc, ter estudado os fenômenos da bajulação no século de Leão X e no século de Luiz XIV, e tirar do confronto desses dados uma lei geral do Engrossamento e das suas transformações evolutivas.

Mas, escrevendo um trabalho didático, uma obra de proselitismo imediatamente relativo ao nosso meio político, preferimos com austeridade suprimir eruditas indagações, aliás sem prejuízo do assunto (assim o pensamos), pois que tivemos a felicidade de estudar o gênero engrossatório em favoráveis condições de intensidade no exemplo característico dos nossos atuais costumes republicanos, podendo assim dispensar grande cópia de subsídios históricos.

Nem nos parecem necessárias considerações especiais para concluir que a arte moderna do Engrossamento, julgada pelos resultados a que têm chegado entre nós os melhores espíritos, é infinitamente superior em variedade de expressão, em requinte estético e em sutileza intelectual ao mais perfeito cortesanismo dos *beaux-esprits* da época de Luiz XIV.

A República Brasileira deve-lhe a sua tranquilidade atual, o que nos obriga como bons cidadãos a considerá-lo







e praticá-lo com reconhecimento e apreço.

\* \* \*

## A TÉCNICA DO ENGROSSAMENTO

*La louange chatouille et gagne les esprits.*

LA FONTAINE

Já dissemos mais ou menos claramente que Engrossamento político é uma forma de namoro, de sedução, de D. Juanismo, que tem por fim captar as simpatias da Autoridade e arrancar-lhes os favores e benefícios que ela possa porventura prestar.

Há entretanto (tantas esquisitices manifesta a natureza humana) indivíduos que exercem o Engrossamento por inclinação nativa, por simples amor à arte, sem cuidar nos proventos que ele pode fornecer.

Assim como em matéria de amor há o flecheiro perigoso que ao menor vislumbre de probabilidade arrisca as tentativas mais audazes, e há o inofensivo azeiteiro que nunca passa dos favores preliminares – assim também existe na arte engrossatória a espécie interesseira que nunca mete prego sem estopa e a espécie platônica que se contenta e se lisonjeia com a mera intimidade dos poderosos.

Ao azeiteiro basta-lhe um olhar expressivo que publique diante de testemunhas a irreprensível paixão de uma menina; e ao engrossador desinteressado basta-lhe que a autoridade o favoreça com um tratamento familiar em presença de gente.

E todavia, mesmo nesse caso incharacterístico de azeite político, a arte do Engrossamento revela inapreciáveis vantagens práticas: – se, por exemplo (hipótese inteiramente plausível), o cidadão Fulano mostra-se refratário ao pagamento de certa conta que deve no armazém dos Srs. Beltrano e Cia., estes senhores, tão amigos da cobrança quanto respeitadores de tudo

o que cheira a influência política, são bem capazes de mostrar uma excepcional indulgência para com o remisso devedor, quando souberem que ele é íntimo de S. Exa., a Autoridade.

E não mencionamos outras vantagens de igual natureza porque o leitor inteligente e experimentado poderá facilmente imaginá-las.

O caso que nos deve principalmente preocupar é o do Engrossamento estimulado pelo interesse – a arte vulpina e clássica de fazer cair o queijo do bico da Autoridade.

Antes de tudo notemos que, sendo o Engrossamento uma arte de agradar e seduzir, nada mais próprio para desenvolver no homem os gostos estéticos porque não há coisa tão eficaz como a necessidade de conquistar um coração para imprimir eloquência no olhar, graça no gesto e suavidade no falar. Já o engenheiro Darwin descobriu que nos pássaros a beleza da plumagem e a maviosidade do canto são resultados de uma longa seleção sexual, da concorrência incessante dos machos na conquista das fêmeas.

O engrossador também tem a sua fêmea – o governo – cujas boas graças é necessário aliciar com aparências enternecedoras: – fêmea muito frequentada em verdade, mas que tem a importância e a autoridade de que gozam nas colméias as abelhas-mestras.

Como todas as artes, o Engrossamento deve ter as suas regras, os seus princípios capitais, cujo conhecimento é indispensável para que se consigam todos os efeitos de que ele é capaz.

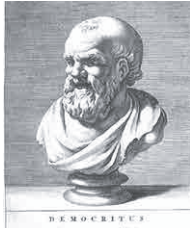
Entretanto, nessas obscuras atrações da simpatia surgem de vez em quando resultados tão inopinados, tão fora do alcance da mais cuidadosa previsão psicológica, que somos quase levados a acreditar nos átomos de gancho com que Descartes explicava o amor ou nas afinidades eletivas de Goethe.

Quantas vezes um indivíduo que geralmente se considera como destituído das qualidades precisas para inspirar uma paixão, não comove instantaneamente os afetos de uma mulher inutilmente perseguida por outros homens que se supunham bem prendados para se fazer amar?

Essas simpatias repentinas, esses *coups de foudre* de que falava o sutil Stendhal, essa atração mútua de dois indivíduos nascida num olhar trocado pela primeira vez, ainda não pôde ter uma explicação razoável.

Conta a História que Demócrito<sup>29</sup> – o grande sarcástico – apenas viu o modo por que Protágoras<sup>30</sup> amarrava um

29 Demócrito (entre 470 e 457 aC – 360 e 350 aC) foi discípulo de Leucipo. Foi o desenvolvedor da concepção materialista da realidade, ou seja, a matéria em movimento. Foi um grande filósofo e um dos maiores escritores da antiguidade.



Superior à esquerda. Democritus. Créditos: Anônimo.



Inferior à esquerda. Demócrito e Protágoras. Créditos: Salvator Rosa.

30 Protágoras de Abdera foi o maior representante dos sofistas gregos. Era um relativista, dizia “que não existem verdades absolutas, mas apenas opiniões que variam de acordo com o indivíduo”. Foi banido de Atenas por ser agnósticos. Há poucos fragmentos de suas obras.

feixe de lenha, julgou-o logo digno da sua afeição e do seu ensino.

Sucedede de vez em quando que uma Autoridade se apaixona por um sujeito sem aptidões, sem mérito e sem cálculo, protegendo-o até ao sacrifício, sem que possa de modo algum perceber a razão desse enfeitiçamento.

Em todo o caso, essas exceções desalentadoras não bastam para desprestigiar as regras de uma arte tão experimentada e tão bem reputada na opinião universal.

E os engrossadores de merecimento não devem desanimar em presença de exemplos anormais, cumprindo que se lembrem de que ninguém resiste a uma sedução bem feita e bem encaminhada. Não há pessoa alguma inacessível ao Engrossamento, porque todo mundo tem o seu calcanhar de Aquiles, o seu ponto vulnerável que é preciso determinar com precisão em cada caso especial, e por onde as armas de lisonja podem facilmente penetrar.

Nessa fatalidade humana repousa justamente a eficácia dos processos engrossatórios.

A vaidade e o Engrossamento são duas coisas complementares que se procuram, que se atraem de longe e que se justificam reciprocamente, pois que uma representa a aprovação e a outra a aprobatividade. O valor do Engrossamento mede-se pela grandeza da vaidade e vice-versa: — é uma relação quase tão precisa como a proporcionalidade dos lados homólogos em Geometria.

Não há talvez no espírito humano um fator mais intenso de sociabilidade do que essa benfazeja sofreguidão de aplausos pela qual se caracteriza a vaidade.

A honradez, o brio, a coragem, a pertinência no tra-

balho, a capacidade de abnegação e sacrifício são manifestações humanas intimamente ligadas aos louvores da opinião pública, à influência enorme dos elogios e da aprovação dos nossos semelhantes. Sem que tenhamos de incorrer na pecha de misantropia e pessimismo, podemos licitamente duvidar da possibilidade de heroísmos obscuros, sem a mais remota esperança de que uma galeria venha afinal a reconhecê-los e aplaudi-los.

O homem existe unicamente para a sociedade e pela sociedade e o critério principal por onde ele pode pautar o valor das suas ações é a aprovação dos seus semelhantes, que constitui o prêmio ambicionado de toda vaidade.

*Vanitas vanitatum et omnia vanitas*<sup>31</sup> – já o disse há um poder de séculos o incomparável Eclesiastes, esse livro de repouso e consolação, em que se nota a rara honestidade de exprimir com franqueza o que vale a condição humana.

Desde que um indivíduo obtém a estima e a admiração dos seus contemporâneos, não precisamos de mais provas para consagrá-lo como benemérito e notável.

Uma investigação feita com imparcialidade mostrar-nos-á que não é a esperança de conquistar os louvores serôdios da posteridade, que alimenta e inspra os mortíferos esforços humanos empregados no aperfeiçoamento artístico e científico da espécie.

As glorificações pagáveis à vista sempre foram e continuarão perpetuamente a ser o grande estímulo de toda heroicidade. Se desgraçadamente o homem pudesse contentar-se com as apoteoses do futuro a ponto de prescindir com desprezo dos elogios do presente, todas as extravagâncias ser-lhe-iam permitidas e todas as loucuras achariam pasto na expectativa de tardios aplausos.

---

31 *Vanidade das vaidades, e tudo é vaidade, Eclesiastes 1:2.*



*Après moi le déluge* – é a divisa do espírito moderno que bem pouco se importa com a opinião imprevisível da posteridade. Mesmo aos mais sublimes gênios dos tempos antigos e a aqueles a quem pomposamente chamamos de mártires da ciência, se lhes fosse oferecida uma fama imediata e vitalícia a troco de perderem os aplausos dos vindouros, claro está que eles a aceitavam sem vacilar.

O que todo mundo secretamente deseja é a glória atual, glória de contado. O futuro não tem crédito.

E demo-nos parabéns a nós mesmos por ser assim feita a natureza humana, refletindo que se faltasse à nossa espécie o estímulo energético da vaidade, os homens apenas graduariam os seus esforços pela satisfação das necessidades mais grosseiras.

*Omnia vanitas*, sem o que todo estado social é impossível.

O mérito sem vaidade é uma coisa perfeitamente incompreensível. É bem certo que não há proporcionalidade exata entre esses dois atributos. Há indivíduos que têm mais vaidade, mais apetite de elogios do que merecimento real; mas, ainda assim, não temos o direito de qualificá-los de perniciosos ou ridículos, porque eles procuram na aprovação pública um estímulo de aperfeiçoamento para melhorarem e para se tornarem úteis.

A modéstia, que com tantos derriços sentimentais tem sido festejada, é apenas uma prenda de boa sociedade, uma arte hipócrita de condescender com a vaidade alheia, uma falsa virtude, uma espécie de paz armada que tem por fim notificar ao nosso próximo que haja por bem não ofender a opinião que formamos de nós mesmos com o engrandecimento das suas qualidades pessoais.

Calo os meus méritos para que tu também fiques obrigado a calar os teus – tal é a linguagem mental do



homem que geralmente se costuma aquilatar por modesto.

Sem a consciência do próprio valor nenhum indivíduo seria capaz de agir e manifestar-se.

E se fosse possível que existisse um ente humano dotado das mais raras perfeições, porém não possuindo a menor parcela de vaidade, esse indivíduo, esse falso ideal de superioridade, seria um ser profundamente imoral e revoltante, porque havia de ter um absoluto desprezo pela opinião de seus contemporâneos.

O conhecimento cada vez mais perfeito da natureza humana, adquirido pela observação rigorosa de multiplicados e incisivos exemplos individuais, demonstra que a nenhum esforço, a nenhum trabalho e a nenhum sacrifício é estranho o sentimento de vaidade.

Quase todos os dias temos ocasião de observar o despeito desses artistas modernos que consideram caprichosamente a Arte como uma simples questão de gozo individual em que a opinião pública nada tem que intervir, por não poderem conquistar a popularidade que fingem desprezar com altivez. É coisa curiosa e grandemente significativa – quando um desses artistas originais, que começaram por desfazer na força da opinião pública, chega afinal a conquistar um certo grau de notoriedade, ninguém imagina o fulminante desdém com que ele trata de desconhecidos àqueles que estão principiando a carreira pelos mesmos modos desdenhosos.

Algumas aparências de modéstia são muitas vezes a forma mais requintada da vaidade; e La Bruyère<sup>32</sup>, que fez esta observação, é o primeiro a comprová-la como seu próprio exemplo. O vaidoso autor dos célebres *Caractères*

---

32 Jean de La Bruyère (1645 – 1696). É considerado um dos maiores escritores franceses. Formado em direito, foi tesoureiro geral da França no Tribunal das finanças e preceptor do príncipe Louis de Condé.

que soube tão habilmente equilibrar-se durante toda a sua vida numa atitude forçada de modéstia, acha que esta qualidade só se assenta nos grandes homens, e mostra-se indignado com os mediócrs que ousam ostentá-la.

A vaidade é natural, necessária e benéfica.

Se os poderosos da Terra não a tivessem em grau elevado no fundo de sua alma, ai dos fracos e humildes que não poderiam modificá los com o ascendente de sua opinião.

Felizmente ela existe no coração de todos os homens, sempre ao alcance de um insinuante Engrossamento que saiba catá-la, farejá-la e descobri-la nas suas manifestações mais fugitivas.

A dificuldade capital da lisonja e a mais alta perícia do engrossador consistem em perceber a espécie de vaidade peculiar ao indivíduo que tem de ser submetido às provas da sedução, e saber qual a ocasião mais oportuna para tentá-la.

Para isso é preciso conhecer com vantagem a psicologia prática, a ciência da fisionomia e a mímica das emoções.

Os grandes artistas do Engrossamento, com essa espécie de adivinhação quase sobrenatural com que são dotados os espíritos superiores, conhecem tudo isso intuitivamente, sem saber explicar e analisar o segredo dos seus triunfos.

Infelizmente a maior parte dos princípios dogmá-



*A esquerda. Jean de La Bruyère. Créditos: Nicolas de Largillierre.*

ticos dessa arte interessante são o que há de mais falível e precário. Não se pode ensinar ninguém a ser sublime. Mas a ciência da psicologia tem progredido tanto, com a abundância dos materiais acumulados pela observação metódica dos fenômenos humanos, que se torna hoje possível arriscar alguns preceitos superficiais sobre a prática do Engrossamento.

A biologia nos ensina que todo centro nervoso solicitado por uma excitação qualquer reage imediatamente com um estímulo proporcional exercido sobre certa zona do sistema muscular.

A cada sensação corresponde um movimento — como já o tinha dito o grande Comte, muito antes de terem alguns indivíduos sagazes descoberto de novo essa verdade biológica. São as reações musculares relativas às diversas emoções que constituem a mímica, a manifestação visível pela qual se reconhecem e se reproduzem as paixões humanas. Todavia, sendo o homem o animal mais complicado e mais perfeito da série zoológica, é também o mais capaz de dissimulação, o mais apto para inibir os seus reflexos musculares ou transportá-los para zonas em que as reações sejam menos perceptíveis, afetando a aparência da impassibilidade ainda quando intimamente sacudido pelas mais violentas emoções.

Podemos obrigar os músculos da face a se conservarem quietos durante um sofrimento; mas, um suor de angústia emperla-nos a fronte, nossas extremidades se resfriam e o coração nos bate no peito com rapidez maior. Nessas condições substituímos os reflexos muito flagrantes da fisionomia por fenômenos musculares mais profundos e mais recônditos.

Daí a grande dificuldade da prospecção psicológica que se baseia na interpretação da mímica facial. Mas se o homem pode chegar a ser perfeito em esconder as suas manifestações emotivas, nem por isso ele pode insensibili-

zar-se contra a força de uma paixão bem fingida.

E portanto o engrossador inteligente deve compreender que tem de ser um penetrante psicólogo para surpreender a índole de um indivíduo através da atitude mentirosa que ele mantém e um refinado comediante para dar a ilusão da verdade aos papéis que tiver de representar. Por aí se veja que o Engrossamento é uma arte eminentemente saudável como exercício espiritual, uma verdadeira escola de conhecimento à natureza humana, tão preciosa coisa para a prática da vida.

Felizmente para os engrossadores nacionais os diversos tipos de autoridade que florescem ao nosso meio político não apresentam grandes complicações psicológicas, pertencendo a maioria deles à espécie solene e geralmente benquista do venerável Joseph Prudhomme, pessoal todo ele atreito à doçura dos mais ordinários louvores, gente fácil de comover com polianteias e foguetes, modelos que costumam encontrar copiados a *crayon* ou a óleo em qualquer casa de onde triunfe um guarda-nacional zeloso das suas funções.

Mas, apesar da abençoada simplificação que as exigências da nossa fauna política permitem no material laudatório, ainda assim é trabalho difícil senão impossível sistematizar os processos que em tal caso comporta o Engrossamento.

Entretanto, seja-nos lícito formular timidamente uma dicotomização geral que procuraremos antes justificar com exemplos concretos do que com razões abstratas.

Somos de parecer, salvo melhor juízo, que é necessário dividir o Engrossamento em duas classes principais: — Engrossamento direto, imediato, essencialmente mímico; o Engrossamento indireto, a distância, em que se dispensa gesticulações.

Cada um desses métodos tem as suas indicações

próprias, podendo contudo ser conjuntamente empregados pelos artistas de talento.

Tomamos um indivíduo que não tem a honra invejável de privar com Autoridade ou que reconhece a sua insuficiência mímica para exprimir o sabido afeto que lhe dedica:— se esse indivíduo, por intermédio de um cidadão ingênuo, fez chegar aos preciosos ouvidos de S. Exa. o eco da sua amável admiração, é bem provável que S. Exa. procure conhecer e distinguir o pudico e modesto admirador que lhe fez tão boas ausências.

E eis ai um caso de Engrossamento indireto.

Se esse indivíduo, numa polémica verbal intencionalmente travada com um representante da opposição ou da dissidência, aparentando uma nobre imparcialidade, tem o agradável ensejo de reivindicar os méritos de S. Exa. contra acusações injustas e despeitadas (só por amor da verdade) e se ele tem a precaução de fazer levar ao conhecimento de S. Exa. pela boca de um anônimo complacente e indiscreto as façanhas defensivas que praticou, não será surpresa alguma que esse indivíduo seja daí a tempos exalçado em certas ambições que nutria.

E aí está outro exemplo ainda mais expressivo de Engrossamento indireto.

O que seduz e cativa a Autoridade nesses exemplos é o realce da pudicícia e do desinteresse ajuntado a um sincero sentimento de admiração que parece evitar com dignidade toda suspeita ofensiva de adulação vulgar.

Imaginemos ainda que é absolutamente necessário dar uma resposta esmagadora a certa acusação publicada por um indigno jornal oposicionista e particularmente dolorosa para o coração sensível de S. Exa.: — se um engrossador inteligente, provocando e aproveitando um

convite da redação oficial, consegue produzir uma defesa que deleita S. Exa., bulindo-lhe com os mais ocultos melindres da vaidade, e depois se esconde com modéstia e foge de excessivos agradecimentos, com a atitude estoica de um homem que apenas cumpriu um rigoroso dever de consciência, fiquemos certos de que esse sujeito obterá uma recompensa no momento em que a solicitar.

Mais outro exemplo de Engrossamento indireto.

E mesmo na oposição as fecundas artes engrossatórias podem ser exercidas sob a forma indireta. Quando um homem político, que por um involuntário e comum erro de cálculo foi levado a alistar-se num partido hostil ao governo, tenciona honrosamente reverter ao regime da antiga obediência e manifestar um generoso arrependimento das suas faltas passadas, o processo de retrogradação é fácil e mesmo rápido se ele redige um jornal onde possa mostrar os progressos diários da sua disposição à penitência.

Com certos colaboradores acomodaticios que tomem a iniciativa de aplaudir alguns atos oficiais e uma certa dose de grave reserva colorida com o aparato da justiça, tudo se arranja afinal.

E a ovelha transviada pode voltar para o regaço carinhoso da Autoridade que bem pode – como na parábola do filho pródigo – matar nessa ocasião o seu melhor novilho, apesar de todos os ciúmes governistas.

Os processos da arte são infinitos. *Ars longa...*

Já tivemos ocasião de aplaudir com entusiasmo um artista emérito que mitigou repentinamente a sua fúria de chefe oposicionista no dia em que percebeu com intensa mágoa (tão sensível é o coração humano) que estava imolando os seus amigos do interior à má vontade do governo. Também alguma vez o sentimentalismo há de influir em nossas determinações.

Não é à toa que a piedade ocupa um vasto lugar no espírito humano...

Um certo grau de taciturnidade, de sentenciosa circunspecção e mesmo de rispidez em presença de S.Exa., contrastando com o conhecido e fogoso entusiasmo com que lhe fazemos as mais elogiosas ausências, é uma combinação efficacíssima para conquistar-lhe a simpatia; e para obter esse resultado valioso basta encontrar um confidente simplório que se preste inconscientemente a servir de intermediário. Por isso recomendamos com instância aos engrossadores nóveis e inespertos que não caíam nunca no perigoso desazo de narrar a S.Exa. os conceitos afetuosos e admirativos que ouviram a seu respeito, para não favorecer concorrentes que possam vir a ser funestos.

Quanto ao Engrossamento direto, a espécie mais banal e mais comumente praticada é o processo pelo qual seduzimos a Autoridade com o magnetismo do olhar, a propriedade do gesto e a melodia das falas tudo isso temperado com certa modéstia e humildade, sem o que sera dificultoso suscitar uma piedosa simpatia no coração de S.Exa.

O artista tem a liberdade de escolher o gênero em que puder figurar com mais vantagem, adaptando às condições intrínsecas da sua índole: ou sisudo, ou melancólico, ou lírico ou cheio de vivacidade, o Engrossamento agrada sempre, contanto que tenha o mérito da naturalidade com que unicamente se podem contentar as vaidosas pretensões de S.Exa.

Entretanto, bom será que o engrossador prime em todos os gêneros e que tenha uma execução perfeita de todas as variações engrossatórias, para não se tornar monótono e constantemente previsto. O inesperado, quando é agradável, multiplica o prazer, como judiciosamente fazem observar os mais reputados compêndios de Retórica:

*In varietate voluptas.*<sup>33</sup>

A cada situação deve corresponder uma modalidade especial de Engrossamento, cômico-dramático – e mesmo trágico (se bem que muito raramente) pois que as artes de Melpomene pouco se empregam no serviço de S.Exa. O punhal simbólico da tragédia foi substituído por simples ameaças inofensivas e platônicas de quebrar a cara da oposição, de acordo com a incruência<sup>34</sup> característica que ditosamente reina nos costumes nacionais.

O Engrossamento cômico pode ser empregado com

- 
- 33 Tudo o que é novo é desejável. Provérbio latino.  
 34 Diz-se daquilo que não está aberto, sangrando, ferido.



*À esquerda. Nicolas Boileau. Créditos: Jean-Baptiste Santerre.* Nicolas Boileau-Despréaux (1636 – 1711) foi um poeta e crítico literário. Muito conhecido por ser um defensor dos clássicos em francês e da literatura inglesa.



*À esquerda. Retrato de Paul-Charles-Joseph Bourget. Créditos: Autor desconhecido.* Paul-Charles-Joseph Bourget (1882 – 1935), romancista e crítico francês, muito conhecido por ser um mestre do romance psicológico.



alguma felicidade, não passando porém do terreno da bufonia, destinada a distrair os espíritos de S.Exa. das suas árduas preocupações de Estadista, sem alcançar nunca a zona odiosa da ironia; porque não há ente mais sério do que uma Autoridade, e mesmo quando S.Exa. estima ver uma certa veia sarcástica empregada contra a oposição, fica-lhe na mente a suspeita de que a mesma arma possa algum dia ser empregada contra a sua pessoa.

O emprego de Boileau era fulminar com as suas sátiras poéticas todas as pessoas que caíssem no desagrado do Rei-Sol. É verdade que foi cumulado de favores; mas isto é um caso excepcional.

Na sedução política as qualidades cômicas não dão os mesmos resultados vitoriosos que costumam alcançar na conquista dos corações femininos. Na estatística de Paul Bourget são os atores cômicos que obtêm a primazia na conquista das mulheres, mas, certamente, na sedução dos homens o resultado é de todo em todo contrário.

É o gênero sisudo e grave o que mais agrada no Engrossamento político, principalmente quando ajudado por um exterior venerável, monumentoso e decorativo. Por mais prolongada que tenha de ser a nossa existência pessoal, nunca havemos de esquecer a impressão profunda que nos causou um soberbo ancião de longas barbas argentinas, com uma bela calva de respeito, por ocasião de certo banquete político. Em certa altura do festim, depois de estar sofrivelmente restaurado, ergueu-se o majestoso velho de *aspecto venerando*, e *tais palavras tirou do experto peito*<sup>35</sup>, que nos evocou logo a imagem do velho dos *Lusíadas*, que *ficava nas praias entre as gentes* a vociferar coisas amargas e ponderosas, e o vulto do rei Sobrino aplacando a Discórdia no campo de Agramante.

Ao terminar a sua fala profunda, ele declamou com

---

35 Em itálico, são trechos do Velho do Restelo, em Os Lusíadas.

voz mordente e cava:

*O homem que faz progredir o Estado à sombra da paz da liberdade...* E aqui relanceou olhares intrépidos como que desafiando a audácia de uma contestação. *O homem que faz progredir o Estado à sombra da paz e da liberdade...* e – sentindo a intensidade da expectativa geral – ele lançou a sua palavra decisiva, como quem vibra a toda força um golpe de alto a baixo: é um *Benemérito!* O herói da festa quase desmaiou de prazer e ainda hoje repete comovido que nunca tinha ouvido falar tão bem. E fora tudo uma simples questão de porte e de figura.

Todos nós ficamos sucumbidos e ainda mais estupefatos quando vimos o barbudo ancião, passado esse arranco de entusiasmo, baixar de novo no prato e, reatando os seus triunfos gastronômicos no mesmo ponto em que os tinha deixado, continuar serenamente a destroçar as vitualhas oficiais.

Soubemos depois que essa tinha sido uma exibição incompleta dos seus talentos engrossatórios, que o formoso velho tinha serviços muito mais admiráveis, e que era um dos maiores artistas conhecidos da eloquência panegírica com revelações proporcionais à importância culinária dos banquetes.

O que seria então, pensamos nós, *si audivissemus bestium mugientem*<sup>36</sup> em melhores condições alimentares?

O bom engrossador deve saber aproveitar as suas qualidades físicas, o seu próprio volume, a expressão dos seus traços, todas as suas particularidades de aspecto exterior, para minorar-lhes os defeitos ou exagerar-lhes o valor, sempre em vista do caso especial da vaidade que é necessário lisonjear.

O grande ator inglês Garrick assim como o célebre

---

36 Trecho do Paradoxo sobre o comediante, de Diderot.

trágico francês Lekain<sup>37</sup> eram dotados de um físico desagradável, e no entanto foram notabilidades do palco por terem sabido imitar, à força de talento e de indefeso trabalho, os gestos mais expressivos da mímica humana.

Uma bela estatura, uma voz profunda e bem timbrada, uma pronúncia bem escondida, um sistema piloso bem distribuído, tudo enfim que comunica dignidade e grandeza à figura humana é uma vantagem relevante para o engrossador; mas o artista de gênio que não possuía essas qualidades pode substituí-las pela eloquência da gesticulação, assim como Madame de Maintenon<sup>38</sup> fazia esquecer a falta de um

<sup>37</sup> Henri-Louis Cain (1729-1778), ator francês considerado como o maior trágico de seu tempo.



*Superior à esquerda. Portrait of David Garrick. Créditos: Thomas Gainsborough.* David Garrick (1717-1779), foi ator, produtor e dramaturgo. Foi um dos gerentes do Drury Lane Theatre.



*A esquerda. Lekain. Créditos: Original de Arthur Pougin, Dictionnaire historique et pittoresque du théâtre et des arts qui s'y rattachent, Paris, Firmin-Didot et cie, 1885, p. 44.*

<sup>38</sup> Françoise d'Aubigné (aprox. 1635-1697). Esposa secreta do rei Luís XIV, nomeada como Madame de Maintenon. Assumiu o papel de governanta dos

prato com o encanto de uma anedota narrada com espírito

O que é sobretudo indispensável é que o engrossador saiba fugir às aparências desprezíveis da adulação, gênero anacrônico que já teve sua época, mas que os progressos da civilização tornaram desusado, ridículo e ineficaz.

O *Neveu de Rameau*, este herói tão original e tão estimável, cujas confidências mais íntimas o ilustre Diderot teve a felicidade de receber e publicar, declarava peremptoriamente que as suas leituras favoritas eram Molière, La Bruyère e Theophrasto, não para corrigir-se dos vícios que esses autores censuram, mas para conhecer a aparência denunciadora de cada um deles e saber modificá-la numa atitude virtuosa.

Assim o engrossador perito deve conhecer as formas clássicas e desacreditadas da adulação, para saber evitá-las e substituí-las pelas atitudes respeitáveis da honestidade.

Dizem os chins que as cerimônias suprem as virtudes, o que é mais verdadeiro do que parece, porque a virtude bem analisada não é mais do que uma cerimônia universal e necessária.

O engrossador ideal é aquele que percebe a espécie de vaidade que predomina no espírito de S.Exa. através de filhos bastardos do rei.



À esquerda. Françoise d'Aubigné. **Créditos:** Sem informações.

alguns gestos e de algumas frases, tal qual como o astrônomo determina a órbita de um astro, dadas algumas posições sucessivas na sua trajetória, ou como o paleontologista que ressuscita a morfologia de um ser extinto pela estrutura de uma pequena parte do seu esqueleto.

É perfeitamente legítimo supor que uma fatalidade máxima, uma lei única, rege todos os fenômenos do Universo e que os casos particulares podem ser deduzidos de um mesmo caso geral. A célebre concepção de Laplace, segundo a qual todos os acontecimentos podem ser previstos por uma inteligência convenientemente preparada, não é uma simples blague filosófica como pensou Augusto Comte.

A síntese objetiva, a redução de todos os fenômenos a uma só lei, pode não ser humanamente possível, mas não podemos deixar de acreditar que ela exista. Não sabemos absolutamente quais são as leis que regem muitos fenômenos meteorológicos, mas nem por isso podemos imaginá-las como independentes das leis físico-químicas. E este exemplo basta para demonstrar que a teoria da irreduzibilidade dos fenômenos não passa de uma caturrice filosófica, de uma escandalosa petição de princípio.

Todas as dependências vão se simplificando de categoria em categoria, até a lei máxima e desconhecida que regula todos os destinos.

Todo consequente tem o seu antecedente, todo fenômeno tem o seu determinismo.

O fato mais insignificante tem as suas correlações invariáveis, as suas leis de manifestação.

Bufon, com uma lucidez nunca assaz admirada, compreendeu intuitivamente a força dessa lei suprema, quando escreveu a sua celebérrima frase:— O estilo é o homem.

O modo de construir os períodos, a escolha dos vo-

cábulos, a maneira de conduzir a argumentação, todas as diversas formas de elocução que constituem o estilo são estritamente relativas às qualidades pessoais do escritor. A expressão é positivamente o conjunto de reflexos emanados de diversos centros sensitivos; e essa irradiação é sempre correspondente ao modo de ser, às qualidades íntimas do aparelho nervoso receptor das impressões.

A mais trivial das ações humanas é acompanhada de particularidades que lhe são próprias, assim como o som de um instrumento tem superposições de harmônicos que lhe são especiais e que lhe comunicam o timbre inconfundível com que vibra.

Todo homem tem um certo estilo para cada ato; e é a combinação desses estilos parciais, a sua adição, a sua fusão, a sua integração que formam o estilo supremo, o modo de ser de cada existência, isto é, a personalidade. Há diversas maneiras de mastigar, de olhar, de rir, de pensar, de tirar o chapéu, de assoar o nariz, certas predileções e certas repugnâncias, cujo conjunto caracteriza o — eu — peculiar a cada indivíduo.

De modo que, em contrário do que diz o ditado, as aparências não iludem nunca quando são interpretadas com sagacidade; e a prova disso é que os bons observadores, quando empregam a sua atenção durante um espaço de tempo necessário para colher a sintomatologia especial de uma índole, nunca se enganam com a fisionomia, os hábitos e os gestos do indivíduo estudado.

O cérebro que funciona habitualmente debaixo de uma cartola não é o mesmo que raciocina sob um leviano chapéu de palha: a cartola é uma disciplina intelectual, um freio moral, uma espécie de cilício imposto contra as revoltas do espírito.

O coração que bate compassadamente sob uma grave

sobrecasaca não comporta os alvoroços do que palpita com jovialidade sob o jugo amável de um risonho paletó-saco.

Cada época tem as suas modas; mas, dentro de cada espécie de moda há matizes bastantes para a caracterização de quaisquer modalidades individuais. Mesmo por entre a vasta tolerância que os nossos dias permitem em matéria de toalete, há cidadãos cuja gravidade não lhes permite o uso das roupas claras e até das gravatas de cor, sob pena de falharem aos preceitos da dignidade.

E são justamente esses indivíduos sérios que abrigam as suas veneráveis pessoas em venerandas roupagens, negras e de infundir respeito, que pertencem à classe vulgar dos engrossáveis por veneração. Tratar com circunspecção é o fraco desse pessoal sisudo, cuja gravidade é logo anunciada de longe pela cor dos tecidos com que se cobre, para que os irreverentes não se chamem à ignorância e tenham tempo de refrear os seus maus costumes de galhofa.

Regada com algumas tinturas de erudição, essa formosa espécie desabrocha em floridos entusiasmos pelo Progresso, pela Confederação Helvética, pela Constituição Norte-Americana, pelas finanças italianas e outros primores sociais.

Não há talvez coisa mais própria para educar o gosto da mocidade nos encantos do Engrossamento do que assistir à sedução de uma Autoridade sisuda por um sujeito igualmente sisudo. Cide Hamete Benengeli jurou por Mafoma que cederia uma das duas cobaias que possuía só para ver D. Quixote e D. Rodrigues de mãos entrelaçadas, empenhados numa entrevista secreta e noturna prometendo solenemente um ao outro guardar os preceitos da castidade.

Pode pois a mocidade sacrificar alguns momentos da sua atenção para contemplar a cena edificante e gratuita

que lhe recomendamos com instância.

O engrossador que ambicionar uma lisonjeira superioridade nos exercícios do seu mister há de estudar com particular cuidado a sintomatologia psíquica da barba, distinguir-lhe as diversas variedades, o desvelo com que é tratada etc., etc. Como já tivemos ocasião de afirmar, todas as particularidades visíveis do homem têm a sua significação própria.

A relação entre o físico e o moral humano é apenas uma consequência da fatalidade universal que transparece num caso particular, conforme o ilustre Cabanis já tinha finamente suspeitado.

Um bigode ralo, ou roído, ou eriçado, ou negligentemente descaído não tem o mesmo valor-diagnóstico, nem o mesmo prestígio capilar que uma bigodeira copiosa, bem cuidada e retorcida.

Do mesmo modo uma barba espessa, olímpica e frondosa tem atributos de venerabilidade muito mais valiosos do que as farripas estioladas que mal chegam para acidentar a cara de um indivíduo. E todo mundo liga uma idéia de discrição e majestade às barbas extensas e profusas.

O antropomorfismo humano nunca pôde representar Júpiter e Jeová senão sob o aspecto de varões barbaçudos; e realmente seria risível o espetáculo de um Deus sem barbas, com ares iracundos e inexoráveis, a lançar raios lá das alturas.

As barbas cerradas parece terem sido instituídas com o fim visível de enobrecer a fisionomia masculina, encobrindo-lhe a fraqueza do sorriso e dando-lhe a impassibilidade que imaginamos remar na figura dos entes superiores.

Num rosto glabro as mais leves contrações musculares da alegria ou da tristeza denunciam-se aos olhares



menos perspicazes. Por isso não recomendamos aos engrossadores nem aos governantes que usem a barba toda rapada, salvo se tiverem a dita de possuir um talento excepcional para a dissimulação.

Demais (como podemos observar nos comediantes e nos sacerdotes católicos) o esforço habitual de paralisar os músculos da expressão fisionômica acaba por imprimir à face um aspecto de dureza ou uma aparência de máscara.

Decididamente as barbas representam valores de bom quilate. Não foi por leviandade que as de D. João de Castro foram aceitas pelos seus credores como um bom penhor.

A barba mais extravagante e mais ridícula que se pode ver são as suíças que dão à fisionomia humana um ar simiesco no repouso dos músculos faciais e um aspecto bochechudo e insignificante no ato do riso ou do pranto.

De resto, acreditamos que nenhum verdadeiro grande homem usou nunca de suíças.

A barba que unicamente concilia a venerabilidade com a simpatia é de certo o cavanhaque, porque descobre os relevos benevolentes da face e imprime ao queixo a proeminência da energia: – espécie capilar particularmente adaptável aos homens de governo que devem ser ao mesmo tempo tolerantes e severos.

Hoffmann, o homem das fantasias descabeladas, manteve-se nos limites da pura realidade quando afixou às bochechas a qualidade de representar os gozos carnais, a patuscada, o abandono de espírito.

Todos os fisionomistas, inclusive o sagaz e bondoso Lavater, sempre consideraram a saliência acentuada do queixo como sanal de vontade enérgica, uma prova de força de caráter. E a própria Bíblia considera o queixo como

uma arma tremenda, como se pode verificar no caso de Sansão destroçando os Filisteus.

Exagerando o ressaltado do mento, o cavanhaque dá à fisionomia um ar decidido e arrojado, ao passo que, desvendando as bochechas e os sulcos nasolabiais, ele a humaniza com um certo jeito de bondade jovial.

Tais são as principais variedades capilares cuja significação psíquica os engrossadores devem investigar com estudos aplicados.

Já o espírito público apreendeu avisadamente que o indivíduo que de vez em quando muda de barba é um ente leviano ou vaidoso; e que o cidadão que se horroriza com a idéia de modificar a sua, embora para melhor, que considera como uma caracterização definitiva que só a morte poderá destruir, é positivamente um ser conservador, circunspecto e dado às coisas sérias.

Cada qual tem o seu fraco, a sua tineta predileta, como o Dr. Primrose tinha a mania matrimonial e monogamista, e o simpático Tio Tobias gosto entranhado das fortificações. E nenhuma dessas extravagâncias anda desacompanhada de uma inarraigável vaidade.

Há indivíduos cujo amor próprio se reparte por muitos méritos que eles se atribuem a si mesmos e há outros que só se envaidecem com uma só qualidade que julgam possuir em grau eminente.

Tudo isso o engrossador astuto deve perceber e aproveitar.

Muitas vezes um destino irônico leva pessoas de legítimo valor a se lisonjearem com atributos que não possuem, desprezando as qualidades meritórias que realmente as distinguem.

A História abunda nesses exemplos esquisitos.

O grande Frederico teve acima de tudo a vaidade literária, Elizabeth de Inglaterra a de ser bonita, Voltaire a de ser nobre, o trovador Pedro de Tolosa a de parecer um valente guerreiro etc.

E quem ainda não viu sujeitos de grandes talentos circunscreverem a sua glória em prendas que não possuem? Um feio querendo ser bonito, um franzino aparentar robustez, um velho desejando passar por moço ou um impotente por conquistador e debochado?

Acontece mesmo, não raramente – tão cômica é a condição humana – encontrarem-se indivíduos verdadeiramente superiores que se deixam cativar com delícias quando lhes louvamos com escandalosa parcialidade alguma prenda subalterna, como por exemplo a de ter bom sopro na flauta, de ser entendido em charutos ou de jogar o solo com proficiência.

O engrossador deve estar sempre alerta para descobrir essas pequenas brechas e por elas penetrar na praça sitiada.

Apanhados os fracos da Autoridade a seduzir, o artista passa a ensaiar com prudência os seus processos, ilustrando-os com uma mímica eloquente nos casos de Engrossamento direto e tendo o máximo cuidado de escolher as ocasiões favoráveis.

A este respeito, dada a semelhança dos assuntos, convém lembrar o que escreveu Paul Bourget na sua *Fisiologia do Amor Moderno* acerca dos excluídos por *schlemylade*, isto é, dos indivíduos caiporas que estragam uma conquista bem começada por terem a triste sina de só chegar às últimas audácias em momentos intempestivos, quando a mulher está com dores de cabeça, quando tem os calos doídos etc., etc.

Ao engrossador sucedem-lhe também *schlemylades*

quando não tem o tato e a finura de escolher as boas oportunidades.

A mímica há de ser executada com a maior perfeição e a mais completa aparência de naturalidade: — os grandes artistas são aqueles que obtêm os mais brilhantes efeitos sem que se lhes perceba o esforço da execução.

É também necessário que o engrossando não seja brutalizado com louvores hiperbólicos.

Nos tempos da decadência romana, em pleno vigor das mais rasteiras formas da adulação, Pescennius Niger<sup>39</sup>, aclamado imperador pelas tropas que comandava, repeliu e fez calar um panegirista infeliz que o comparava a Mário, Aníbal e outros famosos cabos de guerra.

O mesmo fez o grande Constantino a um padre que lhe louvava imoderadamente as qualidades.

Todo excesso é prejudicial.

Suponhamos que S. Exa. lê a uma roda de seus admiradores certo escrito que trabalhou com grandes desvelos literários: — os mais medíocres rebentarão logo em ruidosas interjeições de assombro, terão exclamações exageradas de gosto, olhares encantados, sorrisos fixos de beatitude, todo o aparato admirativo encenado de repente com uma rapidez de mágica; enquanto que o engrossador refinado, evitando essas instantâneas mutações à vista que podem fazer desconfiar, ouve com silenciosa atenção a peça de S. Exa. Imobiliza-se em seguida numa atitude meditativa, reclama com respeitoso interesse uma nova leitura, e só no correr de segunda audição é que a sua fisionomia vai se iluminando com o prazer da convicção e a chama do entusiasmo.

Regra geral, S. Exa. lisonjeia-se mais com esses

---

<sup>39</sup> Gaius Pescennius Niger foi o governador da Síria durante o ano de 193.

aplausos retardados, porque lhe dão o sabor delicioso de um triunfo intelectual custosamente obtido à força de lógica e de estilo.

É igualmente eficaz o processo segundo o qual afetamos uma atenciosa discordância com as idéias de S. Exa. produzindo com habilidade argumentos fracos, para proporcionar a S. Exa. o gosto de pulverizá-los em duas palhetadas e levar vitoriosamente ao nosso espírito medíocre a convicção que fingíamos não ter.

Ninguém fez ainda com mais heróico desplante esse sacrifício de si mesmo do que um tal Artom, secretário do Conde de Cavour<sup>40</sup>, fértil em objeções insignificantes que o ministro italiano se comprazia em refutar, como que fazendo uma ginástica cerebral higiênica e recreativa.

Entretanto, é preciso que esses meios se acompanhem afinal da escala mímica da aprovação, desde os mais simples gestos de surpresa até os grandes êxtases admirativos, tão decisivos para os grandes momentos e de uma execução infelizmente tão delicada – o que aliás não é para admirar – pois que um simples aperto de mão, uma combinação de contracções musculares tão simples e aparentemente tão fáceis de executar, tem gradações variadas, expressões infinitas, que só um exercício prolongado e uma

40 Camilo Benso (1810 – 1861), político atuante na unificação italiana.



*A esquerda. Portrait de Camille Cavour. Créditos: Francesco Hayez.*

observação esclarecida podem conseguir.

Um mestre engrossador sabe aprovar, respeitar, admirar, condoer-se, acariciar, mostrar franqueza, ternura, os mais diversos sentimentos, num rápido aperto de mão. A arte de rir também é dificultosa, tanto para a perfeita coordenação muscular do ato, como para as suas indicações especiais. O engrossador deve saber onde tem de colocar um sorriso esboçado de leve ou uma gargalhada retumbante.

Representar com perícia uma barrigada de riso, com sufocações, lágrimas e convulsões abdominais, quando é necessário aplaudir uma pilhéria que S. Exa. narra com a pretensão visível de ter graça, não é para o talento de qualquer.

Mas, o que há de superiormente árduo na mímica do Engrossamento é imprimir ao olhar a expressão adequada à emoção que temos de reproduzir; faze-lo brilhar no entusiasmo, extingui-lo na condolência, quebrantá-lo suavemente na ternura, dar-lhe esse quid inexplicável de veracidade, sem o qual ele atraiçoa de repente a mais sutil dissimulação.

Alguns fisionomistas de nota chegam mesmo a considerar acima dos recursos da arte uma perfeita hipocrisia do olhar — este espelho da alma — como lhe chama a voz pública, que os mais estudados fingimentos não conseguem de todo empanar.

É preciso dar aqui uma explicação fundamental e consoladora. É verdade que um indivíduo afetado de um sentimento real, por mais hábil que seja na dissimulação, não pode representar uma emoção diversa da que o está impressionando; mas o indivíduo ao qual não solicitam emoções verdadeiras, como o engrossador, é justamente quem pode representá-las com perfeição, conforme explica Diderot no seu *Paradoxo sobre o Comediante*.

Em todo o caso é justo confessar que a expressão do

olhar, aliás a mais eloquente e enérgica de todas, é a menos acessível aos artistas da dissimulação; mas, por outro lado, não há necessidade de uma grande perfeição imitativa, porque a lisonja tem o efeito precioso de embotar as faculdades analíticas de S. Exa.

Ademais, os engrossadores que não possuírem um olho bem-educado podem usar com vantagem de um par de óculos escuros e suficientemente impenetráveis a qualquer desconfiança.

Será bom entretanto ter perícia em todos os exercícios da arte mímica. O engrossador ideal deve ser como o *Neveu de Ramau* que tinha conseguido à força de prática e de gênio adular até mesmo com as costas, para o que tinha inventado a sua famosa atitude admirativa do dorso.

Uma certa maneira de menear a cabeça em sinal de aprovação; um certo langor ou um certo brilho da face; uma respiração anelante que se resolva afinal num repousado suspiro, significando primeiro a ansiedade da nossa atenção e depois o prazer mental de havermos percebido a palavra transcendental de S. Exa.; um certo modo de torcer e esticar o pescoço para colher avidamente com o nosso melhor ouvido os conceitos da Autoridade; uma certa inquietação irreprimível dos ombros e das mãos, uma certa imitação inconsciente dos gestos de S. Exa., exprimindo a nossa aprovação visível às suas idéias etc.: — tudo isso deve ser laboriosamente ensaiado por quem ambicionar uma rara maestria na arte do Engrossamento.

Não obstante as inumeráveis dificuldades práticas desses processos diretos, são eles os mais frequentemente usados, porque é sabido que a mímica obtém muitas vezes com rapidez aquilo que é negado à mais eloquente das súplicas indiretas.

Longe da vista, longe do coração.

Muitas vezes recusamos com dureza satisfazer um justo pedido feito por escrito, ao passo que facilmente nos sucede favorecer uma reclamação verbal de que suspeitamos contudo a velhacaria, tão grande é a força da gesticulação e tão comovedores são os acentos suplicantes e chorosos da voz humana. Não há dúvida alguma que a lágrima é um grande excitador de simpatia e de piedade, o que talvez seja devido ao seu estado líquido pois que já os antigos químicos tinham observado o valor da fluidez para a facilidade das combinações. *Corpora non agunt nisi soluta*, diziam eles axiomáticamente.

Entretanto, tal foi o abuso com que alguns químicos nacionais empregaram a sua secreção lacrimal nos mais simples lances tribunícios, que a organização política do país já reage com dificuldade às mais bem ponderadas aplicações do pranto.

O clássico *si vis me flere*<sup>41</sup>... pode ser substituído atualmente entre nós por — *si vis me ridere*...

Todavia, se admitimos que, como expediente de tribuna, a lágrima está um pouco desmoralizada, o mesmo não diremos do choro discretamente derramado num reservado colóquio engrossatório, ou por ocasião do sentido passamento de algum querido parente de S. Exa.

Nessas condições concordamos e mesmo recomendamos, contanto que haja discernimento, que os artistas bem dotados de glândulas lacrimais vertam moderadamente as suas secreções.

Além das seduções até agora expostas, o engrossador tem ainda grande margem para agradar e render S. Exa., prestando-lhe pequenos serviços íntimos, obscuros,

41 Conselho ao ator dramático, atribuído pelos compêndios de retórica a Horácio.



e por isso mesmo valiosamente recompensados. O próprio Luiz XI, esse monarca eternamente suspeito e frio, deixou-se influenciar pelas manhas vulgares de um reles barbeiro. É muito conhecida a importância de que gozam sempre os criados de quarto.

*Nul homme n'est héros pour son valet de chamber.*

A aquele que gentilmente lhe presta pequenos serviços domésticos S. Exa. não faz dúvida em mostrar escancaradamente os seus fracos mais secretos. Nasce daí uma simpatia reveladora que dá uma franqueza e um encanto particular às relações do amo com o fâmullo predileto.

Não aconselhamos porém aos engrossadores que se aviltem demasiadamente exercendo misteres muito baixos, como por exemplo que se encarreguem de meter para dentro das competentes ceroulas as fraldas de S. Exa.

E mesmo nos casos excepcionais em que houver necessidade de fazê-lo, cumpre que o engrossador se porte com uma certa altivez bem ostentada, para que não parem dúvidas sobre a nobreza do seu caráter. Admitimos, *verbi gratia*, que ele carregue a chapeleira de S. Exa.; mas insistimos para que o faça com dignidade, aproximadamente da maneira com que os Levitas carregavam a Arca da Aliança.

A dignidade é muitas vezes necessária e mesmo apreciável.

Com aparências de austeridade ou de uma estreita camaradagem calcada sobre os moldes clássicos da amizade que ligava Aquiles e Patroclo, Orestes e Pylades, o engrossador pode até abandonar-se a um amável proxenetismo, quando S. Exa. honrá-lo porventura com os segredos da sua concupiscência, sem que tenha de incorrer na pecha de uma nauseabunda alcovite.

# Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO de

Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109

GALLINHEIRO do 2º DISTRICTO



Estão no chão um pato e um capião. O capião tem no seu ovo a inscripção mysteriosa P. R. E. distribue cedulas... eleitoraes, e não do thesouro, como almejavam os funcionarios municipaes. Vamos pela ninhada do Pato, que deve sair viva e esparta, ao calor de um manifesto e de umas taillas conferencias.

A prática do Engrossamento, não há negá-lo, é cheia de dificuldades e de situações quase insolúveis. Será por exemplo de bom efeito prestar a S. Exa. os serviços que o belo Antínoos dispensava ao Imperador Adriano? Ou será melhor cumular a Autoridade com os favores que César costumava receber de alguns engrossadores intrépidos?

Tratando-se de uma tão grave questão técnica que depende principalmente de requisitos físicos, não é prudente resolvê-la com leviano dogmatismo. Mas, com observações pacientes a mocidade estudiosa poderá resolver por si mesma e prestar posteriormente fecundas informações aos engrossadores de boa vontade.

Imaginamos que os mais decisivos dados do problema consistem em conservar a linha diplomática que tudo justifica quando é bem sustentada.

*Jusqu'au chien il s'efforce de plaire* – disse Molière referindo-se ao noivo; e tal deve ser a divisa do engrossador.

Quando S. Exa. tem família com prole, agregados e cachorrinhos, é preciso agradá-los a todos e tornar propícias todas essas divindades domésticas. Muitas vezes é a antipatia da Exma. Senhora de S Exa. que malogra as nossas mais bem fundadas esperanças.

Não podemos neste capítulo precisar miúdas particularidades engrossatórias, não só por difícilimas de catalogar e definir, como também porque eles se subordinam a uma irreduzível intuição artística rebelde a todos os preceitos rigorosos, como costumam sempre ser as mais veementes inspirações estéticas.

Contudo, para rematar proveitosamente esta parte técnica, julgamos de bom proceder ministrar aos engrossadores principiantes um conselho salutar: – não deixem nunca de fazer constar a S. Exa. que nutrem, ainda que

com tímida ansiedade, umas pequenas ambições.

É preciso provocar constantemente a munificência da Autoridade.

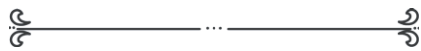
*Os olhos dos servos estão pregados nas mãos dos seus senhores*  
— diz a Bíblia.

Certamente a abnegação tem uma bela aparência e não deixa de colorir agradavelmente a estratégia engrossatória, quando empregada com sobriedade; mas, não convêm de modo algum afetar um desinteresse sistemático que acaba sempre por prejudicar-nos.

Um indivíduo que se faz ostentadamente abnegado, que baseia os seus merecimentos num invariável desinteresse, é não só esquecido como fácil de ser afastado de qualquer pretensão que venha a manifestar. E se ele insistir na sua inesperada ambição perde todo o prestígio que lhe tinha dado a sua atitude anterior.

Aperfeiçoem-se os engrossadores nas artes mímicas, exercitem-se por uma aturada observação a fazer precisos diagnósticos psicológicos, aprendam a agarrar as boas ocasiões, que se hão de tornar infalivelmente irresistíveis na sedução das mais esquivas Excelências.

\* \* \*



## A ARTE DE ENGOLIR A PÍLULA

*Não há prazer completo neste mundo...*

Por mais apazível que se possa imaginar um ofício, ele terá fatalmente percalços dolorosos que de vez em quando o envenenam.

É perfeitamente justificável parodiar uma célebre frase de Spencer, sem forçar a lógica dos fatos, dizendo que – há uma alma de maldade nas coisas boas. A arte do Engrossamento é sem contestação possível tão lucrativa para o aparelho cerebral como para as diversas vísceras digestivas. Mas tem certos incômodos que lhe são apensos e que é preciso suportar com estóica resignação.

Nem tudo são rosas neste vale de lágrimas.

Ouçamos o que conta Thackeray<sup>42</sup> no seu afamado *Book of Snobs*: “Estando há alguns anos em Constantinopla, encarregado de uma missão delicada (porque os Russos jogavam com pau de dois bicos e tinha sido necessário que por nosso lado mandássemos um enviado extraordinário), Leckerbiss, paxá de Roumelia, então principal Galeongi da Porta deu um banquete

<sup>42</sup> William Makepeace Thackeray (1811-1863), autor, editor e ilustrador. Bastante conhecido por ter escrito *Vanity Fair: A Novel Without a Hero*.



*A esquerda. Daguerreótipo de William Makepeace Thackeray por Jesse Harrison Whitehurst (1819-1875). Créditos: Jesse Harrison.*

diplomático no seu palácio de verão em Bujukderê. “Eu estava à esquerda do Galeongi e o agente russo, Conde de Didloff, à direita.

“Didloff é um dândi capaz de desmaiar com o perfume de uma rosa: — ele tinha mandado assassinar-me por três vezes durante o curso da negociação. Porém éramos sem dúvida amigos fraternais em público e no cumprimentávamos do modo mais cordial e gentil.

“O Galeongi é — ou antes era, coitado, porque um laço apertou-lhe o pescoço — um extremo secretário da velha escola política da Turquia. Comemos com a mão e tivemos fatias de pão em vez de pratos; porque a única inovação que ele admitia era o uso de bebidas européias que ingurgitava com grande deleite. Comia como um alarve.

“Entre outros pratos havia um enorme que lhe colocaram diante com um carneiro preparado com a lã, estufado com ameixas, alhos, asafétida, pimenta e outros condimentos, a mais abominável mistura que nenhum mortal ainda cheirou ou provou.

“O Galeongi entrou por ele com voracidade; e, segundo a moda oriental insistiu por servir os seus amigos da direita e da esquerda. E quando acontecia encontrar um bocado especialmente bem temperado, empurrava com as suas próprias mãos até às goelas dos convidados.

“Nunca poderei esquecer os olhares do pobre Didloff quando S. Exa., enrolando um pedaço em forma de bolo e exclamando Buk, Buk (está muito bom), administrou-lhe a horrível pílula.

“Os olhos do Russo reviraram pavorosamente logo que ele a recebeu: —engoliu-a com uma careta que me pareceu uma convulsão e, apanhando uma garrafa que encontrou perto de si, imaginando que fosse Sauterne

mas que era aguardente de França, entornou obra de meia canada antes de conhecer o engano em que tinha caído.

“Isso liquidou; foi removido em braços da sala de jantar e deposto à fresca numa casa de verão junto ao Bósforo.

“Quando chegou a minha vez, engoli a droga com um sorriso, disse Bismillah lambi os beiços com grata amabilidade e depois, quando serviu-se o prato vizinho, fiz também uma pílula muito bem feita. Lancei-a às goelas do velho Galeongi com tanta graça que lhe conquistei o coração. “Foram afastadas as pretensões da Rússia e assinou-se o tratado de Kabobanopla. “Quanto a Didloff, tudo voltou-se contra ele: — foi chamado a S. Petersburgo e Sir Roderick Murchison viu, sob o número 3967, trabalhando nas minas do Ural.”

Eis aí um caso de alta moralidade em que um indivíduo viu naufragadas as suas mais ardentes pretensões, tendo depois atraído sobre si uma pena bárbara, por não ter sabido engolir uma pílula.

Os engrossadores devem pois ter sempre o paladar preparado para as amarguras inevitáveis do ofício, reconfortando-se durante os transeis difíceis com a imagem risonda dos proventos a colher.

E como não desejamos absolutamente iludir a mocidade com falsas perspectivas de uma inalterável felicidade profissional, passamos a esmiuçar sem fraudulentas atenuações os lances aflitivos com que o Engrossamento costuma surpreender-nos.

É preciso em primeiro lugar distinguir os inconvenientes materiais e os inconvenientes espirituais. Parece à primeira vista — tratando-se de uma profissão mais literária do que mecânica — que ele não conte no seu passivo peníveis contratempos traumáticos.



Mas um exemplo dolorosamente instrutivo servirá para demonstrar o contrário.

Numa ocasião insidiosa e aparentemente favorável escapara-se das mãos preciosas de S. Exa. um cândido lenço que, obedecendo às leis irreverentes da gravidade, chegara a tocar no assoalho.

Tinham presenciado esse fenômeno barológico dois graves magistrados que, há muito empenhados num irritante *steeplechase*<sup>43</sup> engrossatório, porfiavam na conquista da simpatia de S. Exa. Mal tinha pousado o lenço no chão e os nossos jurisconsultos, com uma incomparável precisão de movimentos automáticos, que podia fazer honra ao soldado mais bem instruído, manobraram ao mesmo tempo erguer a cambraia de S. Exa. É fácil de adivinhar o desastre que sucedeu: — chocaram-se cavamente os dois crânios solícitos e jurídicos, com profundas contusões de parte a parte.

Um deles ressentiu-se tão fortemente do abalo, que daí por diante não pôde lavrar uma decisão que prestasse.

Verdade é que S. Exa. sem tempo para fornecer-se de compaixão, aplaudiu o abalroamento dos seus admiradores com uma risada impiedosa.

Porém isso não obstou a que os gratificasse a ambos com um acréscimo de consideração, levando mesmo a sua generosidade até ao ponto de formular diversos considerandos jurídicos para o infeliz cujo cérebro se havia enfraquecido.

Conhecemos um outro caso ainda mais funesto: — o de um engrossador idoso e adoentado que escapou de succumbir sob o peso de um bem nutrido infante, esperançoso filho de S. Exa., carregando-o ao colo numa distância gran-

---

43 Corrida de obstáculos para cavalos.

de; e S. Exa. muito tempo depois ainda guardava um secreto rancor ao imprudente velho que ameaçara morrer-lhe intempestivamente em casa.

Não há nada mais incômodo do que engrossar uma Autoridade que tenha família numerosa. É preciso suportar com sorrisos indulgentes, enquanto um ódio assassino nos morde o coração, a corja abominável das crianças com as suas travessuras, os seus desaforos e as suas dejeções inesperadas; é preciso em casos de viagem tomar conta da complicada e inumerável bagagem de S.Exa. e providenciar numa multidão de pequenas comissões desagradáveis; na volta de S. Exa. é necessário organizar as manifestações com arcos, coqueiros, e meninas vestidas de branco; nas soirées oficiais é necessário carregar bandeja, licoreiros e outros petrechos delicados solenemente entregues à nossa responsabilidade, dançar com as meninas, namorá-las com discrição em certos casos etc., etc.

Árdua é a tarefa do engrossador nessas circunstâncias fastidiosas e quantas vezes mal reconhecida e pior recompensada!

Por mais minuciosamente que se estudem essas diversas práticas, a nossa previsão não dá para tudo, e lá nos escapa de vez em quando um pequeno desastre profissional, suficiente contudo para alheiar-nos temporariamente a simpatia de S. Exa. ou de algum membro da sua Exma. Família.

Já tivemos ocasião de assistir às amarguras de um engrossador, aliás bastante recomendável, ao qual aconteceu, brincando amorosamente com um filho de S. Exa., queimar-lhe ligeiramente um braço com cinza do charuto. O menino urrou estrondosamente. O artista, com essa intuição elétrica que nos salva às vezes nos momentos trágicos, quis empregar o cuspe e o sopro como terapêutica

de urgência. Mas o menino, rebelde à saliva e ao refresco, escapou-se-lhe das mãos e correu desvairadamente pela casa a berrar a sua dor.

Alguns miseráveis rivais, aproveitando o desastre alheio, ciciavam perfidamente que aquilo tinha sido uma imprudência nunca vista, quase um propósito.

S. Exa. mesmo, contagiado pela fúria da Esposa, teve a crueldade de concordar que realmente tinha havido uma grave imprudência.

A essa injustiça inesperada caída de tão alto, ao pobre réu de tão ligeiro crime borbotaram-lhe lágrimas nos olhos. Felizmente para ele estes sinais inequívocos de arrependimento bastaram para condoer o grande coração de S. Exa. que começou logo a consolar com alguma meiguice a vítima do seu excessivo rigor.

Aí o engrossador,

*como o menino da ama castigado*

*que quem no afaga o choro lhe acrescenta,*

aproveitou a ocasião para lavar-se de toda culpa com algumas lágrimas de quebra.

E esse individuo é hoje deputado.

Uma desgraça medonha que anda sempre apensa ao officio de engrossador são as subscrições: — recebe S. Exa. o encargo de arranjar donativos para um funeral, uma apoteose ou uma instituição e descarrega sobre nós outros, míseros suplicantes, sob a forma de um execrável papel onde devemos assinar quantias pavorosas, e até pagá-las, para fazermos jus a um extorsivo pg; ou então vem S. Exa. de fora, trama-se a recepção infalível, corre-se o tal papel da subscrição e temos de cair com os nossos queridos metais, tanto mais lisonjeiros quanto mais liberalmente assinados.

Coisa igualmente desagradável ocorre quando S. Exa.

ou algum ilustre membro de sua Exma. Família faz anos. Temos de brindá-los com presentes custosos, se quisermos exercer uma sedução eficaz.

Se — *les petits cadeaux entretiennent l'amitié* — o que não será dos grandes?

Os incomôdos materiais do Engrossamento são variadíssimos; e querer dar uma lista completa deles é uma tentativa tresloucada. É preciso dar vivas a ponto de enrouquecer, soltar foguetes com risco de queimar os dedos, carregar lanternas venezianas nas marches *aux flambeaux*, acompanhar S. Exa. em excursões longínquas ou em tediosas visitas, fazer sonolentos quartos nas moléstias oficiais, carregar defuntos etc., etc., um horror de pequenos sacrifícios que se vão adicionando surdamente até perfazer uma soma espantosa de aborrecimento.

Todas essas pílulas havemos de engolir sem caretas que deixem transparecer a profunda repugnância da nossa alma, fazendo sempre como o diplomata inglês de Thackeray com o ar de perfeita beatitude de quem está gozando um mimo excepcional dos céus.

O engrossador que não souber fortificar-se na esperança das vantagens a obter, contra essas pequeninas e obscuras misérias profissionais, é perfeitamente indigno da sua arte.

Os inconvenientes espirituais, conquanto numerosos, podem reduzir-se a três espécies principais os que se referem à maledicência do vulgo profano e ignaro, os que dependem de rivalidades ciumentas e tortuosas, e os que dizem respeito à própria Excelência que se trata de seduzir.

É desgraçadamente muito comum encontrarem-se pessoas desprovidas de senso artístico, de todo cegas às belezas do nosso ofício, que costumam lançar sobre nós outros o epíteto de engrossadores, como se ele condensasse

um máximo de injúria.

Certamente um bom engrossador deve sê-lo sem parecê-lo, mas, no caso de ver o seu jogo descoberto, não se segue que ele deva abandonar os seus pacientes artificiais, porque meia dúzia de imbecis lhe lançou em rosto um qualificativo que nada tem de desonroso.

Há indivíduos de mérito real, de grande valor profissional, que estremecem de horror, à simples suspeita de que possam passar publicamente por engrossadores. Mas, isso são verdadeiras pieguices que passam com o tempo, com a prática do officio e com uma longa experiência dos seus efeitos.

Em todas as artes o mais acertado critério para conhecer do mérito de um processo são os seus resultados reais.

Desde que um engrossador sabe, pelo número dos bons sucessos alcançados, qual o valor dos seus métodos, pouco lhe deve importar que alguns cretinos com fumos de independência os acoimem de ridículos e de indecentes.

Havia de ter graça o médico que desterrasse da sua terapêutica os agentes purgativos pelo simples fato de provocarem manifestações mediocrementemente odoríferas.

Os ciúmes e as intrigas dos rivais são a pior desgraça do Engrossamento, a fonte dos seus mais mortificantes contratempos. É doloroso para um coração sensível ver um concorrente de mais baixo valor que o nosso ser distinguido por uma Excelência estupidamente injusta.

Vai, por hipótese, a Autoridade celebrar uma festiva excursão: – distribui imponderadamente os seus convites, esquecendo o nosso nome sem razão alguma para fazê-lo, preferindo a companhia enfadonha de alguns intrigantes de baixa capacidade engrossatória.

Ora, essas desatenções magoam como afrontas. Já vimos um engrossador distinto e cheio de prudência perder

as estribeiras numa dessas circunstâncias intoleráveis e chegar a exclamar com rancoroso sarcasmo: — A mim, só me convidam para enterros.

Com efeito, é quase desculpável a um artista que tem plena consciência do seu próprio mérito lançar arrebatadamente, despeitado com o ouvido de S. Exa., uma palavra menos criteriosa, quando além de tudo ele vê um rival desprezível ostentar em sua presença, com perverso acinte, um convite que imerecidamente conseguiu apanhar.

É preciso ter uma calma quase marmórea para suportar em silêncio esses casos lancinantes. Todavia, o meio mais legítimo de fazer constar à Autoridade o nosso amargo ressentimento é afetar uma interessante melancolia, que lhe puxe delicadamente pela atenção e que a obrigue a indagar da nossa íntima tristeza.

Provavelmente S. Exa. compenetra-se da sua falta, promete a si mesmo não repeti-la noutra ocasião e é mesmo capaz de resgatá-la com algumas distinções imediatas, tão abundante é a misericórdia humana, por mais que a neguem caluniosos pessimismos.

A Autoridade está sempre cercada de uma roda espessa de engrossadores que nunca despregam a vista do objeto que adoram, senão para fiscalizar as genuflexões dos outros fiéis e redobrar de zelo devoto em caso de necessidade.

O artista bem dotado deve cegar a vigilância dos seus ciumentos rivais, adormecendo-os com os próprios passos do Engrossamento, de modo a poder despercebidamente romper o círculo apertado que o separa de S. Exa.

Quando esse método astucioso for insuficiente, é necessário então abater os pontos mais bem fortificados por uma intriga paciente e perseverante; e é nessa luta de últimos recursos, que muitos engrossadores de grandes es-

peranças são traiçoeiramente ceifados, apesar de todos os seus talentos mímicos.

De modo que, para resistir com vantagem às manobras tenebrosas dos concorrentes, é preciso saber esgrimir com perícia as armas perigosas da intriga, evitando cuidadosamente os golpes a descoberto que tanto desmoralizam os intrigantes de baixa estofa.

É essa extrema violência que o nosso ofício comporta, não sendo quase nunca preciso que levemos a liquidação das nossas rivalidades até grosseiras vias de fato, que só servem para escandalizar os pacíficos costumes governamentais e exasperar inutilmente as nossas próprias dores.

Quando formos vencidos no conceito de S.Exa. por um rival mais astuto, devemos engolir disfarçadamente a pílula e, em vez de explodir em despeitos indecorosos, estudar com calma os processos vitoriosos que não conhecíamos, para empregá-los na primeira oportunidade.

Toda a culpa caberá ao engrossador quando ele não tiver escolhido uma Excelência sensível às suas homenagens ou não as tiver temperado ao sabor dela, o que afinal vem a dar na mesma coisa.

Conta a História que, tendo o grande Ariosto dedicado as suas poesias ao Cardeal D'Este, este, depois de as haver lido, só achou a seguinte frase chula com que gratificar o engenhoso poeta: *Messer Ludovico, dove avete pigliato tante coglionerie?* Mas, parece que Ariosto soube afinal ferir os pontos fracos do pouco sensível Cardeal, pois este mais tarde constituiu-se seu protetor.

Em vez de desesperar na sedução da Autoridade, deve o engrossador tragar silenciosamente os desastres presentes, apelando sempre para o melhor efeito de futuras manhas.

Finalmente é preciso suportar com inalterável

paciência os inesperados maus humores de S. Exa., os seus caprichos efêmeros e os de sua Exma. Família, oferecendo-nos generosamente como vítimas humildes onde se descarreguem e se aplaquem esses diversos furores oficiais, pois que sabemos por experiência universal que a mansidão nos maus tratos costuma provocar piedosos arrependimentos e com eles abundantes indenizações.

Sofrer com magnanimidade uma grosseria de S. Exa. é, na maior parte dos casos, fazer jus a uma próxima gratificação.

Os engrossadores suscetíveis que não têm bastante capacidade moral para tolerar os desaforos da Autoridade são cidadãos vergonhosamente imbecis ou inteiramente faltos de firmeza, pelos quais a mocidade não deve nunca modelar-se.

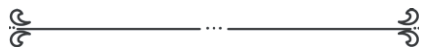
Resignemo-nos pois aos percalços do ofício, engulamos com boa cara as pílulas obrigatórias, na certeza de que elas hão de produzir efeitos salutareos em nosso mecanismo abdominal, como verdadeiros grãos de saúde.

Em matéria de Engrossamento, a docilidade e a resignação bem provadas são sempre pagas com larga usura.

\* \* \*







# POSFÁCIO

*por Raoni Huapaya*

*O meu coração de moço exulta de entusiasmo, por assumir hoje a administração do Estado, o distinto espírito-santense sr. Graciano Neves. Salve, pois, o ilustre paladino do progresso!*

Deocleciano Coelho.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Publicado em 23 de maio de 1896 no jornal O Estado do Espírito Santo, por ocasião da posse de Graciano Neves à presidência da província.

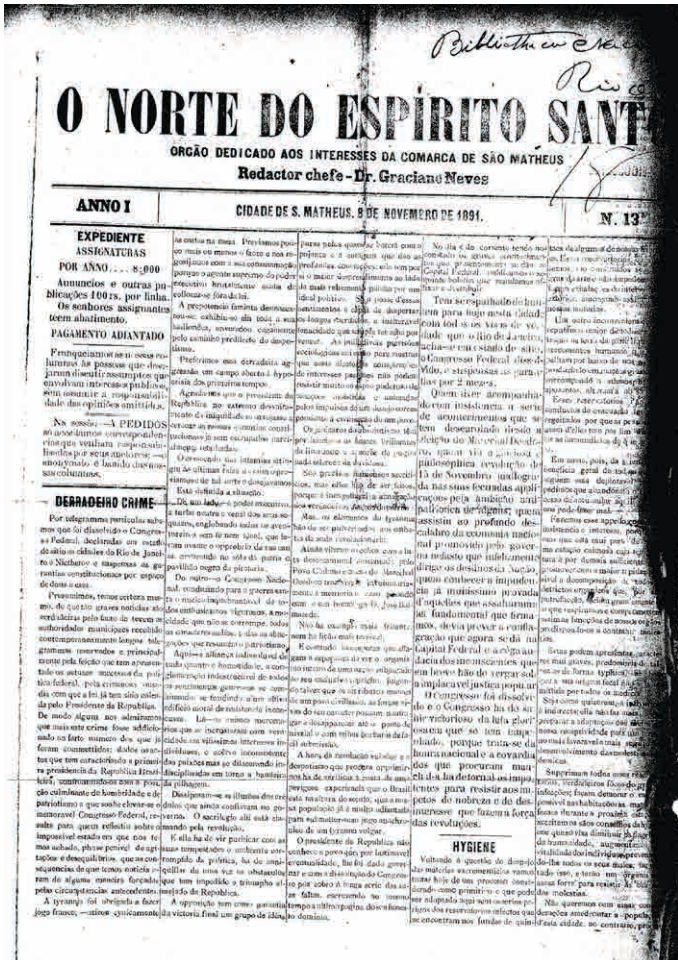


Figura 1. Fac-simile do artigo escrito por Graciano em combate ao “generalíssimo” Deodoro da Fonseca.



## BREVE NOTÍCIA SOBRE A VIDA DE GRACIANO NEVES

Graciano dos Santos Neves (1868 – 1922). O autor de *Doutrina do Engrossamento* nasceu em São Mateus, no Espírito Santo, em 12 de junho de 1868. De família abastada e influente no Norte capixaba, Graciano Neves realizou os estudos preparatórios na Corte carioca e formou-se médico em 1889. Trilhando vida política e literária, recém-formado, retorna à província e estabelece em 1891, com o empresário Fausto de Oliveira, o jornal Norte do Espírito Santo. Como editor do periódico, foi crítico voraz do despotismo estabelecido pelo Marechal Deodoro da Fonseca – a quem chamava “tirano vulgar” – e atacou duramente o estadista quando da dissolução do Congresso. Membro do Partido Republicano Construtor, com a ascensão de Floriano Peixoto, contando ainda 23 anos, obteve rápida ascensão política quando foi indicado como parte da Junta Governativa do Estado, que governou do fim de 1891 a 1892. Mais tarde, em consulta popular, foi eleito presidente do Estado e empossado em 23 de maio de 1896. Assumindo em meio a grave crise econômica e política, realizou vários cortes orçamentários e interrompeu investimentos iniciados por Muniz Freire, seu antecessor e correligionário. A instabilidade em seu grupo político levou-o à renúncia em setembro de 1897. Graciano não desistiu da vida pública e, em 1906, foi eleito deputado federal. Foi diretor do Jardim Botânico no ano de 1912 e, neste mesmo ano, assumiu a cátedra de botânica na Escola Superior de Agricultura, onde seguiu a carreira de docente até a sua morte. Faleceu aos 53 anos, no Rio de Janeiro, em abril 1922.

## UMA APRESENTAÇÃO DE DOCTRINA DO ENGROSSAMENTO

O início do século XX foi marcado por inúmeros conflitos na recém-empossada república brasileira. As marcas das instabilidades decorridas das agitações políticas que sacudiram os primeiros anos de proclamação da República – como se via em revoltas como a da Armada, no Rio de Janeiro (1893-94), a Federalista, no sul do país (1893-95), e a Guerra de Canudos (1896-97), na Bahia –, associado com a presença de importantes intelectuais na liderança política do país, fizeram das letras um importante instrumento de ação política no Brasil que se apresentava ao novo século.

Em meio ao fervor intelectual dos grandes debates que ocupavam o modo de pensar das elites brasileiras, Graciano Neves forjou-se autêntico representante do período realista, contribuindo significativamente como autor da ilustração positivista em vigor. O historiador Ivan Lins<sup>2</sup>, ao estabelecer *História do Positivismo no Brasil* (1967), trata-o como “um dos mais brilhantes aderentes do Positivismo no Espírito Santo”. Sob essa influência, surge uma produção literária madura, marcada por singular talento verbal e por referências que partem de autores da Antiguidade Clássica, herdeiros de uma tradição menipeia-luciânica<sup>3</sup> de risos sem censura, e chegam à sátira moralizadora de Thackeray na Inglaterra vitoriana.

Personalidade histórica na província do Espírito Santo, para além de sua contribuição intelectual, Graciano teve intensa participação na cúpula política do seu estado e, satirizando a fundo as práticas governistas da época, construiu um

2 O compêndio positivista reforça a contribuição literária de Graciano para o período: “Também no interessante volume *Doctrina do Engrossamento* é evidente a marca positivista do espírito de Graciano Neves” (p.227)

3 Menipo e Luciano de Samósata desenvolveram na Antiguidade o diálogo satírico, em oposição aos famosos diálogos filosóficos.

ensaio de pouco mais de 120 mil caracteres sobre a bajulação e seu uso na política: *Doutrina do Engrossamento*. Declaradamente um manual de puxa-saquismo, a obra foi publicada inicialmente em 1901 pela casa de livros Laemmert, desde o segundo reinado a mais importante editora em funcionamento no Brasil. Pelo menos outras três edições em curtas tiragens difundiram o texto em leitura, a saber: 2ª edição, Flores & Mano, Rio de Janeiro, 1935, com prefácio de Madeira de Freitas; 3ª edição, Artenova, Rio de Janeiro, 1978, numa edição pouco cuidada, que circulou um bom tempo em determinados grupos sociais do Espírito Santo como um *souvenir* dado por empresários a seus clientes; e a 4ª edição, mais recente (1999), num esforço de resgate feito pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, que, sem difusão planejada, ficou restrita a círculos acadêmicos de alcance imediato do IHGES.

*Doutrina do Engrossamento* apresenta um conteúdo estruturado numa sofisticada estratégia ficcional. Trata-se de um volume organizado em quatro capítulos, a saber: 1) “Introdução fundamental”; 2) “Justificação histórica e política do engrossamento”; 3) “A técnica do engrossamento”; 4) “A arte de engolir a pílula”. Com relação à sua orientação, o termo doutrina (do latim, *doctrina,ae*) quer dizer ensino, instrução dada ou recebida; e cabe, ironicamente, ao fim que se presta a obra: formar jovens no refinado ofício do engrossamento. Ironia, aliás, elemento linguístico e expediente literário que sustenta a obra em sua forma e conteúdo. Inicialmente publicada sob o pseudônimo do Dr. M. Guedes Júnior, “ex-deputado federal”, o arranjo, em tom de blague – não por acaso – inicia seus ensinamentos com uma dedicatória um tanto irônica “Ao Congresso Federal”. A “cortesia”, feita em espaço à parte, de forma laudatória e



com a “pena da galhofa”, já aparece como uma oferta de gosto duvidoso, que faria o leitor mais atento desconfiar da homenagem: “o autor daria uma prova antecipada e flagrante de insinceridade e incoerência, se não colocasse as suas humildes doutrinas sob a inovação de uma entidade ilustre e poderosa” (p.48).

O pacto ficcional com o leitor se estabelece por meio de um diálogo dúbio, permanentemente irônico, em que a voz enunciadora assume a condição de político teórico, responsável com o progresso e conhecedor das práticas cotidianas de adulação, e assume também o tom da sátira denunciadora dos vícios da República:

Seduzir o governo em vez de atacá-lo é o único meio certo de alcançar as mais apetecíveis posições, e a mais aprazível forma de concorrência democrática, que – uma vez consagrada pela filosofia da História – há de extinguir os mais pudibundos escrúpulos e inaugurar para a Federação Brasileira um sólido regime de Ordem. (p.69)

Propondo uma reflexão implacável sobre a história de seu tempo, Graciano Neves encerra sua estratégia literária ao batizar o texto, esclarecendo-nos quanto aos limites teóricos e práticos do opúsculo ora apresentado:

O indivíduo que conhecer solidamente os princípios do Engrossamento político está aparelhado para exercer com superioridade todas as minúcias engrossatórias empregáveis no exercício das outras profissões; e, mesmo quando ele veja malogradas todas as suas aspirações políticas, nem assim foi um tempo desperdiçado o que empregou na espécie engrossatória respectiva, porque as manhas adquiridas servem para triunfar num outro ofício.

Por isso só tratamos, nesta obra, do Engrossamento Político. (p.49)

Definido o escopo da obra, dando continuidade à compreensão da estruturação dos modos didáticos da *Doutrina*, o leitor que então nos apresenta e valida a leitura da obra é o pseudo “senador Melício de Seixas”. Homem de letras e de política, conhecedor da necessidade de se estabelecer a “ordem” numa república incipiente, no prefácio, o senador exalta – executando as mais peritas formas de engrossamento – as virtudes do deputado escritor, e atesta os argumentos defendidos mais à frente no desenvolvimento da doutrina:

É tal convicção de minhas ideias sobre as vantagens da doutrina engrossatória que, se tivesse a suprema honra de dirigir qualquer dos estados da república, por delegação espontânea de meus concidadãos, não teria a menor dúvida em fazer o adotar o importante trabalho na instrução pública, iluminando o espírito da mocidade das escolas com o faixo brilhante desses princípios vitoriosos. (p.46)

\* \* \*

## LITERATURA E BAJULAÇÃO

Graciano Neves dirigiu o estado do Espírito Santo e a lição alcançada parece ter sido refinadamente elaborada ao “espírito da mocidade”. A *Doutrina do Engrossamento* dispõe de um arranjo textual montado com fins “preten-siosamente” didáticos, envolvendo o leitor no jogo ficcional que ambiciona realizar uma sátira dos meios políticos ligados a uma república frágil e clientelista.

Num primeiro contato com a *Doutrina*, o leitor mais desavisado pode compartilhar da compreensão de rese-nhistas que costumam atribuir ao autor um talento desilu-dido com a coisa pública após sua curta passagem na pre-sidência da província do Espírito Santo. Entretanto, o que o leitor realmente vai encontrar é que o gênio criador de Graciano mostrou-se constantemente combatente e atu-ante. Sua contribuição literária aponta, na prática, para um riso político, devidamente engajado contra o *establishment* mantido pelas oligarquias latifundiárias do país que descaracterizavam o processo democrático implantado com a república. Prova disso são os inúmeros artigos em periódicos da época, em que o autor assume o combate político pela imprensa, denuncia fraudes e corrupções<sup>4</sup>.

No caso da *Doutrina*, vemos então que riso e ironia preparam a ambientação de uma obra marcada por engaja-mento, numa literatura comprometida com o espírito realista vigente. Apresentando-se como voz ativa num momento em que “os debates parlamentares, o início da democracia, a liberdade de imprensa criam as condições ideais para um

---

4 Como vimos, Graciano foi editor e redator da Folha do Norte do Espírito Santo e colaborador assíduo do periódico partidário O Estado do Espírito Santo. Foi famosa a contenda entre Graciano e Jerônimo Monteiro por ocasião da privatização da ferrovia Leopoldina.

grande debate de ideias em que a ironia é chamada a desempenhar um papel essencial” (MINOIS, 2003, p. 482), a posição social do autor e a opção de construção pela ironia configura-se como único arranjo possível para se realizar um verdadeiro combate político e para garantir sua circulação crítica no decorrer do século XX.

Concluída uma visão geral da obra, questiona-se como sua estratégia e estrutura podem interferir no sistema literário brasileiro finissecular. Quais ganhos terá o leitor que empreender o conhecimento da *Doutrina do Engrossamento*? Debruçando-se cinicamente sobre o esforço orientador e didático-teórico de fundamentar os ensinamentos sobre a bajulação, Graciano encarna o *ethos* positivista austero que influenciou o direito e a política brasileira. Seu repertório eclético afasta-o de rótulos estigmatizantes e dá-lhe atributos de um rigor intelectual humanista. O crítico Alfredo Bosi, em ensaio sobre ideologia na literatura, observa sobre a dificuldade em construir modelos ideológicos para o autor de elaborada literatura:

A qualificação ideológica de um escritor de ficção bate de frente contra dois escolhos epistemológicos que conviria explorar de perto. O primeiro (que já nas linhas precedentes) reside no caráter concreto, portanto denso, da escrita literária: um poema lírico ou um romance em primeira pessoa traz em si um variado espectro de intuições, percepções e projeções de sentimentos contrastantes que podem ser interpretados e julgados como expressões desta ou daquela ideologia, desta ou daquela visão de mundo, sem que se consiga fixar, de uma vez por todas, qual é a instância dominante. (...) A adesão e a rejeição ao *ethos* do próprio tempo ou do pretérito se traduzem em imagens que não podem ser transpostas arbitrariamente em conceitos tais como os manipulam as ideologia ou suas contestações.

Quanto à segunda dificuldade, tem a ver com a inconveniência de se atribuir uma ideologia coesa (no sentido forte do termo) a um escritor considerado na sua individualidade. (p.396)

A um só tempo, Graciano Neves integra-se à consciência crítica e histórica que marcou a produção literária brasileira do final dos oitocentos em função do seu comprometimento literário, e também afasta-se de clichês cientificizantes do naturalismo ao optar por escrever sobre a temática da bajulação. Execrada ou defendida como estilo de vida, o fato é que a bajulação ocupa lugar temático de destaque na produção literária ocidental. Por conta disso, a trama textual de *Doutrina do Engrossamento*, que aponta como força temática a bajulação para jovens políticos, orientada para a ironia como figura principal de construção, sustenta a atualidade da obra:

A Autoridade está sempre cercada de uma roda espessa de engrossadores que nunca despregam a vista do objeto que adoram, senão para fiscalizar as genuflexões dos outros fiéis e redobrar de zelo devoto em caso de necessidade. (p.113)

Em tempos de autoajuda como o nosso, vale observar, por exemplo, a proliferação e o sucesso de publicações que propagam pedagogicamente formas de conquistar o poder e a consagração pública. É fácil discernir nessas obras aspectos como o cálculo meticuloso em busca da notoriedade como uma finalidade em si mesma, as dicas de como utilizar as relações pessoais, de afeto e de amizade, como alavanca social, subordinando-as a fins escusos e pouco dignos de nota. Nessa toada, não são recentes os textos que remontam pedagogicamente ao cinismo como prática de poder, nos quais fica sugerida a necessária e imprescindível dissimulação/representação de comportamento para

aceitação e promoção social entre os pares. Já na Inglaterra do século XIX, dando partida ao fenômeno da autoajuda, Samuel Smiles (1812 – 1904) adaptava suas palestras para “a educação das classes trabalhadoras” em obra intitulada *Self-Help* (1859) e chegava à notória quantidade de 20 mil exemplares vendidos logo da sua publicação:

A experiência cotidiana nos mostra que é o individualismo enérgico que produz os efeitos mais poderosos sobre as vidas e as ações dos demais, e realmente constitui a melhor educação prática. (SMILES, 2008)

Com estilo simples, cercado de provérbios moralizantes e narrativas didáticas, o escritor escocês traça os objetivos e condutas individuais para o trabalhador de seu tempo. Sua escrita é marcada por uma força disciplinadora: Smiles argumenta longamente em *Character* (1871) em favor de um comportamento digno de nota para alcançar o sucesso pessoal e as posições de autoridade. Traçando um perfil maniqueísta do cotidiano, Smiles explica sobre o vazio de “homens maus” cujas práticas não revelam conteúdo genuíno, “não têm nem maldade, generosidade nem magnanimidade”. Narra ainda sobre os “snobs” – expressão que ganhou popularidade com Thackeray (1811-1863), no seu afamado *Book of Snobs* – na condução do poder e seus métodos inescrupulosos para tirar vantagem dos “mais fracos e indefesos”.

Graciano Neves utiliza em seu texto a mesma estrutura do estilo que alterna lampejos instrucionais com conclusões que levam ao leitor uma necessária mudança de espírito e de comportamento para ser bem-sucedido entre seus pares. A diferença reside no conjunto de repertórios acionados e no tratamento crítico que lhe confere a ironia. *Doutrina do Engrossamento* é escrita numa sofisticada trama intertextual, que sobrepõe textos e contextos ao valer-se de cânones da sátira de costumes:

O Neveu de Rameau, este herói tão original e tão estimável, cujas confidências mais íntimas o ilustre Diderot teve a felicidade de receber e publicar, declarava peremptoriamente que as suas leituras favoritas eram Molière, La Bruyère e Theophrasto, não para corrigir-se dos vícios que esses autores censuram, mas para conhecer a aparência denunciadora de cada um deles e saber modificá-la numa atitude virtuosa. (p.95)

A enumeração de autores no fragmento é chave importante para a leitura do capítulo que Graciano constrói em sua *Doutrina*, dedicado à técnica engrossatória propriamente dita. O leitor encontra aqui mais uma estratégia ficcional, isto é, a pactuação de Graciano Neves como leitor de Diderot. Graciano assume o jogo ficcional de Diderot – “teve a felicidade de receber e publicar” – para realizar o percurso intelectual que ele próprio opera na construção da *Doutrina*. O Eu, Diderot, que didaticamente questiona o Ele, sobrinho do músico Rameau, sobre as questões éticas e estéticas da vida, é definitivamente apropriado pelo texto da *Doutrina*. O rigor ético com que os cânones citados trataram temas como amizade, franqueza<sup>5</sup> e bajulação foi radicalmente distorcido, em tom de refinada ironia. Lança-se a intenção às avessas de “conhecer a aparência denunciadora de cada um deles [vícios] e saber modificá-la numa atitude virtuosa”. É a ironia denunciadora apontando para os ganhos reais do leitor desta obra, qual seja o percurso intertextual com uma sabedoria da tradição. Confronto bem-humorado em afirmar o que se quer negar:

---

5 Mais um exemplo da importância do tema, a parrésia, nos antigos, pode ser reforçada com as observações de Cícero em *Da amizade*: “É próprio do homem de bem, a quem podemos também chamar sábio, manter na amizade estas duas qualidades: evitar fingimentos e simulações, pois a franqueza é mais nobre que a ocultação dos pensamentos, mesmo no ódio, e, além de repelir as acusações alheias, abster-se de alimentar suspeitas, imaginando sempre ter sido prejudicado por alguma falta do amigo”.

De resto, a maioria dos grandes homens da ciência e das artes foram aduladores eméritos. Sêneca, Tácito, Juvenal, Ovídio, Lucano, Ariosto, Tasso, Camões, Cervantes, Molière, Newton, Cuvier, Bacon, Shakespeare etc., todos estes foram engrossadores de primeira plana.

O grande Corneille, o nobre criador de altivos caracteres, teve a divina imprudência de dizer que haviam sido as qualidades de Mazarino que lhe tinham inspirado os seus trágicos heróis.

Cervantes, um gênio da ironia, adulava abjetamente o Conde de Lemos. Molière, o grande irreverente, rojava aos pés de Luiz XIV. Sir Isaac Newton condescendia de vez em quando em descer das suas regiões lunáticas para bajular a rainha Anna e alguns grandes da Inglaterra, exercício em que o ilustre matemático perdia as suas distrações habituais. Shakespeare, tão profundo conhecedor do coração humano, chamou a Elizabeth de Inglaterra – Vestal do Ocidente. (p.82-83)

Todo texto da *Doutrina* é revestido por meio de uma refinada ironia para que se institua este riso de vieses satíricos e de força literária. Para Linda Hutcheon (2000, p. 28), o interpretador é “aquele que decide se a elocução é irônica (ou não) e, então, qual sentido irônico *particular* ela pode ter” (grifo no original). Esta constatação leva a autora a questionar quem, de fato, deve ser considerado o “ironista”, uma vez que a ironia só se realiza quando interpretada, e esse processo de interpretação e atribuição de ironia acontece à revelia das intenções de seu autor, o dito ironista. A ironia só se realiza no processo comunicativo; ela não é um instrumento retórico estático a ser utilizado, mas nasce nas relações entre significados e também entre pessoas e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações (Hutcheon, 2000, p. 30). Na leitura da *Doutrina do Engrossamento* em sua potencialidade histórica e literária, o



leitor, que opera a condição de “ironista”, precisa reconhecer a força dos cânones para corroborar com a hipótese de que é a ironia dos clássicos que sustenta o texto, porque na antífrase surge a sátira de costumes, no confronto daquilo que se afirma com aquilo que se intenciona.

Voltando aos fenômenos dos tempos de autoajuda, com o intuito de dar mostras ainda mais concretas ao leitor contemporâneo da *Doctrina do Engrossamento*, o exemplo dos textos de Dale Carnegie (1888 - 1955) talvez seja o mais promissor do gênero. Foi na década de 1930 que surgia o best-seller *How to Win Friends and Influence People*, de Dale Carnegie, anunciando o fenômeno editorial que estava por vir. Nesses novos manuais do século XX, sem a linguagem velada dos industriais ingleses, sinaliza-se abertamente a bajulação como prática social legítima e “muito bem” cercada de fundamentos:

Alimentamos os corpos de nossos filhos, amigos e empregados, mas apenas esporadicamente alimentamos sua vaidade. Nós lhe damos um bife com batatas para adquirirem energia, mas não nos preocupamos em dar-lhes palavras de estímulo que ecoarão nas suas memórias como a música das estrelas matutinas (CARNEGIE, 2003, p. 72).

Sem que nos aprofundemos, a fim de manter o assunto apenas como pano de fundo para nossa argumentação, e, finalmente, afastando-se da possibilidade de marcar uma perspectiva moralizante sobre a edição de manuais de autoajuda, é válido trazer a contribuição da professora Carla Giani Martelli que, debruçando-se sobre a relação do tema da autoajuda no mundo organizacional, defende a existência de “sistemas de autoajuda”, uma produção que - para além dos livros, manuais e cartilhas - dão conta de textos, práticas e discursos em torno das organizações do trabalho contemporâneo:

Os sistemas de autoajuda não apenas resumem um conjunto de “verdades” acerca da vida, como ensinam os caminhos e as técnicas necessárias para se entrar em comunhão consigo mesmo, elevar a auto-estima, pensar positivamente, realizar o desejado e alcançar sucesso na vida. (MARTELLI, 2006, p.68)

Martelli defende o ponto de vista de que “os sistemas de auto-ajuda se transformaram em fenômenos que têm a dizer sobre um tipo de homem, um modo de ver a natureza, a sociedade, um modo de pensar as relações entre os homens”. Essas possibilidades de reunir temas diversos em um “sistema”, sustenta a autora, “faz confundir as fronteiras e as abordagens temáticas”. Outros modos de ver e de pensar adensam o repertório daqueles que leem a bajulação pelas páginas de Graciano Neves. Modos que visitam o passado, confrontam-se com a tradição e zombam do presente, antecipando o *ethos* presente em fenômenos de autoajuda. Por outro lado, indo além dos manuais, um bom exemplo das produções editoriais contemporâneas sobre a bajulação é a pesquisa do jornalista americano Richard Stengel em *You're Too Kind: A Brief History of Flattery* (2000), traduzido para o Brasil como *A história do puxa-saquismo*. O livro se configura como uma estratégia ensaística que defende, por meio de exemplos literários e de fatos da história política do Ocidente – em especial nos EUA, a bajulação pública “como verdadeira epidemia em nossa sociedade”:

A bajulação, como sabemos, é uma via de mão dupla. Por diversos motivos, a direção mais interessante não é a da bajulação dirigida ao presidente, mas a bajulação que o presidente dirige a nós, o sábio e justo – e crédulo – povo americano. Se o patriotismo, segundo Samuel Johnson, é o refúgio da canalha, então a bajulação do povo é provavelmente a primeira tática dessa canalha.

(STENGEL, p.238)

A despeito do rigor acadêmico de Stengel, o jornalista conquista o leitor pela riqueza de exemplos e ilustrações que apresenta sobre o bajulador e suas práticas, desde o cânone até a mídia contemporânea, trazendo do nosso imaginário as maiores variações possíveis da figura do adulator. É, por exemplo, a partir de registros etimológicos do vocábulo “*flatter*”, que o vício da docilidade do cão que abana o rabo para o poderoso, citando Topsell e o dicionário Oxford, aproxima-se emblematicamente do comportamento público do bajulador. A crítica não é diferente da imagem já propagada e, ao contrário, defendida por Dale Carnegie em sua “doutrina”:

O processo usado para os cães não daria resultado na sua aplicação humana? Por que não usar o alimento ao invés do chicote? Por que não usar o elogio, o estímulo, em lugar da censura, da condenação? Elogiemos mesmo os menores progressos. Isto fará com que a pessoa continue melhorando cada vez mais. (CARNEGIE, 2003, p. 251).

Estas aproximações apresentadas entre os fenômenos editoriais do presente e as possibilidades críticas advindas do contexto histórico de Graciano Neves, ao tratar de literatura e bajulação no início da República no Brasil, potencializam a leitura e circulação da *Doutrina do Engrossamento* como verdadeiro instrumento de efetiva ação política no Brasil. Como vimos, é na antífrase que Graciano organiza a sátira de costumes, hoje tão propagada como prática social legítima. É na ironia que transcende o *ethos* positivista do século XIX que o leitor “ironista” depara-se com a radicalização do tratamento do servilismo próprio das relações hierárquicas e alimenta-se, não de vaidade, mas de sabedoria: “Quanto mais geral for a docilidade dos

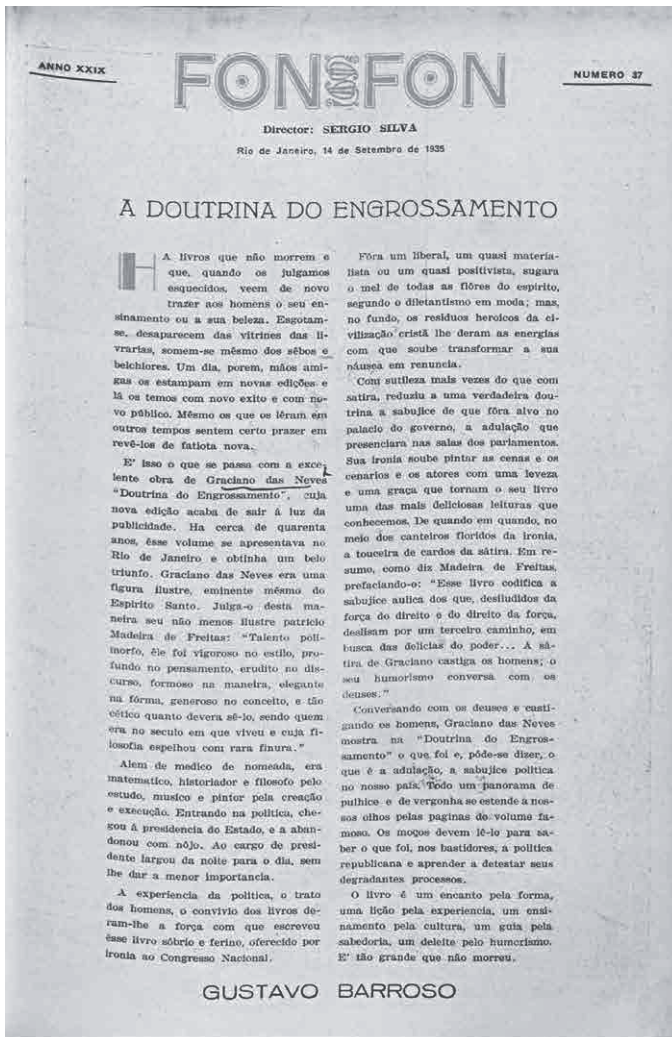


Figura 2. Resenha de Gustavo Barroso, publicada na Revista Fon-Fon, por ocasião do lançamento da segunda edição de *Doutrina do Engrossamento* (1935)

governados, tanto mais generosa e menos despótica será a atitude dos governantes”. (p.74)

Finalmente, neste confronto entre afirmação e intenção, acessamos a uma literatura que tratou com rigor seu presente e, de certa forma, antecipou uma paródia dos manuais de autoajuda, tão divulgados nas últimas décadas. Portanto, no nível pragmático, para que a descodificação da *Doutrina do Engrossamento* seja potencializada como esta paródia, vale-nos retomar as observações de Linda Hutcheon, agora sobre paródia e ironia: “A identidade estrutural do texto como paródia depende, portanto, da coincidência, ao nível da estratégia, da descodificação (reconhecimento e interpretação) e da codificação.” (HUTCHEON, 2000, p. 50-51). Coincidências à parte, Graciano Neves contribuiu com uma obra que pode ter sua leitura atualizada ou contextualizada, seja no passado a partir da sobreposição de contextos e acionamento da tradição, seja no presente, como gesto de leitura crítica para ontem e hoje. Ganha o leitor, ganha a literatura brasileira com a contribuição generosa de Graciano.

\* \* \*



## LINGUAGEM E ESTILO DE GRACIANO NEVES

*Todos os longos esforços humanos, as lúcidas investigações da ciência, as divinas elaborações da arte, os pacientes processos da indústria, os sublimes martírios da religião e as fervorosas lutas da política, durante a vasta e dolorida experiência de séculos inumeráveis concluíram por colocar definitivamente nas mãos da Burguesia financeira de hoje o cetro da autoridade social. (p.62)*

O capítulo de abertura de *Doutrina do Engrossamento*, “Introdução Fundamental”, inicia-se com uma marca estilística muito peculiar. Graciano Neves escreve a leitores sensíveis ao empirismo das ciências naturais de seu tempo. Para isso, é criterioso no seu método. O sonho positivista de um estado governado por homens da ciência parece levar à prosa um tom muito próximo do leitor ilustrado do seu tempo. A “Introdução Fundamental”, que chega a assumir a dimensão de uma narrativa cosmogônica ao traçar as raízes históricas que relacionam o Estado ao capital e a ordem ao progresso civilizatório, na qual a preocupação é sempre a origem com vieses científico-positivistas, não significa necessariamente total coesão a um dado momento e sua ideologia, mas principalmente significa “as condições de possibilidades” (CHARTIER) da *Doutrina* de atacar as práticas clientelistas que encerram um século e oferecem-se a outro.

Com relação à influência da doutrina de Augusto Comte, Madeira de Freitas, ao prefaciar a edição de 1935, aponta para as contribuições teóricas desenvolvidas no ensaio da *Doutrina*: “Filho do pai de Augusto Comte com a mãe de Carlos Marx, ele não chegou a definir a própria genealogia filosófica, apendando-se todavia mais para o lado paterno” (NEVES, 1935, p.8). Lembrando-se do jogo ficcional em que todo o texto é sustentado pela ironia, o empírico raciocínio do enunciador caminha para a

universalidade de constatações acerca das relações entre os governos e o capital, obedecendo a um elaborado exercício argumentativo – com idas e vindas no decorrer da história – que o leva à seguinte conclusão:

De fato, já que a eleição e a revolução têm demonstrado tão limitada eficácia, o indivíduo ambicioso e hábil, em vez de procurar depor ou derrotar o governo, deve preferir o programa mais simples, mais rápido e mais proveitoso de pôr-se no governo. (p.66)

O historiador da literatura Afonso Cláudio, em verbete que destina ao autor, chega a criar uma celeuma intelectual advinda das possíveis contradições que encontra na argumentação da “Introdução” da *Doutrina*. Por exemplo, ao aludir sobre os “méritos científicos” abordados por Neves, Afonso Cláudio ataca a inconsistência presente ao tratar da “influência das reservas alimentares” na determinação do desenvolvimento das sociedades humanas ou ainda da ausência de “os grandes afetos do coração e as altas elaborações da inteligência” entre os primitivos bárbaros. Curioso é que o historiador da literatura coloca-se em diálogo com Graciano Neves com o insólito de argumentos que se preocupam em desconstruir o arrazoado que sustenta a comicidade do inevitável bajulador, atacando a estrutura indutiva do capítulo, fazendo uso de expedientes que despertam mais desconfiança que uma nova possibilidade de leitura:

O cão que o primeiro possuidor transfere a segundo e por sucessão idêntica passa a terceiro, quarto e mais senhores, não raro os abandona e volta a serviço do primitivo dono, sem embargo da abundância de alimento que os outros lhe proporcionem e do geral tratamento dispensado aos seres de sua espécie: qual a causa?

Sem dúvida que a permanência de uma impressão pro-



funda, força-o a ser grato de preferência ao primeiro [...] (CLÁUDIO, 2007, p. 254)

Ou seja: quase uma anedota frente ao fôlego de Graciano Neves na estruturação de métodos influenciados por historiadores deterministas, filósofos evolucionistas e pensadores materialistas. As notas lançadas por nós no texto original dão mostra dos cânones empregados por Graciano para dispor suas hipóteses de leituras sobre a bajulação e seus vieses históricos de ligação ao capital e às fragilidades decorridas do processo democrático republicano:

A História da Humanidade não é mais do que uma História do Capital: e toda ordem política tem repousado exclusivamente sobre a instituição da Propriedade. [...] (p.58)

Os governos só se consolidam quando representam os interessados das classes mais fortes; e a força só se faz respeitar quando funciona sob o prestígio das classes conservadoras mais bem dotadas para alcançar a vitória na concorrência social. (p.59)

O embate de ideias protagonizado por Afonso Cláudio é marca da relevância da leitura provocada por Graciano entre os intelectuais da província, sobretudo aqueles de vinculação positivista. Arranjo possível para o fortalecimento da obra entre seus pares, a vinculação ao pensamento de Augusto Comte e o uso de uma linguagem apuradamente científica são entradas certas para o leitor atualizado com as doutrinas republicanas que coordenaram a cena política no Brasil: “as autoridades contemporâneas não são mais do que simples delegações da oligarquia financeira que dispõem do Capital” (p.59). Inevitavelmente, Graciano apresenta o jogo político permeado de fatalismo, em que as relações sociais para manutenção da ordem e alcance do poder já se apresentam como leis universais. A

sequência de exemplos enumerados na *Doutrina* serve para atestar e ilustrar.

Que os patriotas, com edificantes exemplos práticos, inculcam no espírito público as vantagens materiais e a superioridade social do Engrossamento, e o Brasil caminhará com passo rápido para o seu destino de grandeza política e econômica, podendo em breve prazo ser citado como um modelo invejável de tranquilidade e disciplina. (p.69)

Esta linguagem acurada de Graciano trouxe consigo a atenção de outros intelectuais da província. É o caso da aula magna de 1959, proferida pelo professor e historiador Nelson Abel de Almeida na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do ES. Na conferência, publicada em 1960 na Revista de História da Universidade de São Paulo, o professor Nelson realiza recortes da obra de Graciano de modo a construir uma leitura instrutiva e, até certo ponto, moralizante, das elites intelectuais do seu tempo. O historiador apresenta a visão inexorável que Graciano mantém em relação à nossa frágil república e as justificativas históricas para o aviltamento das relações de poder, citando:

Substituindo uma pobre monarquia que nunca passou de uma curiosidade americana, que só pode viver de escravatura, mas que soube nobremente resgatar as suas faltas, suicidando-se pela causa da abolição, a República só veio encontrar a pobreza e agravá-la com perturbações democráticas. (p.64)

Almeida palestra com a autoridade intelectual de Graciano Neves. Elogia-lhe o rigor com que compôs reflexões sobre os limites de nosso sistema político e seus vícios, desvelando os mecanismos hegemônicos das classes dominantes de então, pinçando da obra recomendações à moci-

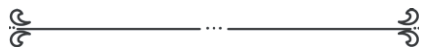
dade, das quais o historiador mesmo chega às conclusões:

De espírito observador, empolgado pela ciência, pressentindo o papel de relevo que à nação brasileira está reservado na comunidade universal, sentiu Graciano Neves o despreparo de todo um povo, sem uma elite intelectual capaz de realizar e projetar os destinos da Pátria.

[...]

Como todos se enganaram; como ainda muitos se enganam A *Doutrina do Engrossamento* contém uma filosofia profunda, contém uma profunda sabedoria. (ALMEIDA, 1960, p. 318)

\* \* \*



## O RISO GRACIANO

A literatura de Graciano Neves particulariza-se com a tomada de posição com que trata o seu momento histórico. Mais do que irônico, Graciano arranja seu estilo e organiza sua obra numa cuidadosa pesquisa sobre o riso e suas representações políticas. Mas do que devemos rir na *Doutrina do Engrossamento*? O tipo engrossador verte-nos de riso. Um riso político e doutrinário. O humor é então resultado da fundamentação desse tipo engrossador – de espectro histórico e fundamentação científica – e da nossa indignação como leitor que se submete às verdades comprovadas.

Qualquer migalha de veneração é bastante para cativá-los e dar lhes a ilusão do prestígio que não têm. Ora, quem dispõe de meios tão baratos para influir sobre o governo, ganhando-lhe prontamente as simpatias, e vai tentar baldados expedientes de oposição, é porque não tem o mais rudimentar preparo sociológico, nem a menor compreensão das necessidades políticas da atualidade.

Quem sabe engrossar governa. (p.76)

A autoridade enfraquecida em sua legitimidade é naturalmente vítima histórica de bajuladores, em sua versão aqui atualizada como um tipo de nosso tempo, o engrossador. Inicialmente, é realizado na obra um esforço crítico para a constatação natural e universal da bajulação como prática política, decorrente da impossibilidade de um regime democrático. Feito isso, segue-se na construção histórica e presente do engrossador. Graciano consegue manter no decorrer da prosa o ritmo em torno dos escritos de pretensões didáticas. Sempre direcionando a *Doutrina* à “mocidade, para cuja instrução este livro é expressamente preparado”; reforçando uma incursão teórica que acena para a riqueza de

referências intertextuais combinadas na obra. A erudição do autor marca a constituição de uma sátira de costumes, tecida ironicamente numa sequência sem fim de exemplos – históricos, científicos e, principalmente, literários – que atestam o engrossamento como forma evoluída e moderna do servilismo, e o engrossador, o tipo a ser estudado e compreendido na *Doctrina*. O texto insurge-se contra organizações, hábitos e concepções republicanas:

(...) uma República democrática tem tanta necessidade de bobos quanto uma monarquia absoluta, porque atrás da democracia, fachada de liberdade, há um Estado moderno, poder despótico, ídolo sem rosto, Leviatã sem cabeça, anônimo e onipresente. (MINOIS, p.483)<sup>6</sup>

O caráter de nosso engrossador é o que nos leva ao riso: cinismo, dissimulação e servilismo bem caracterizados servem ao leitor o tipo cômico de uma sátira de bom quilate que, salpicada de fino senso de humor, busca virtudes nas práticas históricas de ser um engrossador. O filósofo do riso, Henri Bergson, ao argumentar sobre a comicidade do caráter, explica-nos o sentido do cômico:

Em certo sentido, poder-se-ia dizer que todo caráter é cômico, desde de que se entenda por caráter o que há de já feito em nossa pessoa, e que está em nós em estado de mecanismo montado, capaz de funcionar automaticamente. Será aquilo pelo que nos repetimos. E será também, por conseguinte, aquilo pelo que outros nos poderão imitar. O personagem cômico é um tipo. (BERGSON, p.78)

O personagem cômico é o próprio engrossador, que parece ter sido extraído diretamente de uma das comédias

---

6 George Minois, *História do Riso e do Escárnio*. Trata-se de importante estudo sobre as aparições históricas do riso. Trouxemos aqui suas contribuições sobre o riso no século XIX.

de Molière<sup>7</sup>:

E todavia, mesmo nesse caso incharacterístico de azeite político, a arte do Engrossamento revela inapreciáveis vantagens práticas: - se, por exemplo (hipótese inteiramente plausível), o cidadão Fulano mostra-se refratário ao pagamento de certa conta que deve no armazém dos Srs. Beltrano e Cia., estes senhores, tão amigos da cobrança quanto respeitadores de tudo o que cheira a influência política, são bem capazes de mostrar uma excepcional indulgência para com o remisso devedor, quando souberem que ele é íntimo de S. Exa., a Autoridade. (p.85)

O prosaísmo para ilustrar as mais simples das “benesses” daquele que se torna, por exemplo, um engrossador menos pretensioso, ganha a vitalidade do dramaturgo francês na medida em que a representação que expõe os vícios incita os ares de uma comédia em seu sentido clássico: o sarcasmo, o senso de humor e o detalhamento dos caracteres próprios do bajulador predominam na construção das passagens que ilustram a personalidade do engrossador. Nesse sentido, o escritor atentou-se para que importantes leituras da tradição clássica estivessem cuidadosamente selecionadas para essa feita. Outro exemplo da imagem dos benefícios auferidos naturalmente aos engrossadores já possui sua defesa na epígrafe do capítulo dedicado à técnica engrossatória, quando da referência à fábula de La Fontaine<sup>8</sup>, retirada de episódio em que o poeta Simónides, após ser trapaceado por seu mecenas, tem sua vida preservada em função dos louvores dedicados aos deuses.

Como num grande teatro, a técnica do engrossador

7 No capítulo anterior, houve referência a “Misantropo”. Aqui, a alusão a “O burguês fidalgo” parece concretizar-se na imagem do insolente Dorante, que arranca favores do pretensioso Sr. Jourdain.

8 Curvo de Semedo (1766-1838) traduziu “Simónides protegido pelos deuses”, de La Fontaine:” (...) Dos céus a Poesia é prole;/ Ela aos céus tece o louvor;/ Aquele que a menoscaba/ Ofende o seu criador.”

é apresentada, primeiro, como meio para captar a vaidade e, segundo, como encenação, ou seja, representar, executar a mímica:

Apanhados os fracos da Autoridade a seduzir, o artista passa a ensaiar com prudência os seus processos, ilustrando-os com uma mímica eloquente nos casos de Engrossamento direto e tendo o máximo cuidado de escolher as ocasiões favoráveis. (p.101)

São dramatizações em que o cinismo e a dissimulação mostram-se ferramentas do cotidiano, práticas do bem-viver, caminhos para o sucesso e a estabilidade. Difícil conter o riso neste verdadeiro passo a passo em busca dos mimos do poder. O vale-tudo em busca da simpatia da autoridade chega, inclusive, a questões “deontológicas”. Para o ofício do bajulador, a aventura amorosa registrada na história do Imperador Alexandre com o efebo Antínoos seria a metonímia dos limites desta prática?

A prática do Engrossamento, não há negá-lo, é cheia de dificuldades e de situações quase insolúveis. Será por exemplo de bom efeito prestar a S. Exa. os serviços que o belo Antínoos dispensava ao Imperador Adriano? Ou será melhor cumular a Autoridade com os favores que César costumava receber de alguns engrossadores intrépidos? (p.105)

Se a intimidade com a autoridade é capaz de “conservar a linha diplomática que tudo justifica quando é bem sustentada”, depois de conhecida e praticada com muito esforço, a técnica do engrossamento, cabe o aviso do autor ao engrossador para que não se esqueça da regra fundamental, precisa de seu arremate final: “É preciso provocar constantemente a munificência da Autoridade.” Tantos mimos, caprichos, subserviências e bajulação só se configuram como engrossamento se estiverem realmente a serviço da conquista da genero-



sidade da autoridade engrossada. A esta altura, o ritmo do trecho que se lê já se esvai. As gargalhadas do leitor que atestavam o espetáculo do ridículo, agora silenciadas, reforçam o sentido das peripécias apresentadas, a conquista das ambições políticas sempre tão combatidas pelos sábios da Antiguidade. Este é o amargor contemporâneo de práticas sociais movidas por interesses escusos. Retomemos Bergson em sua acurada reflexão sobre o riso:

O riso nasce assim como essa espuma. Ele assinala, no exterior da vida social, as revoltas da superfície. Ele desenha instantaneamente a forma movente desses abalos. É também uma espuma salgada. Como a espuma salgada, ele crepita. É a alegria. O filósofo que a toma nas mãos para sentir-lhe o gosto há de encontrar por vezes, numa pitada de matéria, certa dose de amargor. (BERGSON, p.101)

\*\*\*

A escolha do escritor Thackeray para ilustrar o último capítulo da *Doutrina*, “A arte de engolir a pílula”, esclarece um conjunto de opções literárias realizadas por Graciano Neves. Vimos que o autor percorreu o discurso filosófico-positivista e partiu de métodos científicos para, ironicamente, fundamentar sua *Doutrina*. Em seguida, fez uso de expedientes teatrais e satíricos, marcando-se como exemplar leitor de Diderot e Molière. Conhecedor de uma tradição literária, Graciano imbricou referências para saltar entre as possibilidades do teatral, cômico, e alcançar a caricatura como gesto final moralizador:

É preciso dar vivas a ponto de enrouquecer, soltar foguetes com risco de queimar os dedos, carregar lanternas venezianas nas marches aux flambeaux, acompanhar S. Exa. em excursões longínquas ou em tediosas

visitas, fazer sonolentos quartos nas moléstias oficiais, carregar defuntos etc., etc., um horror de pequenos sacrifícios que se vão adicionando surdamente até fazer uma soma espantosa de aborrecimento. (p.111)

Thackeray publicou seus ensaios satíricos sobre os esnobes no longevo *Punch*, periódico satírico britânico, e executou neles uma releitura dos Caracteres, de Teofrasto. O mesmo expediente fizera La Bruyère no século XVII, inspirando uma soma incontável de autores franceses. Em comum com Graciano Neves, estes cânones conservam as valiosas contribuições de uma sátira moralizadora. Apresentam a intenção de corrigir, ensinar, utilizar os tipos para denúncia de nossos graves vícios:

Há indivíduos de mérito real, de grande valor profissional, que estremeçam de horror, à simples suspeita de que possam passar publicamente por engrossadores. Mas, isso são verdadeiras pieguices que passam com o tempo, com a prática do ofício e com uma longa experiência dos seus efeitos.

Em todas as artes o mais acertado critério para conhecer do mérito de um processo são os seus resultados reais. (p.112)

Partindo de um trecho inicial do *Livro dos Esnobes* (1848), em que o narrador de Thackeray mostra o benefício alcançado após engolir custosa pílula com a brilhante iluminação do cinismo, Graciano faz uso de uma precisão devastadora para caracterizar a vileza da subserviência a ser praticada pelo engrossador. São detalhes implacáveis que acionam o riso do leitor como um instrumento valioso de crítica social:

Tinham presenciado esse fenômeno barológico dois graves magistrados que, há muito empenhados num irritante steeple-chase engrossatório, porfiavam na conquista

da simpatia de S. Exa. Mal tinha pousado o lenço no chão e os nossos jurisconsultos, com uma incomparável precisão de movimentos automáticos, que podia fazer honra ao soldado mais bem instruído, manobraram ao mesmo tempo erguer a cambraia de S. Exa. É fácil de adivinhar o desastre que sucedeu: - chocaram-se cavamente os dois crânios solícitos e jurídicos, com profundas contusões de parte a parte.

Um deles ressentiu-se tão fortemente do abalo, que daí por diante não pôde lavar uma decisão que prestasse. (p.109)

George Minois aponta uma manifesta deriva para o nonsense na obra de Thackeray:

A história acrescenta seu próprio toque de ironia, já que, no mesmo ano, Marx publica o Manifesto Comunista. O choque entre o esnobe e o proletário sugere que o humor inglês se afasta das realidades sociais para se tornar um jogo de espírito, uma fantasia intelectual um pouco auto-suficiente e vã. (MINOIS, p. 495)

A história também poderia ser irônica com Graciano, se não lhe guardássemos que foi com riso e também com rigor positivista, por vezes encharcado no corrosivo da ironia na defesa de estratégias de consagração, que Graciano deu à lume o panteão de reflexões presentes na bem-humorada e “bem-sucedida” estratégia de “engrossamento político”. Sua *Doutrina* são incursões que abrem espaços fundamentais para uma valorização da experiência do leitor e o seu gesto histórico de derrisão das instituições políticas de nossa república. Também marcaram a história da publicação da *Doutrina* inúmeras convulsões populares, conflitos armados e a tirania violenta dos coronéis latifundiários que dominavam a cena política. Mas, autor humanista e herdeiro de uma tradição que construiu tipos universais, Graciano Neves teve na sua

pena o contraponto ao *establishment* vigente, atacando-o em sua essência. *Doutrina do Engrossamento* é leitura que precisa ser divulgada para atestar uma crítica sem localidade, que atravessa os tempos, um riso revolucionário e promissor. Obra que se pode ler à luz do início da república brasileira e nos dias de hoje. É fonte de trabalho literário zeloso e erudito, capaz de aproximar o então jovem escritor do cânone moderno.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia:** temas e variações. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Trad. de João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador:** conversações com Jean Lebrun. Trad. de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. S. Paulo: Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Trad. de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CLAUDIO, Affonso. **HISTORIA DA LITTERATURA ESPIRITO-SANTENSE.** 2007. Projeto BIBLIOTECA DIGITAL. Disponível em: <[www.ape.es.gov.br](http://www.ape.es.gov.br)>. Acesso em: 30 dez. 2014.

CARNEGIE, Dale. **Como fazer amigos e influenciar pessoas;** tradução de Fernando Tude de Souza. 51. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. **Uma teoria da paródia:** ensinamentos das formas de arte do século XX. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1985.

MINOIS, George. **História do riso e do escárnio;** tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MARTELLI, Carla Giani. **Auto-ajuda e gestão de negócios:** uma parceria de sucesso. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Roger chartier. In: LOPES, Amrcos A.; MUNHOZ, Sidnei J. (org). **Historiadores de nosso tempo**. São Paulo: Alameda, 2010, p.301-319.

SMILES, Samuel. **Character**. 2008. PROJECT GUTENBERG EBOOK. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/2541/2541-h/2541-h.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

## **SOBRE GRACIANO NEVES**

NEVES, Graciano. **Doutrina do Engrossamento**. Rio de Janeiro: Flores & Mano, 1935. Com prefácio de Madeira de Freitas.

NEVES, Graciano. **Doutrina do engrossamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.

ELTON, Elmo. **Poetas do Espírito Santo**. Universidade Federal do Espírito Santo. Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Prefeitura Municipal de Vitória, 1982.

NEVES, Reinaldo Santos. **Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo**. Disponível em:<[http://www.estacaocapixaba.com.br/escritor\\_es/visao/mapa/](http://www.estacaocapixaba.com.br/escritor_es/visao/mapa/). Acesso em: 04 mai. 2010.

LINS, Ivan. **Coleção Brasileira - Obra: História do positivismo no Brasil** - Volume: 322 - Página: 289 Edição: 1ª, 1967.

# APÊNDICE



## DOCTRINA DO ENGROSSAMENTO, DE GRACIANO NEVES

*Mendes Fradique*

Há mais de um quarto de século era dada à estampa, numa cidade de província, a primeira edição da *Doctrina do Engrossamento*, de autoria de Graciano Neves.

Feito o sucesso a que o livro por si mesmo se impunha, foi-lhe a edição inteiramente esgotada sem que, entretanto, ao editor, que no caso era o autor, lhe acudisse a ideia de uma segunda tiragem.

E eis que trinta e cinco anos após surge a *Doctrina do Engrossamento*, pode-se dizer que sob todas as características do *vient-de-paraitre*, totalmente desconhecida dos novos, quase apagada da memória dos velhos, somente esperada com ânsia pelo círculo dos que de perto lhe conheceram o autor e deste gozaram a privança, amaram o caráter, admiraram os talentos, fruíram a cultura, sentiram a obra e ainda hoje a ela e a ele continuam a admirar, a querer, a cultuar.

E é precisamente aos que desconhecem a obra e o homem, precisamente a estes é que se dirigem estas palavras singelas, descosidas à guisa de prefácio.

Graciano dos Santos Neves, nome quase que de todo desconhecido das letras e das ciências de seu país, e apenas venerado com notabilidade no âmbito modesto da província, foi entretanto, sem que nenhum favor se lhe faça, um dos espíritos mais singulares de quantos constelam o firmamento mental do Brasil.

Talento polimorfo, ele foi vigoroso no estilo, profundo no pensamento, erudito no discurso, formoso na maneira, elegante na forma, generoso no conceito, céptico quanto devera sê-lo, sendo quem era no século em que

viveu e cuja filosofia espelhou com rara finura.

Médico de largo saber, todos os ramos das ciências médicas ou afins lhe eram familiares, e assim compunha a tríade eficiente do biólogo, do patologista e do terapeuta e como tal sabedor de como o ser vivo é, de como ele não é, e de como precisa agir para voltar a ser como é.

Biólogo profundo, patologista arguto, terapeuta previdente - eis o médico integral. que ele soube ser em toda a plenitude de sua vocação de escolápio.

Acontece, porém, que todo esse vultoso acervo de saber e da aptidão vocacional era-lhe tudo apenas como a faceta meramente profissional de sua riquíssima personalidade. E assim ele reduzia o conceito bacharelático e doutoral dos pergaminhos, de filosofia de vida em que são tidos, ao simples valor profissional que significam.

Assim, acomodando a borla e o capelo de doutor em medicina num dos mil e um escaninhos da inteligência, Graciano Neves não deixou vazios os demais. Cultivou as ciências matemáticas, a história, a filosofia, a sociologia, versou com intimidade os clássicos nas respectivas línguas originais e tratou a sua como se vê neste opúsculo satírico a que intitulou *Doutrina do Engrossamento*.

Alma de rara sensibilidade estética, ele amou e fez a música e a pintura sem nenhum constrangimento para qualquer delas. Ainda hoje vivem na memória dos que lhe foram contemporâneos os longínquos e harmoniosos ressoos daquele violino mágico, em que sonharam, ao lado do velho *vieux temps*, o divino Beethoven, o místico Massenet, o estranho Grieg.

E o tempo, essa cruel esponja sem poros, ainda não conseguiu apagar nem amarelecer de todo as lindas aquarelas despreziosamente largadas a esmo num retalho de

*cançon* e encaixilhadas em moldura hedionda na sala de visitas de algum cliente do médico ou admirador do aquarelista.

Toda essa complexíssima organização mental viveu e frutificou no ambiente da província, ora na grande aldeia que era o Rio de seu tempo, ora na pequena cidadezinha capitular de sua terra natal o Espírito Santo.

E é claro que sob a natural asfixia de tão exíguo ambiente procurasse ele respirar por todas as frestas possíveis e imagináveis, como fossem a cátedra, pelo concurso e pela regência, a imprensa, pela sua forma mais agitada que é polêmica, e muito a custo o livro, reduzido à bitola estreita de *plaquette*, que era quanto permitiam as condições econômicas locais do autor, do editor e do leitor. Tentando fora do âmbito intelectual outro divertículo de expansão de sua personalidade angustiada, ensaiou a política. Para ele isso foi o branco da madeira. Entrou sem esforço e progrediu sem obstáculo. Chegou a ser presidente do Estado, cargo que abandonou sem dizer água vai, numa bela manhã capixaba, enfarado da inconsistência circunjacente, da qual tirou três proveitos: o nojo, a experiência e a *Doutrina do Engrossamento*.

Certa vez entrou num concurso para provimento de uma cadeira de Escola Normal; tirou o primeiro lugar, a que renunciou, pois se ocupara naquela prova pública por não haver outra distração que melhor o entretivesse no viver monótono da província.

Quando deputado do Parlamento Nacional, obteve, sempre que falou, silêncio atento e respeitoso a quanto disse.

Funcionário técnico do Jardim Botânico, recebeu, em palestras na hora do expediente, a sugestão de reger uma cadeira na Escola Superior de Agricultura. No dia seguinte inscreveu-se. Fez o concurso de Botânica.

Obteve com brilho o primeiro lugar e ocupou a cá-

tedra, onde a morte o veio colher.

Sóbrio no falar, recolhido no viver, modesto no trajar, generoso no conviver, polido no tratar, encantador no discorrer, afetuoso no privar, solícito no acudir, ele não podia por vezes evitar que lhe repontasse da pessoa a farpa ferina da sátira sutil, resultante do eterno conflito entre o eu e o não eu, que nem sempre a bondade perdoadora consegue dirimir ou atenuar. Tais farpas, todavia, jamais se eriçaram ao contato dos simples de coração e de espírito, senão à presença dos fátuos e presunçosos.

Vivendo e expandindo o miasma do século XIX, ele encarnou a índole divisionista da era da análise, e se embriagou com a cocaína materialista da pandemia experimental.

Filho do pai de Augusto Comte com a mãe de Carlos Marx, ele não chegou a definir a própria genealogia filosófica, apendorando-se todavia mais para o lado paterno.

E eis em traços rápidos a notícia que importa ao momento sobre esse homem singular que, tendo por laboratório um palácio de govemo de província, e em falta de outra coisa em que se divertir, houve por bem reduzir a corpo de doutrina a sabujice de todos os áulicos junto aos poderosos de todos os tempos.

Sem pretender mais do que entreter-se num inofensivo passatempo, Graciano Neves, reescrevendo a *Doutrina do Engrossamento*, pôs-lhe tanto de veia satírica quanto daquele fino senso de humor que faz a excelência das literaturas de estirpe. Em verdade se a sátira que acera o opúsculo de Graciano é de boa têmpera, não é menos certo que a ela supera o humorismo de sutilíssimo sabor ateniense, que a nós se nos afigura como o que de mais estimável o livro contém.

Porque, insistimos em dizer: no Brasil, apesar de a terra ser “chã e mui formosa”, a ponto de “querendo-a

aproveitar dar-se-á nela tudo”, duas coisas há que nela não lograram medrar com bom viço; ao contrário têm-se dado muito mal: o pronome e o humorismo.

De resto o que por aí se chama baratamente de humorismo não passa na realidade de grosseira veia cômica.

Humorismo é flor delicada da estufa das supercivilizações, flor de penumbra, que não pode vicejar no húmus quente e selvagem do trópico, de cuja exuberância se erge, numa erupção ciclópica de instintos vegetais, toda a pré-antrópica e pujante brenha da Amazônia.

No Brasil, país criança que ainda não teve de sedimentar estirpes culturais, o humorismo é planta difícil como o *edelweiss* das geleiras alpinas.

Porque afinal o humorismo é um acorde mavioso de mágoa e ironia, segredado ao ouvido da inteligência, e conseguindo apenas fazer sorrir com o sorriso perdoador do bom Dickens, envolvendo sempre a evidência de um fracasso no bálsamo de uma generosidade que só ao espírito é dado possuir e usar.

O humorismo é o fruto requintado de vários séculos de dor, sofrida e curada através de instantes heroicos e altemados de miséria e de glória.

Eis o que é o humorismo. a que por aí há com o rótulo de humorismo é o espoucar subalterno de veia cômica, escancarando essa coisa ao mesmo tempo hedionda, inefável e trágica que é a gargalhada de um burguês em convulsões da mais viçosa e fecunda boçalidade.

Humorismo é néctar do cérebro; literatura cômica é a seiva da medula, a gororoba de pensão da rua Larga, que engorda, enrija, mas não engendra nem o poema nem o perdão.

O humorismo tem objeto no contraste direto entre

o que é e o que deverá ser. Ora, no Brasil, como em todas as nações de sua idade mental, tudo é precisamente como não deverá ser, de modo que se toma impossível esse contraste e, portanto igualmente impossível o humorismo.

Se nós segredarmos ao ouvido alemão de Von Papen que na América do Sul há um país em que se construiu uma grande avenida e que, durante essa construção, o único prédio que ruiu por erro de técnica foi o do Clube de Engenharia, é claro que o fidalgo do Sarre sorrirá à ficção da anedota; mas aqui o caso não é para rir, nem é ficção, mas é verdade, foi o que de fato aconteceu, e contra o que a anedota não pode dar contraste e, portanto, não engendra o sorriso do *sense of humour*.

Já o mesmo não se dá com a sátira, mais medieval, mais troglodítica, fere o topo, embora com anestesia, mas fere objetivamente sem a menor intenção de fazer sorrir.

A sátira é romana como os sanhudos latagões de Pompeu; o humorismo é ateniense como os sutis homens do convívio de Péricles.

Ora, a *Doutrina do Engrossamento* contém sátira em ouro de bom quilate, mas excelente sobretudo pelas gemas que nela fulguram e que são os laivos de suave humorismo.

A sátira de Graciano castiga os homens; o seu humorismo conversa com os deuses.

Seja como for, esse livro codifica a sabujice áulica dos que, desiludidos da força do direito da força, deslizam por um terceiro caminho em busca das delícias do poder.

Adulam com tal arte que dela se fazem virtuosos e, como tais, criam um certo mérito de dirimência com que lubrificam a cerviz e exornam perante os pósteros toda a baixeza de sua trajetória política.

Assim de muitos diz-se que foram hábeis políticos,

quando foram apenas invertebrados ventrigados de humilde condição zoológica.

E foi sobre o caráter desta fauna rasteira e por vezes brilhante que o autor deste livro fundou a luminosa filosofia do engrossamento, cujos conceitos e preceitos reduziu a corpo de doutrina, marcando com isso o estigma político de uma época.

Se Graciano Neves vivera hoje, teria escrito por certo um outro livro não menos curioso e muito mais alentado: “Doutrina do despistamento”.

Rio de Janeiro, 20 de abril, 1935.

*MADEIRA DE FREITAS (Mendes Fradique)*

